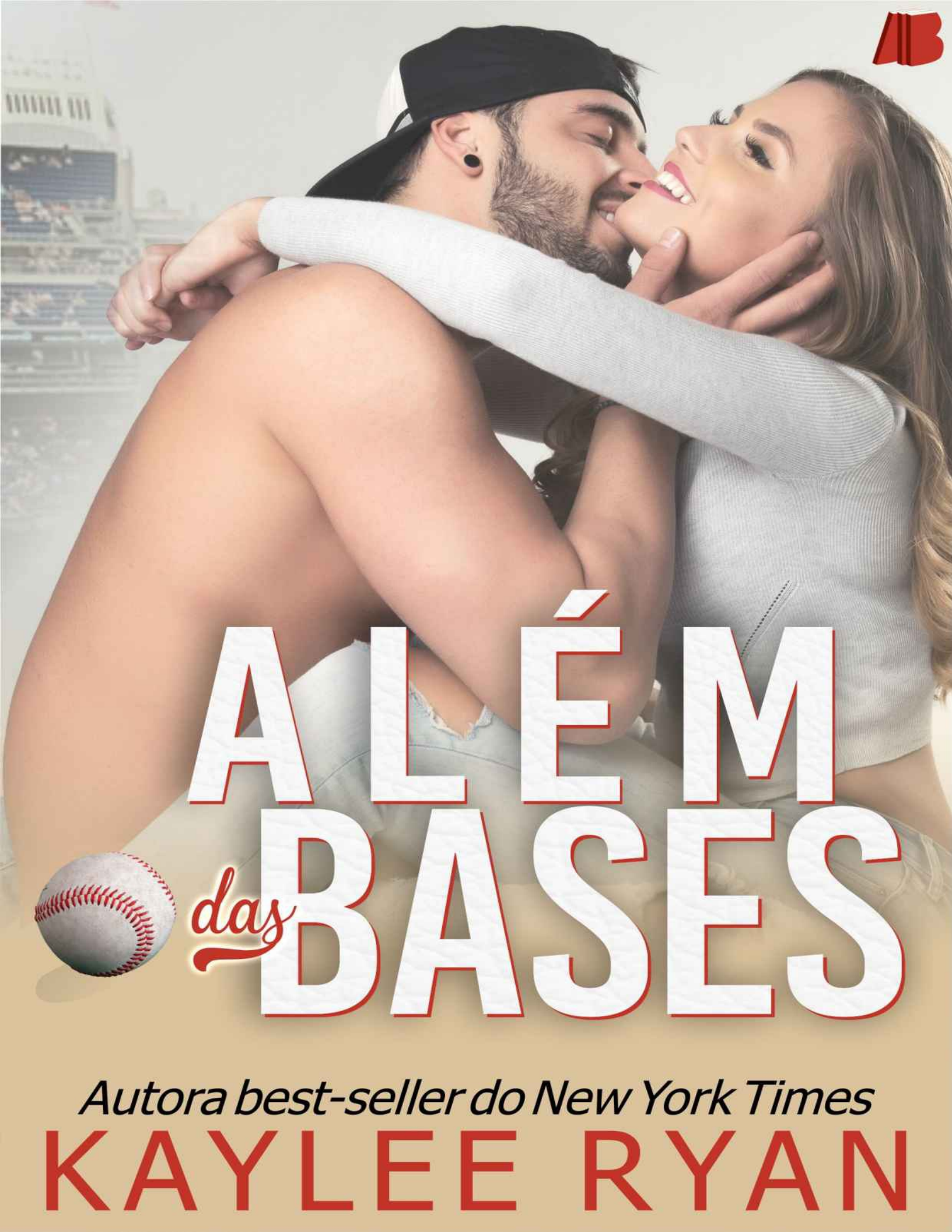


ALÉM das BASES

Autora best-seller do New York Times

KAYLEE RYAN

ALÉM das BASES

KAYLEE RYAN

TRADUÇÃO: ALICE J. SILVA

1ª EDIÇÃO
RIO DE JANEIRO

ALLBOOK EDITORA

Todos os direitos reservados
Copyright © 2019 by AllBook Editora.

Direção Editorial: *Beatriz Soares*
Tradução: *Alice J. Silva*
Preparação e Revisão: *Alline Salles*
Projeto de Capa Original: *Sommer Stein, Perfect Pear Creative Covers*
Fotografia de Capa: *Sara Eirew*
Adaptação da Capa: *Flavio Francisco*
Projeto Gráfico e Diagramação: *Cristiane Saavedra* | CS Edições

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros. Os direitos morais do autor foram declarados.

Esta obra literária é ficção. Qualquer nome, lugares, personagens e incidentes são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou estabelecimentos é mera coincidência.

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
(Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Bibliotecária responsável: Leandra Felix da Cruz CRB-7/6135

R955a
Ryan, Kaylee
Além das bases [recurso eletrônico] / Kaylee Ryan ; tradução Alice J. Silva. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Allbook, 2019.

Tradução de: Beyond the bases
Formato e-Pub
Requisito do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: word wide web
ISBN: 978-65-80455-21-8 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Silva, Alice J. II. Título.

CDD 869.3
CDU 82-31(73)

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À
ALLBOOK EDITORA
contato@allbookeditora.com
HTTPS://ALLBOOKEDITORA.COM





CAPÍTULO 1

Easton

VIRO A GARRAFA NOS LÁBIOS ENQUANTO OUÇO MEU MELHOR AMIGO E COMPANHEIRO DE TIME, Andrew Milton, “Drew”, falando sobre a garota que ele pegou enquanto estávamos na estrada.

Drew é um pegador nato. Ele pega garotas em todas as cidades.

— Estou te dizendo, East, você não sabe o que está perdendo — ele diz, antes de terminar sua cerveja.

— Estou aqui de boa, sozinho — lembro a ele.

— De boa — ele repete as palavras, como se nunca as tivesse ouvido. — De boa na lagoa. — Ele sorri, mostrando as raízes do Alabama. — Só alto nível, à vontade, é disso que estou falando.

Meus lábios se curvam em um sorriso. Não posso evitar.

— Só porque não transmito isso, não significa que não esteja entendendo. — Embora ultimamente eu esteja em um período de seca, não posso deixar de me perguntar o que seria ter apenas uma mulher. Alguém em que confio e me apoie, independentemente do meu trabalho. Alguém que me queira, não pelo saldo da minha conta bancária.

— Certo. — Ele ri. — Quanto tempo se passou? Semanas? Meses? Porra cara, seu pau vai cair se não usar.

— Está se ouvindo? — pergunto, me divertindo. — Meu pau está bem, muito obrigado.

— Se você está dizendo. — Ele sai da mesa. — Quer outra?

— Quero. — Pego minha carteira, mas ele acena, me ignorando, indo em direção ao bar.

Shorty é um lugar discreto aqui em Nashville. É fora do comum, e os clientes, assim como o proprietário, não dão a mínima se os jogadores do Blaze ficarem por aqui. É precisamente por isso que fazemos isso. Os fãs são ótimos e, sendo o filho do lançador de estrelas do Houston Flash, não sou novo no *status* de celebridade. Quando assinei com o Blaze, eu era tudo para ele, atraindo todas as atenções. Eu tinha dezoito anos e fui direto para a grande liga. Estava vivendo o sonho, ou foi o que pensei. O beisebol é minha paixão desde que eu era criança. Tenho a honra de poder jogar o esporte que mais amo na vida. O resto, a atenção e as conexões… essa merda fica chata rapidamente.

Tenho sorte por meu pai ter me ensinado tudo o que ele sabe. Não só sobre o esporte, mas também sobre a indústria. Não enlouqueci como alguns dos outros novatos. Tive meu quinhão de diversão, mas alguns desses caras criam um esporte próprio. Papai era um homem de família. Tenho certeza de que, antes de conhecer a mamãe, ele era selvagem e louco, mas essas histórias estão enterradas debaixo de uma rocha em algum lugar.

Termino minha cerveja e fico olhando pelo bar escuro. O pessoal de sempre está jogando sinuca em uma mesa tão velha quanto eu. Há fita adesiva em volta das pernas, segurando tudo. Mais à esquerda, o alvo de dardos está um pouco torto, mas ninguém parece se importar. Eles continuam jogando dardos toda noite. Há várias mesinhas redondas e cadeiras com pernas bambas. O bar em si também é de madeira, com aparas e entalhes no interior da madeira.

Há uma única TV de tela plana que paira sobre o bar. Quase sempre, você encontra algum tipo de jogo passando nela. Billy, o dono, é maluco por esportes. Quando comecei a jogar no Blaze, e os caras me convidaram para uma bebida, eles me garantiram de que ninguém iria nos incomodar. A princípio, não acreditei, afinal, nós éramos o Blaze, mas eles estavam certos. Billy, aparentemente, ameaçou expulsar alguém anos atrás que incomodou algum jogador do Blaze. Ao longo dos anos, alguns novatos tentaram aprontar, mas ele é o primeiro a colocá-los em seus devidos lugares ou os colocar para fora. É bom ter um lugar para relaxar e não ter que lidar com uma multidão.

Meus olhos passam pela porta e depois voltam. Duas mulheres que nunca vi acabaam de entrar. A gente vem muito aqui, aproveitando o anonimato e tudo o mais. Muito raramente há um rosto que eu não reconheça, e nenhum deles tão lindo quanto esses dois.

— O que você está… ? — A voz de Drew desaparece quando ele segue meu olhar. — Droga.

Ambas são lindas, mas não consigo tirar os olhos da morena. Vejo como a amiga enrosca o braço nela e a guia para o bar.

— Eu gostei da… — Drew começa, mas eu o interrompo.

— A morena é minha — digo, sem lhe dar chance.

— Claro que sim. — Ele bate as mãos, esfregando-as. — É disso que estou falando.

Não dignifico sua reação com uma resposta. Em vez disso, as observo. A amiga loira pede as bebidas, e fico surpreso quando recebem uma garrafa de cerveja, cada. Meu tipo de garota. Elas se viram para procurar uma mesa, e Drew se levanta e vai até elas.

— Gostariam de se juntar a nós? — Eu o ouço perguntar. Drew não sabe o significado de voz interior.

A loira imediatamente acena, enquanto a morena parece um pouco em dúvida. Ela, no entanto, segue a amiga até a mesa.

Eu me levanto para cumprimentá-las, esticando a mão para a loira primeiro.

— Easton — digo, apertando a mão dela.

— Chloe, e esta é a Larissa. — Ela libera minha mão e sinaliza em direção à morena.

— Oi — digo, minha voz mais grave do que eu gostaria. — Easton.— Ofereço a mão para a adorável Larissa. Que é macia e suave, um contraste com a minha, que é dura e calejada de anos jogando bola. Lembrando minhas maneiras, puxo a cadeira para ela. Ela me olha com ceticismo, mas senta.

— Então, as senhoritas são novas na cidade? — Drew pergunta.

— Não, vivo aquei desde que nasci — diz Chloe.

— E você? — pergunto a Larissa.

— Também. Nascida e criada — diz ela com um leve sorriso.

— Nunca vi você aqui — digo a ela.

Ela enfia uma mecha de cabelo atrás da orelha, e posso ver um ligeiro tremor em suas mãos.

— Não saio muito.

— É, tive que implorar para ela vir comigo esta noite — acrescenta Chloe.

— Não é muito de frequentar o bar? — pergunto a Larissa. Sei a resposta, apenas por suas reações. Ela não é uma bagunceira que está brincando de ser tímida; realmente não parece estar confortável aqui.

— Tenho outras obrigações — ela responde.

— Então, você vem muito aqui? — Chloe pergunta.

— Pode-se dizer que sim. — Drew sorri. Ele é evasivo, mas seu sorriso me diz que ele sabe que, se essa garota tentar persegui-lo aqui, Billy, também conhecido como Baixinho, vai colocá-la para fora.

Mantenho a atenção focada em Larissa.

— Então, o que você faz?

— Sou garçonete. E faço faculdade, lentamente — acrescenta ela.

— Qual é seu curso?

Ela é quieta e não disputa minha atenção, algo com que não estou acostumado.

— Contabilidade. Sou boa com números. — Ela encolhe os ombros antes de tomar um gole de sua cerveja. — E você?

Penso se devo ou não dizer a ela a verdade, mas ela não parece fanática, como muitos outros. Decido dizer a verdade.

— Eu jogo beisebol.— Ela levanta as sobrancelhas. Jogo a cabeça para trás e dou risada. — Verdade. Jogo na primeira base, para o Tennessee Blaze.

Ela olha para mim e depois para Drew e Chloe.

— O que foi? — Drew pergunta.

— No que você trabalha? — ela pergunta a ele.

Ele olha para mim e eu dou-lhe um aceno sutil.

— Jogo na terceira base, para o Tennessee Blaze.

Drew está pouco se fodendo quanto a gritar a plenos pulmões sobre o que fazemos. Eu, por outro lado, às vezes gosto de ser apenas Easton. Na minha família, é assim que as coisas funcionam. Não importa qual seja sua profissão, você ainda é apenas um dos Monroes.

— Eu posso conseguir ingressos para um jogo — digo a ela.

— Uhuh. — Ela acena com a cabeça, um pequeno sorriso brincando em seus lábios.

Ela não acredita em mim, e tudo bem. O que é mais importante é mantê-la falando. Preciso saber mais sobre ela. Por exemplo: as mechas castanhas dela com um toque de ouro são tão macias quanto parecem? Como será a sensação de seus lábios pressionados aos meus? Como ela é sob todas aquelas roupas? Isso é um começo, mas estou intrigado com a beleza de cabelos castanhos que está cursando faculdade e com quais são suas outras obrigações que a impedem de frequentar os bares.

— Então, em qual restaurante você trabalha?

— The Vineyard — responde ela, sem tirar os olhos da garrafa de cerveja, onde está, no momento, descascando o rótulo.

Assobio.

— Lugar legal. Já estive lá algumas vezes. — Isso me faz concordar, mas é só isso. O que é preciso para chegar a essa garota? Olhando do outro lado da mesa, vejo Drew se aproximando de Chloe, e eles estão conversando. O que há em Larissa que está me tirando do jogo esta noite? Terminando a cerveja, eu me levanto. — Alguém pronto para outra? — Drew ergue dois dedos, e sei que ele também está pedindo para Chloe. — Você? — pergunto a Larissa.

— Eu não deveria — diz ela, levantando a garrafa e tomando o último gole. Vejo, quando ela inclina a cabeça para trás, seu longo pescoço e garganta expostos. Meus lábios doem para beijá-la, para saborear sua pele.

Inclinando-me, coloco meus lábios ao lado de sua orelha e sussurro:

— Já volto.

Ela não consegue esconder o jeito que seu peito infla com a respiração pesada, ou a maneira como arrepios surgem em sua pele. Vou até o bar e peço quatro garrafas de cerveja, o tempo todo tentando esconder meu sorriso. Ela está mais afetada do que deixa transparecer. Quando me viro para voltar para a mesa, vejo que as garotas sumiram.

Rapidamente, examino o bar e as encontro encolhidas sobre a velha jukebox no canto.

— Então, sua garota é gostosa — diz Drew, quando coloco duas garrafas de cerveja na frente dele.

— O nome dela é Larissa — lembro a ele.

Ele levanta as mãos, como se não quisesse me ofender.

— É bom ver você de volta no jogo, irmão — diz ele, antes de tomar um longo gole de sua garrafa.

— Eu não voltei ao jogo. Não é um jogo e, se fosse, poderia dizer que nunca saí. Não faço namoro e pegação serem um esporte.

— Agora não.

Ele tem razão. Quando eu era novato, eu fazia essa merda, mas isso é passado, e é difícil ouvir a mamãe ligar e perguntar sobre "todas as mulheres". Odeio ouvir a decepção em sua voz. Ouvi histórias sussurradas sobre meu pai e meus tios e suas travessuras toda a minha vida, mas nunca vi isso realmente.

Eles sempre foram loucamente apaixonados por suas esposas. Meus avós são do mesmo jeito também. Cresci cercado por casais que são muito felizes. Eu me diverti, não que seja contra a ter mais disso, mas um dia gostaria de encontrar alguém para levar para casa e para minha família.

— Boa escolha — diz Drew, quando as garotas se juntam a nós. É uma música antiga do Aerosmith, "Dream On", que você não consegue deixar de cantar junto. Chloe aponta para a mesa.

— Isso é culpa da Larissa. Ela é a guru da música.

— Qual é seu gênero favorito? — pergunto.

Ela sorri para mim.

— Tudo. Bem, não sou muito fã de heavy metal, me dá dor de cabeça. Fora isso, sou fã de tudo.

— Mesmo? Você vai a muitos shows?

— Na verdade, não. Não tenho tempo.

Quando a música muda para "Middle of a Memory", de Cole Swindell, não consigo lutar com meu sorriso. De pé, ofereço a mão para Larissa. Drew se levanta e faz o mesmo com Chloe.

— O quê? — Larissa pergunta, seus olhos verdes olhando para mim.

— Dance comigo.

Ela olha em volta nervosa.

— Não tem pista de dança.

— Não importa. — Drew e Chloe vão para o canto escuro, deixando-nos sozinhos. — Dance comigo — repito.

Relutante, ela coloca a mão na minha e me permite guiá-la para o mesmo canto em que Drew e Chloe desapareceram. Com minhas mãos em seus quadris, eu a puxo para perto e balanço com a música. Escuto a letra e penso sobre como ela se identifica comigo, conosco, neste exato momento. Há algo sobre essa garota que me prende.

— Sinto que todo mundo está nos observando — diz ela, olhando ao redor.

— Ei — sussurro, e espero até que ela esteja olhando para mim. — Não há ninguém te observando, além de mim. Somos apenas nós, aqui e agora. Criando memórias. — Pisco, e os lábios dela se curvam em um sorriso.

— Você é sempre tão encantador? Ou apenas quando está à espreita?

— À espreita? — Esta menina é uma bola explosiva.

— Sim, não é isso que está fazendo? Tentando me adoçar, então, quando me pedir para ir para casa com você mais tarde, eu vou de bom grado?

— Está sugerindo que eu te forçaria a ir, mesmo que não quisesse?

— De modo nenhum. Eu só quis dizer que, se for doce e encantador, supõe que minha resposta seja sim.

— Seria? — Sei que a resposta é um ressonante não.

— Não.

— Ainda bem que não é o que estou fazendo então, hein? — Dou a seu quadril um aperto suave.

— Certo. — Ela ri. — Sou a primeira base do Tennessee Blaze, e estamos criando memórias — ela murmura, zombando de mim.

Não me incomodo de esconder meu sorriso.

— Então, acha que isso é tudo conversa, só para levá-la para minha cama?

Ela encolhe os ombros.

— Se a carapuça servir.

— Nós nos encaixamos — digo, puxando-a com força contra mim.

O cheiro sutil de baunilha quente ataca meus sentidos. Suas mãos, que estavam descansando contra o meu peito, passeiam ao redor do meu pescoço. Eu poderia pegar meu celular, digitar meu nome no mecanismo de busca e provar que ela estava errada, mas não o faço. Em vez disso, canto junto com a música, minha voz baixa o suficiente para ela ouvir. Gosto do pensamento de ser apenas Easton para ela. Gosto muito.

Quando a música acaba, não a solto. Ela que terá que quebrar essa conexão. Já faz muito tempo desde que uma mulher em meus braços me fez sentir tão bem. Então, novamente, será que já senti

isso? Chloe aparece ao nosso lado e puxa Larissa com ela para o banheiro. Eu as vejo desaparecer no corredor, depois volto para a nossa mesa. De volta à mesa, Drew coloca três cervejas frescas, mantendo a quarta para si.

— Estamos nos preparando para sair — diz ele.

— Você e Chloe? — esclareço. Não vou sair daqui com a Larissa.

— Sim — diz ele, estalando e sorrindo como um idiota. — Tenho certeza de que elas estão discutindo agora.

— Pronto? — Chloe pergunta, se esgueirando.

— Comprei outra para você. — Drew aponta para as três garrafas na mesa. Eu ainda nem terminei a minha.

— Vamos largar Larissa na casa dela — ela diz, ignorando a cerveja.

— Eu posso levá-la — ofereço. — Só bebi duas. — Aponto para as garrafas na mesa.

— É muita gentileza sua, mas não é necessário.

Eu me levanto e agarro a mão dela.

— Eu gostaria de levar. — Não estou pronto para me separar dela.

Ela me dá um sorriso, um que diz: "Agradeço a oferta, mas isso não vai acontecer". Suas palavras confirmam o olhar.

— Agradeço a aferta, mas não precisa. Nós moramos no mesmo condomínio, então seria uma viagem perdida.

— Posso te ver de novo? — pergunto a ela.

— Não acho que seja uma boa ideia.

— Você está saindo com alguém? — *Por favor, diga que não.*

— Não.

— Poderíamos jantar — sugiro.

— De verdade, eu tenho outras obrigações. — Ela encolhe os ombros.

Derrotado, vejo as garotas se virarem e irem embora.

— Te vejo mais tarde — diz Drew, terminando a cerveja e colocando a garrafa vazia na mesa. Ele não comenta que estou sendo dispensado.

Eu os vejo ir, me perguntando se devo ir atrás deles, atrás dela, e tentar novamente. Não é frequente nesta cidade que as pessoas não me reconheçam, seja por causa da minha família ou da minha carreira. Ela é como uma maldita agulha num palheiro. Uma que eu nunca encontrarei novamente.



CAPÍTULO 2

Larissa

— AINDA NÃO CONSIGO ACREDITAR QUE VOCÊ O DISPENSOU — DIZ CHLOE.

Já faz uma semana desde que a deixei me convidar para sair à noite, e é isso que tenho ouvido todos os dias desde então.

— Você sabe que não tenho espaço para mais complicações na minha vida.

— Complicações — ela zomba. — Eu não disse para se casar com o cara, você deveria ao menos experimentar, por assim dizer, e confie em mim, se ele é parecido com o amigo, realmente vai querer experimentar. — Ela pisca.

— Estou bem, obrigada — digo, revirando os olhos.

— Estou preocupada com você.

— Chloe, estou bem. Meus dias estão completos agora, e estou bem com isso. Tenho um plano. Preciso terminar a faculdade. Quero mais que isto. — Sinalizo para o cômodo, com a minha mão. Chloe e eu trabalhamos no The Vineyard, um restaurante de luxo aqui em Nashville. É um bom dinheiro, mas as noites e fins de semana são cansativos. Acrescente obrigações estudantis e familiares e, bem, não há muito tempo para mais nada.

— Sei que você quer. Nós duas queremos. Você está trabalhando até os ossos, tentando fazer tudo sozinha.

— E que escolha eu tenho? — eu a corto. Não quero ser rude com ela, mas ela sabe o quanto as coisas estão malucas para mim agora.

— Olha, Larissa, me desculpe. Você é a pessoa mais forte e dedicada que conheço. Só quero te ver feliz.

— E acha que ficar com algum cara aleatório em um bar, que afirma ser um grande jogador da liga de beisebol, me deixará feliz?

— O que você quer dizer com "afirma ser"? Eles são — ela me informa.

— Só pode estar brincando comigo. Por favor, não me diga que você caiu nessa história?

— Baby, odeio ser estraga prazeres com você, mas está errada nesta.

— Ei, Larissa, acabei de acomodar uma mesa para quatro pessoas em sua seção — Tara, a anfitriã, me informa.

Tem sido uma noite lenta até agora, então, estou agradecida por ter algo a fazer para fugir da inquisição de Chloe.

— Obrigada, Tara. Quanto a você — aponto para minha melhor amiga —, não acredite em tudo o que eles dizem.

Ela ri.

— Vá buscar seus pedidos de bebida e, quando voltar, eu terei uma prova. — Ela segura o telefone.

— Você não tem mesas para servir ou algo assim?

— Não. Vou sentar aqui e preparar minha prova.

Balançando a cabeça, vou para minha mesa de quatro pessoas. Eu bloqueio minha conversa com Chloe e coloco um sorriso no rosto.

— Bem-vindos ao Vineyard. Sou a Larissa e serei sua garçonete — eu digo, enquanto viro meu bloco de pedidos para uma página limpa a fim de anotar seus pedidos de bebida.

Quando olho para cima, meu sorriso vacila um pouco, depois volta e eu me corrijo.

— Ei, Ris. — Easton sorri para mim. — Bom vê-la aqui. — Seu sorriso é contagiante.

— É bom te ver de novo — digo, então olho para os outros três caras. Eles são todos fortes e lindos. — Drew. — Sorrio para ele. — Esta noite temos costela assada. — Começo a dizer-lhes o especial do dia, ignorando meu coração, que bate rapidamente. — Posso começar com as bebidas? — Começo da direita para a esquerda, terminando com Easton. — Olhem o cardápio com calma. Já volto com as bebidas.

Lentamente, me viro e vou embora. Quando estou fora de vista, corro para o quarto dos fundos, onde Chloe e eu estávamos fazendo uma pausa. Apoiando as costas na parede, fecho os olhos e meu coração se acalma. Quais são as chances de ele aparecer aqui?

— Ei, pegue um… — A voz dela some quando vê meu rosto. — Você está bem?

— Oh, você não imagina, o Easton, Drew e outros dois caras perturbadoramente lindos estão na minha seção.

— Droga. Você tem muita sorte. Vou ter que passar e dizer olá ao Drew. Talvez ele queira sair hoje à noite. Enfim, olhe para isso. — Ela empurra o telefone na minha cara.

Leva um minuto para meus olhos se concentrarem, mas, quando isso acontece, minha boca se abre. Ali, na minúscula tela, está uma foto de Drew e Easton combinando em uniformes do Tennessee Blaze. Meus olhos examinam o artigo rapidamente. É do ano passado, quando eles ganharam a World Series. Puta merda!

— E acredito que seja agora que eu digo que te avisei. — Ela ri.

— Ok, então ele foi honesto sobre isso, mas, vamos lá, Chloe. Pense sobre isso por um minuto. Caras como eles podem ter quem quiserem. Por que alguma estranha aleatória em um bar? Ah, é verdade, eles querem afogar o ganso. No caso, você levou Drew para casa.

— Com certeza levei, e foi in-crí-vel. Você precisa de um pouco de dicersão na sua vida, Larissa. Retire as teias de aranha. — Ela sorri, colocando o celular de volta no bolso.

— Ei, Chloe, mesa com dois — Tara anuncia a caminho da cozinha.

— Pode ser que eu tenha que pegar o caminho mais longo para minha seção — diz ela, caminhando para longe.

Eu a vejo ir, ainda em descrença que Easton joga para o Blaze. Sacudindo-me dos meus pensamentos, pego as bebidas, faço cara de paisagem e volto para a mesa deles. Posso sentir seus olhos em mim enquanto distribuo as bebidas.

— Estão prontos para pedir? — Novamente começo pela esquerda, ignorando seu olhar penetrante. Concentro-me em anotar os pedidos, depois me dirijo a Easton. — E você? — pergunto educadamente.

— O que recomenda?

— As costelas assadas são uma excelente escolha. Também temos um ótimo lombo. Desfia fácil com o garfo — digo a ele, meu discurso habitual.

— Vou querer o lombo — diz ele.

— Pequeno ou grande?

— Grande.

— Como você gostaria?

— Bem passado. Batata assada, manteiga e molho, brócolis e salada com molho ranch.

Trato de escrever seu pedido, sabendo que ainda está me observando. Quando olho para cima, ele está sorrindo com os cardápios na mão.

— Aqui está. — Ele os entrega para mim.

— Estarei de volta em alguns minutos com as saladas.

Corro para fazer o pedido e tirar uma folga de seu olhar. No computador, entro no pedido deles e coloco os cardápios de volta na cesta, mas algo me chama a atenção. Abrindo o menu superior, encontro um pedaço de papel com um número e uma pequena bola de beisebol voando através das chamas. Blaze.

Não posso deixar de rir da sua dica. Claro, ele não poderia escrever seu nome. Seu número caindo nas mãos erradas seria um pesadelo para ele, tenho certeza. Não é o logotipo oficial do Blaze, mas eu entendi.

— Mesa com um — diz Tara, sorrindo.

Rapidamente, enfio o papel no bolso e vou para minha mesa. Sorrio quando vejo o Sr. Brown. Ele vem sempre, um viúvo que perdeu sua esposa depois de quarenta e oito anos de casados. Vem aqui uma vez por semana para jantar. Ele me contou como esse era o lugar favorito dela na cidade para comer, então vem aqui por ela. Um dia, quando a vida desacelerar e eu sentir que tenho um minuto para respirar, quero encontrar um amor assim.

Anoto o pedido do Sr. Brown e corro para pegar sua bebida. Examino a mesa de Easton e vejo como eles estão bebendo sem parar. A comunicação mínima é fundamental aqui. Pego um refil para cada um deles, assim como o chá doce do Sr. Brown e água com limão, e os coloco na minha bandeja.

— Que tal um refil? — pergunto. Não faço contato visual com nenhum deles enquanto coloco suas bebidas na mesa.

— Obrigado, Ris. — Easton sorri.

Tudo que posso fazer é acenar e tentar agir como se o sorriso dele não fizesse a minha barriga tremer. Enquanto vou para a mesa ao lado, penso no quanto gosto como ele encurta meu nome, mas nunca vou lhe contar isso. Sempre fui Larissa, para minha família e amigos.

— Aqui está, Sr. Brown. Sua salada deve sair em breve.

— Obrigado, querida. — Ele sorri gentilmente.

Enquanto caminho de volta pelo salão, sinto uma mão agarrar a minha, me impedindo de andar. Olhando para baixo, vejo Easton segurando minha mão.

— Que horas você sai hoje? — Seus olhos castanhos estão implorando pela resposta.

Seus amigos fazem algumas piadas indecentes por sua pergunta e, sinceramente, é difícil, para mim, não sorrir também. Ele meio que ri também. Sacode a cabeça e dá a eles o que imagino ser um olhar de “cale a boca” antes de se virar para mim.

— Podemos tomar um café ou qualquer outra coisa depois?

— Não posso. Mas obrigada.

Puxo minha mão da dele e vou embora correndo de volta para o lounge, como gostamos de chamá-lo. É realmente apenas um lugar para a equipe esperar, então não somos vistos pelo lado de fora. Temos telas nas paredes que mostram nossos clientes, fazendo com que não tenhamos que ficar perambulando: as vantagens de um restaurante sofisticado. Apoiando as costas na parede, respiro fundo e exalo lentamente.

— O que foi? — Chloe pergunta.

— Você precisa assumir a minha mesa — digo a ela. Ele é sexy demais, charmoso demais e eu não posso me permitir esse tipo de distração.

— Não posso. Eu tenho uma mesa com oito. Você sabe como isso é confuso, mudando no meio. Por quê? O que aconteceu?

— É Easton. Ele está determinado a continuar me convidando para sair. Me deu seu número escondido em um dos cardápios, em seguida, me parou quando eu estava andando, me perguntando se queria sair para tomar café quando meu turno acabar.

Claro que, sim, eu quero ir. Não há uma mulher no planeta que não queira ir. Eu, no entanto, não posso ser distraída por ele. Agora não. Tenho muita coisa acontecendo na minha vida para me apaixonar por algum atleta famoso, apenas para ter meu coração partido no final. Não tenho tempo para coração partido, muito menos para jogos. Minha vida é complicada demais para isso.

— E você disse que sim, certo? — ela pergunta, esperançosa, mas posso ver em seus olhos que ela já sabe minha resposta.

— Você sabe que não posso.

— Sei que você pode, mas se recusa. Tem que viver a vida, Larissa. Meu medo é um dia você acordar e se perguntar como poderia ter sido.

— Claro que poderia ter sido uma dor de cabeça deixar um atleta famoso me enganar e pensar que eu poderia ser o suficiente para ele — zombei.

— Você o conhece? — ela me desafia.

— Você sabe que não.

— Então não sabe quais são as intenções dele. Não sabe que tipo de cara ele é. Você sabe o que ouviu sobre atletas como ele, mas sei que você é inteligente o suficiente para entender que os tabloides imprimem uma merda completa. Escute, preciso ir à minha mesa, mas você precisa pensar sobre isso. Dê a ele uma chance e sinta a situação, antes de chegar à conclusão de que ele é um jogador dentro e fora do campo.

Eu a observo se virar e ir embora.

Sugando uma respiração profunda, eu me recomponho. Tenho que servi-los até que eles desapareçam, então vou ter que lidar com isso. Ele vai embora quando eles terminarem, aí tudo ficará bem no meu mundo. Embora, neste momento, pareça que meu mundo está inclinado em sua direção e um movimento errado poderia me fazer cair em um abismo.



CAPÍTULO 3

Easton

— Ela dispensou você, Monroe — diz Carr, antes de morder o punho para não rir.

— Sim, seus babacas, vocês não ajudaram muito — resmungo. Eu deveria saber que não seria bom trazê-los aqui.

— Foi ela que você conheceu naquela noite? — Fisher pergunta.

Assinto. Eles sabem que conheci uma garota e fui dispensado, graças a Drew. Ele, é claro, tem se gabado durante toda a semana que levou sua amiga Chloe para casa e que eu tomei um fora. Tive que ouvir seu replay todo maldito dia, quando tudo que eu queria fazer era vir aqui, para ver se ela estava trabalhando. Apenas querendo uma chance de vê-la novamente. Uma chance de fazê-la mudar de ideia.

— Aqui está — diz Larissa, aparecendo ao nosso lado. Tão perdido em meus pensamentos sobre ela, não percebi que ela estava aqui. Serve cada um de nós e se afasta da mesa. — Posso servi-los em algo mais?

— Sim — diz Fisher. — Você pode, por favor, tirar o nosso garoto aqui da miséria e sair com ele? Ou, pelo menos, dar o seu número?

Um sorriso suave atrai seus lábios. Ela abre a boca para responder, e seus olhos encontram os meus. Ela olha para mim, como se estivesse tentando montar um quebra-cabeça, mas não tem todas as peças.

— Confie em mim, Easton. — Sua voz é suave, quase frágil, como se uma palavra errada pudesse quebrá-la. — Tenho mais coisas acontecendo na minha vida do que você imagina. Sou uma perda de tempo. Deveria se concentrar em outra pessoa. — Essa última parte é sussurrada tão baixo que mal posso ouvi-la.

— E se eu não quiser mais ninguém?

Tenho plena consciência de que estamos em um restaurante lotado e que as pessoas estão assistindo. Tenho mais do que certeza de que, provavelmente, isso acabará nos tabloides amanhã. Também sei que não dou a mínima para nada disso. Tudo o que me importa é que ela acredite que estou falando sério quando digo que quero conhecê-la. Estou atraído por ela. Sinto necessidade de saber mais sobre ela. E também o desejo.

Ela balança a cabeça, como se não acreditasse no que eu disse.

— Talvez não — ela finalmente diz. — Mas você também não me quer. — Ela se recompõe e olha para meus três companheiros de equipe. — Voltarei com alguns refis — ela os informa, antes de virar e ir embora.

— Ela é osso duro de roer — diz Carr.

— A amiga, nem tanto — acrescenta Drew.

— Ei, pessoal — sua amiga nos cumprimenta. Chloe sorri para Drew antes de fazer contato visual com cada um de nós.

— Ei, linda — Drew a cumprimenta, estendendo a mão e agarrando a mão dela.

— Em que tipo de encrenca vocês estão se metendo esta noite? — ela pergunta.

— Nenhuma — asseguro a ela. — Apenas jantando.

Ela ri.

— Certo. Já ouvi isso antes. Está dificultando para minha amiga? — ela me pergunta.

— Na verdade, ela está dificultando para ele — Fisher diz. — Ajude o cara a sair, vai? Ele tem passado mal a semana toda desde que ela o dispensou e, depois da perda de hoje, estou com medo de que ele fique complexado.

Chloe volta sua atenção para mim.

— Não desista. — Ela olha por cima do ombro, depois de volta para mim. — Tem muita coisa acontecendo na vida dela. E ela está muito cansada. Se você é sério e quer conhecê-la, não desista.

Sua atenção é desviada, quando Drew pergunta:

— A que horas você sai?

— Não sei, você me diz — ela flerta de volta.

Ele joga a cabeça para trás em gargalhadas.

— Envie uma mensagem para mim quando terminar. Vou passar e te buscar.

— Vou sair daqui às onze da noite.

— E a Larissa? — pergunto.

— Também — diz ela, com um sorriso sábio. Vai embora antes que eu possa agradecê-la pela informação.

— Então o que vai fazer quanto a isso? — Drew pergunta.

— Eu estarei aqui esperando-a.

Sinceramente, não tenho certeza do que mais posso fazer, além de ser persistente, e não tenho certeza de que funcionará com ela. Ela não parece estar impressionada por eu ser um atleta profissional ou por meu sobrenome ser Monroe, inferno, nem tenho certeza se ela sabe quem eu sou. O que ela não percebe é que isso aumenta seu fator de sensualidade e me faz querer ainda mais.

Olhando para o relógio, vejo que são nove e meia. Tenho uma hora e meia até que dê o próximo passo. Os caras e eu jantamos, conversando sobre a temporada até agora, rindo e curtindo, curtindo nosso intervalo de dois dias. Larissa periodicamente para e nos verifica, reabastecendo nossas bebidas sem perguntar.

— Quem deixou espaço para a sobremesa? — ela pergunta, reunindo nossos pratos vazios.

— Eu não vejo você no cardápio — Carr diz a ela. Sem pensar, meu braço voa para fora e lhe dou um soco no braço. — Que porra é essa? — pergunta ele, esfregando o braço. Atiro-lhe um olhar assassino e ele fecha a boca com força.

— Vou querer o cheesecake de morango — Drew diz a ela.

— Quero o mesmo — diz Fisher.

— Para você? — ela pergunta a Carr.

— Torta de pasta de amendoim. — Ele pisca para ela, e eu estou tentado a bater nele novamente. Aparentemente, não bati forte o suficiente na primeira vez.

— Easton? — O som do meu nome em seus lábios é algo que quero ouvir mais.

— Cheesecake de Oreo, por favor — digo, entregando-lhe o cardápio de sobremesas.

— Ótimo. Voltarei em alguns minutos. — Ela se vira e sai.

Volto minha atenção para Carr.

— Que porra é essa?

— O que foi? Eu estava apenas brincando com vocês dois.

— Não com ela — digo a ele.

Ele ergue as mãos, dizendo que entende e que vai recuar. Estou a fim dessa garota. Quero explorar o que quer que isso seja, e não preciso dele para tornar isso mais difícil para mim do que já é.

Poucos minutos depois ela está de volta, colocando nossas sobremesas na nossa frente.

— Aproveitem. — Ela se vai tão rapidamente quanto chegou, nem mesmo me dando tempo para agradecer.

Os caras e eu jogamos conversa fora mais um pouco, até Larissa aparecer com nossas contas.

— Eu pago — digo a ela, entregando meu cartão de crédito.

Ela pega e desaparece.

— Obrigado pelo jantar, cara. — Drew acena em minha direção.

— Eu precisava ter certeza de que ela tivesse uma gorjeta boa — digo a ele.

— Por quê? Acha que somos pão-duros? — Fisher pergunta, parecendo se divertir.

— Eu sei que você é, a menos que esteja certo de que pode obter algo com isso — respondo.

— Ela pode me escolher — diz ele, já rindo de sua própria piada.

— Cara, você o viu me bater? Essa merda dói. — Carr esfrega o braço novamente, para mostrar seu ponto.

— Vamos lá, Monroe. Estamos zoando você. Está pirando por essa garota, o que é algo novo. Temos que te dar um pouco de trabalho — intervém Fisher.

— Só não dê trabalho a ela — eu aviso.

— Aqui está. Obrigada por terem vindo. Tenham uma boa noite. — Ela entrega o recibo e o cartão de crédito e sai andando.

Assino o recibo, deixando uma boa gorjeta.

— Você vai ficar esperando aqui? — pergunto a Drew, enquanto caminhamos para fora.

— Sim, pode ser. Você?

— Sim, não quero perder a chance com ela. — Além disso, se estou com Drew, espero parecer menos obstinado.

— O Impala preto é da Chloe. — Ele aponta para a parte de trás do restaurante que é mais escuro do que eu gostaria, sabendo que as meninas saem sozinhas à noite.

— Acho que devemos estacionar lá.

Não espero sua resposta. Em vez disso, subo na minha caminhonete e dirijo ao redor do estacionamento. Estaciono ao lado do Impala e Drew estaciona ao meu lado. Sei que deveria tê-lo deixado ao lado dela, mas ele tem uma vantagem sobre mim. Um, ele sabe o que ela dirige, e dois, ela está mais do que disposta a sair com ele. Eu não tenho tanta sorte.

Saindo da caminhonete e dando a volta, abro a porta do bagageiro. Drew se junta a mim enquanto esperamos as garotas saírem do trabalho, Fisher e Carr vão para a casa de Shorty. Tenho certeza de que vou ouvir merda por isso depois. Drew, por outro lado, não vai.

Ele está esperando seu encontro. Eu só estou esperando por uma garota, que aparentemente não quer nada comigo. Estamos no meio de um debate sobre os nossos novatos nesta temporada, quando a porta dos fundos do restaurante abre e bate, o som ecoando pelo céu noturno.

— Bem na hora — diz Drew, esfregando as mãos.

Eu não tiro os olhos dela enquanto ela caminha em nossa direção. Seu passo vacila quando ela me vê. Eu pulo da porta traseira e a encontro no meio do caminho.

— Oi — digo, parando na frente dela. Alguns fio de cabelo seu rabo de cavalo estão soltos. Estendendo a mão e os coloco atrás da orelha. — Longa noite? — pergunto, como um idiota. Nada que eu diga funciona com essa garota.

— Pode-se dizer isso — ela admite. — O que está fazendo, Easton?

— Eu queria te ver.

— Você já me viu. Agora, se me der licença, preciso ir. — Ela se move para passar por mim, e eu a sigo. Ela para ao lado de um modelo mais antigo Ford Escape.

— Diga-me o que preciso fazer. — Eu paro ao lado dela. — O que precisa para você me dar uma chance?

— Não há chance. — Ela suspira e se vira para mim. — Olha, tenho certeza de que você é um cara legal, mas minha vida é complicada. Não posso me deixar envolver por você. Não tenho tempo para sofrimento.

Sofrimento? Este sentimento profundo dentro de mim me diz que qualquer quantidade de tempo gasto com ela seria minha ruína. Isso seria mais do que apenas uma noite. Estendendo a mão, pego a mão dela e enrosco meus dedos nos dela.

— Quem disse que vai acabar em sofrimento?

— Vamos ser realistas aqui, Easton. Você é um grande jogador de beisebol. Eu sou apenas uma garota tentando pagar minhas contas, enquanto tento me formar. Nossas vidas são muito diferentes — diz ela.

Sei que ela fala sério; ela realmente sente que nossas vidas são muito diferentes, mas sua reação ao meu toque, o fato de que ela não se afasta… O jeito que seus olhos estão implorando e ao mesmo tempo esperançosos… Isso me diz mais do que suas palavras.

— Não muito. Meu trabalho não define quem eu sou, Larissa.

— Talvez não, mas é um risco que não posso correr.

Meu primeiro pensamento é que ela foi ferida no passado. Por que mais ela me rotularia como… um risco? Ela acha que suas palavras vão me afastar, quando, na verdade, apenas me puxam para mais perto. Quero conhecer o passado dela. O que aconteceu em sua vida para ela ser tão reservada? O que posso fazer para tirar esse medo?

— Apenas um jantar. — Minha voz está implorando, e percebo o como isso me faz parecer patético, mas estou desesperado por mais tempo com ela. Ela me enfeitiçou.

— Sinto muito. — Ela sorri tristemente. — Eu… não posso. Obrigada pela oferta. — Meu coração afunda e sei que a perdi. Há finalização em cada sílaba. — É lisonjeiro. — É com essas palavras de despedida que ela sobe em seu SUV e sai do estacionamento.

Eu fico de pé e a vejo ir. Quando suas lanternas traseiras desaparecem na escuridão da noite, volto para a minha caminhonete. Drew e Chloe já se foram. Pelo menos eles não estavam ali para testemunhar minha falha épica. Então, novamente, mesmo se estivessem, isso não me impediria de persegui-la. Ela precisa saber que não sou um homem que desiste facilmente. Não tenho problema em lutar pelo que eu quero.

Ela é o que eu quero. Só tenho que encontrar uma maneira de mostrar a ela que minhas palavras não são vazias, que estou sendo verdadeiro em tudo o que digo. *Fale com o seu coração*, minha mãe costumava dizer. Subindo na minha caminhonete, vou para casa. É hora de descobrir o meu próximo passo.



CAPÍTULO 4

Larissa

Eu me virei a noite toda. Continuei vendo Easton e aqueles grandes olhos castanhos, enquanto ele implorava para que lhe desse uma chance. Dispensá-lo foi difícil, mas é o que eu precisava fazer. Ele é muito carismático, lindo demais. Eu poderia me deixar levar por ele com muita facilidade. Não estou pronta para isso. Tenho um plano e preciso manter o foco.

A casa está quieta, algo normal para às seis da manhã. Meu alarme está programado para as seis e meia, então estendo a mão e desligo o aparelho. Não adianta tentar voltar a dormir, não depois da noite agitada que tive. Não consigo parar de pensar nele. O jeito que seus olhos vagam por mim, ambos sexuais e de um jeito que ninguém nunca olhou para mim. A maneira como minha pele aquece e se inflama consciente de que ele está próximo a qualquer momento. Easton Monroe é um homem difícil de resistir. Tirando as cobertas, vou para o chuveiro. Preciso começar a me mexer. Talvez eu consiga estudar um pouco antes de ir para a aula.

No caminho para a escola, ligo para mamãe e verifico as coisas.

— Bom dia — eu a cumprimento.

— Você parece cansada — ela responde.

Nunca consegui esconder nada dela.

— Não dormi muito bem na noite passada.

— O que está acontecendo? — Havia preocupação em sua voz.

— Nada, só não conseguia dormir. Como estão as coisas?

— Bem. Me arrumando para nos preparar um café da manhã. Você comeu? — Ela está sempre se preocupando comigo.

— Peguei uma barrinha de granola quando estava saindo de casa. Só tenho aula de manhã hoje e depois vou para sua casa. Tenho que estar no trabalho às quatro.

— Ainda acho que deve se mudar para cá, vamos ajudá-la enquanto você se concentra em seu diploma. — Esta não é uma conversa nova. É uma que tivemos muitas vezes nos últimos anos.

— Mãe, agradeço mais do que você imagina. Você já faz muito por mim e eu gosto de ter meu próprio espaço. É bom saber que, se precisar, sempre posso voltar para casa.

— Se mudar de ideia…

— Eu sei, obrigada. Cheguei na faculdade, preciso ir para a aula. Vejo você mais tarde.

— Tenha um bom dia, querida.

Chego na aula assim que o professor começa sua palestra. A ética empresarial não é uma aula difícil, mas também não é particularmente envolvente. É um meio para um fim, que é meu diploma de bacharel em Contabilidade. Estou fazendo anotações e tentando, demais, não dormir quando meu celular vibra na bolsa aos meus pés. Tirando-o da minha bolsa, vejo uma mensagem de texto de Chloe. Não me dou ao trabalho de ler, precisando me dedicar mais à aula; em vez disso, lanço meu celular de volta na bolsa. Só faltam vinte minutos para acabar essa aula e, se eu responder, vou perder a última parte da aula. E, com a minha sorte, é com isso que vamos ser testados na prova.

Estou arrumando minha mochila quando meu telefone vibra com uma ligação. Nem me incomodo em olhar; sei que é Chloe.

— Ei, você está persistente esta manhã.

— Então, eu me encontrei com Drew na noite passada.

— Eu estava lá, lembra? — Já sei aonde esta ligação vai chegar. Ela quer que eu aceite Easton e sua oferta.

— Perguntei a ele qual era a do Easton.

— Você me ligou assim que minha aula acabou, no minuto exato, para me dizer que decidiu ser intrometida e perguntar sobre o amigo do seu amigo? — Estou sendo uma vadia atrevida, mas ela sabe por que não posso fazer isso.

Ela ri.

— Você está certa. De qualquer forma, Drew diz que ele está a fim de você.

— Como ele pode estar “a fim de mim”? Ele nem me conhece.

— Você sabe o que eu quero dizer. Ele realmente quer conhecer você. Drew diz que ele é um cara legal.

— Certo, disse o melhor amigo do serial killer.

— Não estamos um pouco irritadas hoje? — Ela brinca.

Solto um suspiro pesado.

— Sinto muito. Estou exausta. Dormi bem pouco na noite passada, na melhor das hipóteses.

— Está tudo bem?

— Sim, você sabe, a casa estava quieta e eu estava apenas… pensando.

— Aham. Pensando em um homem alto, de cabelos escuros e jogador de beisebol, né?

— Admito que ele é um colírio para os olhos, mas a versão madura e responsável de mim sabe que toda essa situação tem um problema bem grande. Você sabe que tem muita coisa acontecendo na minha vida, não posso ser distraída por ele. Não tenho tempo para um coração partido.

Estou bem ciente de que minhas palavras estão em constante repetição, com todas as razões pelas quais não posso me envolver não apenas com Easton, mas com ninguém. Minha esperança é de que, se eu disser o suficiente, as pessoas receberão a mensagem em voz alta e clara e acreditarão nela. Talvez, se eu disser em voz alta, vou começar a acreditar. Eu adoraria jogar a cautela pela janela e ver aonde as coisas vão. O que não é uma opção para mim, neste momento da minha vida.

— Não é seu coração que estou tentando reavivar. São as partes femininas. Se não limpar as teias de aranha logo, temo que você nunca vai encontrar.

— Haha, espertinha. Houve outro motivo para sua ligação?

— Quer almoçar? — ela pergunta, sem perder o ritmo.

— Eu disse à mamãe que passaria lá. Falando nisso, ela está me ligando agora. Espere um segundo. — Afasto o telefone e clico no botão Aceitar Chamada, na tela.

— Ei, mãe, estou indo neste instante.

— É por isso que estou ligando. Decidimos ir à casa de Jackie. — Jackie é minha tia, irmã mais velha da mamãe. — Não estamos em casa. Tire uma soneca, aproveite algumas horas de tempo livre antes do trabalho.

— Tem certeza?

— Sim. Te vejo de manhã.

— Ok, vou ligar antes do meu turno.

— Tchau — diz ela, desligando.

— Você está aí? — pergunto a Chloe.

— Sim, tudo bem?

— Eles decidiram ir para a casa da tia Jackie, então tenho a tarde livre. Vou para o trabalho às quatro.

— Vou trabalhar hoje à noite também — Chloe me diz.

— Pensei que estivesse de folga.

— Troquei com Sasha, o filho dela está doente. Então, vamos almoçar?

— Claro, onde quer me encontrar?

— Que tal o Shorty? Estou te dizendo, a comida deles é deliciosa. Não se assuste com o fato de o bar ser degradado.

Reflito. Certamente as chances de encontrar Easton e sua equipe no meio do dia no Shorty's são improváveis.

— Certo. Posso chegar em vinte minutos.

— Ótimo. Estou mais perto, então vou pegar uma mesa.

— Te vejo em breve.

— Até mais — ela responde, e a linha fica silenciosa. Minha melhor amiga é um tornado, sempre foi.

Chegando em meu carro, jogo a bolsa no banco de trás e vou em direção ao Shorty. Estou morrendo de fome, então é melhor a comida ser tão boa quanto ela diz. O estacionamento está praticamente vazio quando entro, o interior é o mesmo. Há dois senhores mais velhos sentados no bar. Fora isso, apenas Chloe está em um banco no canto dos fundos.

— Ei, pedi algumas batatas e chá para começar. Estou faminta.

— Eu também. Tudo que comi hoje foi uma barrinha de granola. — Meu estômago ronca, provando meu ponto de vista, assim que o garçom chega com nossas batatas.

— Estão prontas para pedir? — ele pergunta.

— Vou querer o hambúrguer de bacon com batatas fritas — diz Chloe.

— O mesmo. — Ofereço-lhe um sorriso.

— Como foi a aula? — ela pergunta, seus olhos passando por cima do meu ombro para a porta.

Meu estômago cai. Certamente não é ele. Lentamente, viro-me para olhar por cima do meu ombro e vejo um terceiro cavalheiro mais velho sentando-se no bar.

— Boa — respondo, voltando para falar com Chloe. — Difícil ficar acordada. Não é exatamente uma matéria interessante.

— Odeio aulas assim. Felizmente, para mim, a educação primária não é tão chata.

— Tudo isso é chato em algum momento.

— Diz a especialista em Contabilidade — diz ela com uma risada, e pega uma batata.

Aceno com a cabeça, mastigando um delicioso pedaço.

— Enfadonho é — digo, depois de engolir —, mas é um bom campo, com muitas oportunidades de trabalho e segurança. Todas as coisas de que preciso na minha vida.

— Isso é tudo de que você precisa? — Uma voz profunda pergunta ao meu lado.

Lentamente, viro a cabeça e vejo Drew e Easton em pé ao lado de nossa mesa. Abro a boca para responder, mas as palavras me escapam. Olhando para o outro lado do banco, Chloe está sorrindo de orelha a orelha. Eu deveria ter percebido que sua sugestão de vir aqui, de todos os lugares, era uma cilada.

Quero ficar brava com ela, mas a maneira como meu pulso acelera com a visão dele me diz que não adianta. Não posso deixar de desejar que as coisas fossem diferentes, que eu não tivesse as preocupações e medos que me atormentam. Que eu tivesse tempo e energia para dedicar a um homem como Easton Monroe.

— Se importam se nos juntarmos a vocês? — Easton pergunta.

Imediatamente, Chloe corre para a ponta do banco, abrindo espaço para Drew. Faço igual, não querendo ser rude. Easton parece ser um cara muito legal, mas a vida é complicada e confusa, não é tão fácil assim. Pelo menos não para mim. Não tem sido há muito tempo.

— O que vocês vão aprontar hoje? — Chloe pergunta, como se ela já não soubesse.

Eu chutaria sua perna se achasse que poderia me safar, mas, sabendo da minha sorte, acabaria batendo em Drew. Então, em vez disso, olho para ela, olhos arregalados, perguntando no que diabos ela estava pensando. O olhar nem sequer a incomoda quando ela dá atenção a Drew e Easton, efetivamente me ignorando.

— Prática matutina. Nós já terminamos o dia por hoje — diz Drew, indo no embalo de Chloe.

Agarrando meu chá, eu tomo um longo gole, mantendo os olhos focados na mesa à minha frente. Enquanto coloco meu copo de volta na mesa, Easton se inclina para mim. Sua coxa pressiona a minha, seus lábios se aproximam do meu ouvido.

— Você está bem? — ele pergunta, baixo o suficiente apenas para eu ouvir.

— Estou. — Assinto, tentando fugir dele. Infelizmente, o banco não me permite mais fuga. Onde seu corpo está encostado ao meu, parece que minha pele está em chamas.

— Quais são os seus planos para o resto do dia? — pergunta ele.

Limpo a garganta. Eu posso fazer isso. Posso ser amigável, almoçar e então seguir meu caminho.

— Tenho que estudar, então estar no trabalho às quatro.

— Contabilidade, certo? — pergunta ele.

Estou surpresa que ele se lembre de tudo sobre o que falamos naquela noite.

— Sim, faltam dois semestres para eu me formar. Pretendo me esforçar para o exame CRC.

— Você gosta de números, hein?

Dou de ombros.

— Sou boa nisso, Matemática, Álgebra, tudo vem facilmente para mim.

— Você ama isso? Deveria estar fazendo algo que ama.

— É um bom campo, com muitas oportunidades de trabalho e segurança. Eu preciso mais disso.

Olho para minhas mãos, que estão presas na mesa. Minha vida parece chata, comparada com a dele. Não tenho vergonha de quem eu sou, mas, com certeza, ele percebe que está fora do meu alcance depois dessa conversa.

— Foi o que você disse — diz ele, referindo-se à conversa que ouviu assim que chegou. Ele abre a boca para dizer mais, mas o garçom, Shorty, que sei ser o dono, traz dois copos de água para cada um e pergunta se eles querem o habitual.

Aproveito Shorty prendendo a atenção de Easton e o observo. Ele está usando um boné de beisebol para trás, seu cabelo escuro ligeiramente curvado logo acima das orelhas. Seus olhos escuros são expressivos e gentis. Ele está usando uma camiseta preta do Tennessee Blaze que parece ter sido feita sob medida. Só posso imaginar a quantidade de tempo e esforço que ele levou para fazer seu corpo parecer o de um deus grego. Então, novamente, ele é um atleta profissional. Quando está aqui assim, é difícil lembrar disso. Aqui, ele é só o Easton.

Shorty sai, e Easton se vira para me olhar e me pega encarando.

— Vocês vêm muito aqui? — pergunto, tentando evitar o fato de que estou presa.

É uma resposta óbvia, mas leva a conversa para longe de mim.

— A gente vem. O Shorty cuida de nós e mantém os fãs afastados. Os regulares apenas nos deixam ser nós. É uma boa mudança de ritmo.

Aceno em entendimento, mas realmente não tenho ideia. Posso imaginar que estar sempre no centro das atenções ficaria chato rapidamente. Só mais uma razão que recusá-lo parece ser uma boa ideia. O restante do almoço voa. Chloe mantém a conversa fluindo sobre nossas aulas e trabalho. Nós vemos muitas coisas malucas trabalhando em um restaurante chique. A audácia que algumas pessoas esperam ainda me surpreende.

— Então, se não fosse Contabilidade, o que seria? — pergunta ele.

— Quando eu era mais jovem, teria dito fotografia. Ganhei uma câmera de Natal uma vez e tirei fotos de tudo, de nada — admito com uma risada.

— E agora? — ele pergunta.

Levo um minuto para pensar sobre minha vida. Tenho 22 anos, carregando o que muitas vezes parece ser o peso do mundo nos meus ombros.

— Ser mãe — respondo, honestamente.

As palavras saem da minha boca antes que eu possa detê-las. Acho que é uma coisa boa mesmo. Que atleta profissional jovem e gostoso quer se envolver com uma mulher que diz que, se tivesse escolha, seria dona de casa?

— Você gosta de crianças, hein?

— Gosto. Sou filha única. Minha mãe ficou em casa e estava sempre lá. Meu pai também. Ele trabalhava longas horas, mas nunca houve um grande momento em minha vida em que os dois não

estivessem lá.

Essa era a vida que eu imaginava para mim mesma. Eu queria o que eles tinham, mas a vida sempre acaba jogando uma bola curva quando você menos espera. Perdemos o papai e nosso mundo se despedaçou. Para mim, esse foi o ponto de virada, e quando percebi que nada é garantido na vida.

Ele balança a cabeça, como se entendesse.

— Família é importante.

Não muito tempo depois, Shorty para em nossa mesa, para perguntar se precisamos de mais alguma coisa, o que leva Drew e Easton a entregarem seus cartões de crédito, pagando nossas contas.

— Então, posso ligar para você? — Easton pergunta, uma vez que Shorty se afasta, cartões na mão.

— Me deixe te dar o dinheiro — pego minha bolsa, mas ele coloca a mão sobre a minha, me fazendo parar.

— Por favor, não — ele diz suavemente. — Me deixa fazer isso por você.

Eu concordo.

— Obrigada pelo almoço.

Os cantos dos lábios dele se curvam em um sorriso.

— Você pode me agradecer me dando o seu número — ele sugere.

Eu pego minha bolsa, pego o dinheiro e o estendo para ele.

— Tudo bem, já entendi. Guarde seu dinheiro. Você é um desafio para mim, Larissa.

— Então é o desafio, não é? A perseguição? — Não sei por que perguntei isso. Eu sei a resposta. Tenho certeza de que as mulheres caem a seus pés, e seus avanços são mais do que bem-vindos. Talvez, se eu estivesse em um momento diferente na minha vida, eles também seriam para mim.

À nossa frente, Drew desliza para fora do banco, oferecendo a Chloe sua mão, ajudando-a a se levantar. Eu me viro para Easton, esperando que ele se mova também, e o vejo me observando, não fazendo nenhum movimento para sair.

— Não é a perseguição, Ris. — Ele estende a mão e coloca meu cabelo atrás da orelha. — Desde o momento em que pus os olhos em você, me senti fora de mim. Como se eu precisasse conhecê-la para meu mundo voltar ao lugar mais uma vez. Não consigo explicar, mesmo se tentasse. Tudo que sei é que não é a perseguição, linda, é você. — Com isso, ele desliza para fora da cabine e me oferece sua mão.

Eu aceito, precisando de sua força para me levantar do assento. Estou me recuperando de sua confissão. Suas palavras querendo criar raízes. Logo após um almoço e seu pequeno discurso, estou pronta para esquecer todas as razões pelas quais o rejeitei.

— Pronta? — Chloe pergunta.

— Sim. — Eu me viro para Easton, que ainda está segurando minha mão. — Obrigada pelo almoço.

Ele balança a cabeça e me solta. Eu ando até o carro com as pernas trêmulas, o que parece ser algo que acontece bastante quando Easton Monroe está por perto.



CAPÍTULO 6

Easton

O treino hoje foi brutal. O sol quente do Tennessee estava escaldante. Felizmente, começamos às seis da manhã, para tentar evitar o auge do calor. Agora, aqui estou ao meio-dia sentado no sofá, curtindo o ar-condicionado, pensando em Larissa. Drew e os caras queriam que eu fosse almoçar, mas não estava a fim. Não estou no clima para eles me falarem merdas sobre a garota que eu, citando o Fisher, “me pegou pelas bolas”. Não vou negar. Bem, talvez não a parte das bolas, mas ela não sai da minha cabeça.

Já faz alguns dias desde que a vi e não consigo tirar a última conversa da cabeça. Ela me perguntou se era a perseguição e tenho certeza de que não é. No entanto, não consigo parar de pensar na sua pergunta. O que me atrai nela? Afirmando o óbvio… ela é linda. E não é o desafio, mas, sinceramente, estou acostumado a mulheres caindo aos meus pés. Cresci vendo meu pais jogar na grande liga, então estive perto dos holofotes. Assim que descobriram quem eu era, quem era a minha família, a maioria das mulheres se oferecia para mim em uma bandeja de prata.

Aproveitei todos os meus anos mais jovens e, inferno, até mesmo meu primeiro ano na grande liga, mas tão rápido quanto a fama e as mulheres vieram, a novidade se esgotou. Eu cresci em uma grande família, cheia de homens que adoravam suas esposas, e é difícil não querer isso para mim.

Nos últimos anos, evitei groupies. Claro, há uma ficada ocasional, mas nada como a maioria dos meus colegas de equipe.

Só quando pus os olhos em Larissa que comecei a pensar sobre como seria ter uma pessoa só minha. Alguém para voltar depois de um longo período na estrada. Alguém para compartilhar minhas noites na época das férias. Quanto mais penso nisso, mais a ideia forma uma base. O único problema é que, nesses devaneios, tudo que vejo é ela.

Larissa.

E ela não quer nada comigo. Pelo menos é nisso que ela quer que eu acredite. Posso ver nos olhos dela a batalha interna que ela está lutando para resistir a mim. Eu gostaria de saber o que está fazendo com que ela se segure. Se eu soubesse, poderia garantir a ela que, seja lá o que for, não é uma montanha muito grande para escalar. Não para o grande time que poderíamos ser.

Não sei do que vai precisar para ela me dar uma chance.

Mudando de canal, paro em um anúncio para um florista local. O truque é “deixá-la saber que você está pensando nela”. Normalmente, eu continuaria navegando nos canais, mas, desta vez, o comercial funciona e tenho que pegar meu telefone. Passo os próximos trinta minutos ao telefone discutindo as melhores flores para mandar, a senhora no telefone foi extremamente útil. Ela até prometeu manter isso fora da imprensa. Não que me importe com isso. Não me importo com quem souber que estou a fim dessa garota. No entanto, meu instinto me diz que, se meu interesse fosse descoberto, isso a afastaria ainda mais.

Eles prometeram entregar no trabalho dela hoje, então espero ouvir algo dela. A tarde se transforma em noite, e ainda nada. O desejo de pegar minhas chaves e dirigir para o trabalho dela, estar lá esperando quando ela sair, é forte, mas luto contra isso. Não quero persegui-la. Só quero a chance de conhecê-la. Então, em vez disso, me conformarei em assistir ao Sports Center com o celular na mão, esperando, esperando, desejando que ela ligue. Recebo um e-mail confirmando que a entrega foi feita há horas.

Do que é preciso para ela me dar uma chance? Esse é meu último pensamento antes de cair no sono. Horas depois, sou despertado pelo alarme no meu celular, lembrando que é hora da minha corrida matinal antes do treino. Silenciando o alarme, viro a cabeça, esticando os músculos por dormir no sofá a noite toda. O treino vai ser cruel. Pegando meu telefone, verifico minhas mensagens e notificações. Nada da Larissa.

Hora de intensificar meu jogo.



CAPÍTULO 6

Larissa

É SÁBADO, E MEU DIA DE FOLGA NO RESTAURANTE. EU QUERIA DORMIR, MAS, EM VEZ DISSO, ESTOU aqui na fila, esperando mais instruções do líder do nosso grupo e tentando não procurá-lo. Tentei pensar em qualquer desculpa para não vir hoje, aqui estou. Troquei de roupa dez vezes e refiz a maquiagem duas vezes. Não tem nada a ver com o fato de que ele possa estar aqui, pelo menos é o que digo a mim mesma. Ontem à noite, tentei encontrar uma lista on-line de quem está participando, mas não havia nomes listados, apenas os horários de cada tour do grupo.

Estou no campo do Tennessee Blaze, esperando nossa visita ao estádio começar. É uma da tarde, e o sol quente de maio está de matar. Essa é minha justificativa para a palma das mãos suadas, mas, na verdade, é ele. Este é o seu território, e ele tem sido implacável em sua busca por mim. No trabalho, dois dias atrás, recebi um buquê de rosas brancas com um bilhete: “Para novos começos”, assinado pelo East. Ele vai ao restaurante quase todos os dias em que o Blaze está na cidade. Se não estou trabalhando, sempre deixa um recado com um dos meus colegas de trabalho para me entregarem. Chloe acha que eu deveria sair com ele, mas não posso pensar apenas em mim. É fácil para alguém que vive sozinho esquecer isso.

— Larissa? — Sua voz profunda pergunta atrás de mim.

Fechando os olhos, respiro fundo. No fundo, eu sabia que ele estaria aqui. Coloco um sorriso no rosto e me viro.

— Olá, Sr. Monroe — digo educadamente, lembrando minhas maneiras e por que estou aqui.

— O que está fazendo aqui?

Estou prestes a responder, quando sou interrompida.

— Mamãe, quem é esse? — minha filha de quatro anos, Paisley, pergunta ao meu lado. Passo a mão por seu cabelo escuro, enquanto os grandes olhos castanhos desviam de mim para Easton.

Antes que eu possa responder, Easton cai de joelhos e estende a mão.

— Eu sou Easton, mas você pode me chamar de East.

Vejo como minha filha coloca sua pequena mão na grande dele e a sacode.

— Meu nome é Paisley Gray. Tenho quatro anos. Você é amigo da minha mamãe? Eu não tenho permissão para falar com estranhos — ela informa a ele.

Me chame de molenga, mas tenho que morder o lábio e piscar forte para conter as lágrimas. Ele não hesitou em cair de joelhos e lhe dar toda a atenção.

Easton olha para mim e sorri.

— É um prazer conhecer você, Paisley Gray, e sim, sua mãe e eu somos amigos. — Seu sorriso provoca uma vibração no meu peito.

Paisley inclina a cabeça para o lado e o estuda.

— Você joga aqui? — ela pergunta, apontando para o logotipo do Tennessee Blaze em sua camisa.

— Sim, jogo. Na primeira base.

— Verdade? — ela pergunta animadamente. — Eu também jogo. Esta é a minha equipe. — Ela aponta para a fila de sua equipe de T-ball e os pais à nossa frente.

Por sorte, estamos no fim da fila e eles não fazem ideia de que Easton Monroe, primeira base do Tennessee Blaze, está bem atrás deles. Pelo menos ainda não.

— Em que posição você joga? — ele pergunta a ela.

— Eu bato na bola, mas não sou muito boa em pegá-la.

Ele ri.

— Isso requer muito treino.

— Sim, minha mãe está muito ocupada para treinar, e a vovó não consegue pegar também — ela confessa, com uma risadinha.

Meu coração está na garganta enquanto o vejo interagir com minha filha. O fato de eu ser mãe não parece incomodá-lo. Ele fala com ela como se a conhecesse a vida toda, e o sorriso em seu rosto diz mais do que as palavras. Ela não é um empecilho para ele deixar de me perseguir. Não sei como me sinto quanto a isso. Animada, nervosa, assustada, exultante… Tenho muitas emoções passando por mim de uma só vez.

— Se estiver tudo bem para sua mãe, vocês duas podem ficar por aqui hoje depois do tour, e você e eu podemos brincar um pouco — ele oferece.

— Podemos, mamãe? Por favor, podemos? Oh, por favor? — ela pergunta, pulando na ponta dos pés.

— Vamos ver como vai ser o dia, tudo bem, querida?

— Tudo bem — diz ela, abaixando a cabeça.

Odeio desapontá-la assim, mas nenhuma de nós precisa se aproximar de Easton.

Easton fica de.

— É bom te ver — diz ele, os olhos passando por mim.

Meu corpo reage à intensidade do seu olhar, enquanto minhas bochechas se aquecem. Fico feliz em ter caprichado na aparência hoje.

— Você também.

O silêncio se instala entre nós, nenhum de nós realmente sabendo o que dizer.

— Ela é adorável. — Ele faz um gesto para Paisley, que está conversando com um de seus colegas de equipe. — Ela se parece com você.

— Ela tem os olhos do pai — digo, sem pensar.

Seus olhos caem para a minha mão, e suponho que esteja procurando um anel.

— Ele está aqui? — pergunta ele.

— Não, ele faleceu antes de ela nascer.

Engulo o nó na garganta que sempre volta quando penso sobre ele perdendo sua vida e o vazio que nos deixou. Minha filhinha não sabe o que é ter um pai, diabos, ela não sabe como é ter uma figura masculina em sua vida. Este é seu primeiro ano de T-ball, e o treinador é um dos pais, que é realmente sua primeira interação verdadeira. Meu pai faleceu de infarto, quando eu tinha dez anos.

— Ris. — Ele pega minha mão, mas dou um passo para trás. Sua mão cai, um olhar desanimado no rosto.

— A fila está andando. É melhor eu acompanhar — digo, percebendo que estou de fato perdendo meu grupo.

— Fique. — Ele coloca a mão no meu braço para me impedir. — Depois, quero dizer, fique. Eu adoraria jogar com ela — diz ele, olhando para a fila em que Paisley e a equipe estão começando o tour.

— Eu realmente tenho que ir. — Lanço-lhe um aceno e corro para alcançar meu grupo.

Paisley pega minha mão e balança nossos braços entre nós. Ela está tão animada hoje, daí a razão pela qual eu não deixar de vir. Meu braço ainda lateja de seu toque, meu coração dispara no peito e minha mente se enche de mil e uma reações diferentes.

— Vamos lá, mamãe — diz Paisley, puxando-me junto.

Me sacudindo dos meus pensamentos, eu me concentro na minha garotinha e sua empolgação. Nós seguimos a fila percorrendo as bases. O líder do grupo, um senhor mais velho que soubemos ser aposentado do time, explica a importância de cada posição.

— Quem quer ver os vestiários? — ele pergunta.

As crianças pulam e comemoram com entusiasmo. Ele nos conduz por um longo corredor e depois abre a porta dos vestiários. Eu me afasto, apenas observando a sala, e é quando vejo. O nome Monroe foi impresso em um dos cubículos.

Isso é dele.

É do Easton.

É aí que ele se prepara antes de todos os jogos em casa, onde ele se veste depois do banho. Esse pensamento me leva à água escorrendo por seu corpo tonificado, deslizando sobre seus músculos que são tão obviamente visíveis, mesmo sob suas roupas.

— Mamãe. — Paisley puxa minha mão. — Você não está ouvindo — ela bufa.

— Desculpe, docinho.

— Vamos ver aonde os jogadores feridos vão — ela me informa. — Todos os jogadores se machucam?

— Não, mas, como qualquer esporte, há uma chance de lesão — tento explicar o melhor que posso.

Ela encolhe os ombros, como se o potencial de ser ferido não estivesse em seus planos. Ela pode deixar a preocupação para mim; eu enfatizo o suficiente para nós duas. Quer dizer, é T-ball, não futebol, mas ela é meu bebê e eu me preocupo. É isso que faço. Tudo começou quando meu pai faleceu. Eu me preocupava com minha mãe, sobre como iríamos nos virar sozinhas. Eu me preocupei com ela chorando até dormir à noite. Pense em qualquer coisa, eu me preocupei com isso.

Minha ansiedade melhorou à medida que envelhecia, até o dia em que abri a porta da frente para um oficial uniformizado me dizendo que meu marido perdera a vida no cumprimento do dever. Ele era novato na força, e sua pensão era praticamente inexistente. Tivemos seguro de vida, mas isso não dura tanto tempo. Éramos jovens e pensávamos que tínhamos todo o tempo do mundo para planejarmos as políticas de aposentadoria e de seguro de vida.

Aquele dia trouxe uma nova lista de preocupações. Como eu iria viver sem o amor da minha vida? Como ia ser uma mãe solteira? Eu poderia prover para mim e nosso bebê? Desta vez, a preocupação não parou; a lista apenas mudou ao longo dos anos. Uma que permaneceu a mesma é a preocupação que tenho por minha filha. O mundo é um lugar grande e assustador, e eu só quero mantê-la envolvida em meus braços. Quero protegê-la de qualquer coisa que possa machucá-la. Sei que isso não é realista, mas está sempre lá, no fundo da minha mente.

— Parece que temos um convidado especial — anuncia o nosso guia, chamando minha atenção. Ali, ao lado dele, está Easton. — Meninos e meninas, este é Easton Monroe.

As crianças comemoram, os pais correm para apertar sua mão, e as mães, bem, todas elas, exceto eu, ficam enfeitiçadas, algumas com os maridos ao lado. Eu fico parada no fundo da sala, só vendo tudo acontecer.

— Esse é o amigo da minha mãe. Oi, East — Paisley diz, no exato momento em que nosso grupo se acalma.

Todos os olhos se voltam para nós. Meu rosto aquece. Minha boca se abre, mas não saem palavras.

— Ei, princesa P. — Easton acena para ela, e ela ri, o que faz com que um sorriso cruze seu rosto bonito.

Mantenho os olhos à frente, evitando os olhares dos outros pais.

— Bem-vindos. — A voz profunda de Easton passa sobre nosso pequeno grupo. — Para aqueles que não me conhecem, eu sou Easton Monroe. Sou o homem da primeira base do Blaze. — O grupo murmura com olás e dizem que sabem quem ele é. — Eu estava esperando roubar as crianças. Eu e meu colega de equipe, Andrew Milton, achamos que seria divertido jogar algumas bolas com eles — ele oferece.

— Yay! — todas as crianças comemoram, inclusive a minha.

Os pais são rápidos em concordar com essa surpresa em nossa agenda. Nosso líder nos diz para segui-lo ao campo. A multidão se afasta enquanto eu fico parada, não por escolha. Os pés de Paisley estão plantados firmemente no chão.

— East — ela diz, uma vez que a maioria do nosso grupo desaparece. Easton ainda está lá nos observando.

Ele caminha em nossa direção e se ajoelha, ficando mais no nível dela.

— O que foi, princesa? — ele pergunta, derretendo meu coração um pouco.

Paisley sorri para ele. Ela me surpreende quando pula em seus braços, envolvendo os braços no pescoço dele.

— Obrigada — ela sussurra.

Eu luto contra um soluço que ameaça se libertar. Ela nunca fez isso.

— Disponha, querida. — Ele lhe dá outro abraço gentil, em seguida, a solta. — Agora, é melhor irmos lá fora para não perdermos toda a diversão.

Ele se levanta e oferece a mão a ela. Ela aceita sem questionar. Eu começo a avisá-la sobre o perigo do estranho, mas ela o conhece como meu amigo. Easton me surpreende quando estende a outra mão para mim. Ele a deixa lá, suspensa no ar, esperando que eu venha até ele.

— Vamos lá, mamãe — Paisley me persuade.

— Estou bem atrás de você — digo, caminhando em direção a eles, mas ignorando a mão oferecida.

Ele concorda com a cabeça e espera que eu o alcance, e nós três vamos para o campo. Paisley balança os braços para a frente e para trás enquanto fala com Easton sobre como é divertido pegar

e acertar a bola. Ele é paciente e fala com ela como se ela soubesse todos os detalhes do jogo, quando, na realidade, ela não sabe nada. Sua amiga Macie implorou para que ela jogasse, e estamos percebendo agora que ela adora. Não tenho certeza se é o esporte em si ou a interação com as outras crianças que ela ama. Ainda é muito pequena para saber. Mesmo assim, Easton escuta-a atentamente, como se ela fosse bem versada em todas as coisas do beisebol.

Eu deveria estar brava, ele está grudado na minha filha, mas o sorriso que ela está mostrando agora tira toda a raiva que eu poderia sentir. Ele está tornando este dia especial para ela.



CAPÍTULO 7

Easton

CARAMBA, ESSA GAROTINHA É COMO A MÃE, ME CATIVOU DESDE O MOMENTO EM QUE COLOQUEI OS olhos nela, embora de maneiras diferentes. Ela é fofa enquanto fala muito e rápido sobre bater na bola e pegá-la. Essa é a extensão do conhecimento dela, mas a maneira como ela fala, como se fosse uma pequena adulta, faz com que você acredite em cada palavra que diz, como se estivesse nos livros de regras do jogo.

— Posso ficar com você? — ela me pergunta, uma vez que nos juntamos ao grupo dela em um pequeno canto do campo.

— Oh, querida, eu não acho… — Larissa começa, mas para quando eu me ajoelho e fico cara a cara com ela.

— Eu adoraria, Paisley — digo baixinho. — Mas não acho que seria justo. Todo mundo precisa ter a vez e, como só eu e Drew estamos trabalhando com seu grupo, você terá que se revezar.

— Mas você disse que nós poderíamos brincar de pegar — diz ela, seu pequeno lábio tremendo.

Olho para Larissa e a vejo nos observando. Levanto as sobrancelhas e ela me dá um leve aceno de cabeça. Eu sussurro "obrigado" e volto para Paisley. De jeito nenhum eu negaria qualquer coisa a ela.

— Que tal, quando a tour acabar, você e sua mãe ficarem por aqui, e então seremos apenas você e eu? Combinado?

Ela olha para a mãe, a esperança brilhando em seus grandes olhos castanhos.

— Podemos, mamãe?

Larissa acena com a cabeça.

— Por alguns minutos — acrescenta ela, mas não acho que Paisley a ouça ou se importe. Ela obteve a resposta que esperava e corre para se juntar às suas amigas. — Eu sinto muito — ela me diz.

— Sente muito, por quê?

— Ela parece querer toda a atenção para ela. Sei que você tem coisas mais importantes para fazer. Vamos ficar alguns minutos — ela me garante.

De pé, eu paro na frente dela, tão perto que posso sentir sua respiração quente no meu queixo.

— Eu conheci uma garota — digo a ela. — Ela é linda, mas fechada. Eu esperava poder visitá-la no trabalho e vê-la, já que ela se recusa a sair comigo.

— A vida dela é complicada.

— A vida é complicada — digo. — Só penso nela, e sabe do que mais? — Espero a reação dela.

Ela me estuda por vários minutos, a respiração acelerada antes de finalmente responder.

— O quê? — ela pergunta em um sussurro abafado.

— Descobri hoje que ela tem uma filha incrível, bonita como uma flor e que adora beisebol. — Dou uma piscadinha. — Eu gostaria que ela me desse a chance de conhecê-la, na verdade, conhecer as duas.

— Ela se preocupa — diz ela, mordendo o lábio inferior.

— Com o quê? — Estendendo a mão, coloco uma mecha solta de cabelo atrás da orelha.

— Tudo.

— Quem se preocupa com você?

Sua respiração engata. Ela abre, em seguida, fecha a boca, mas as palavras não saem.

— Ei, Monroe, você está pronto? — Drew grita para mim.

Eu levanto a mão no ar, meu dedo indicador levantado, pedindo-lhe por mais um minuto.

— Obrigado por ficar depois. Nós podemos conversar então. — Dou um aperto suave na sua mão, em seguida, viro e me afasto, um sorriso estampado no rosto. Não porque estou aqui no estádio Blaze, minha casa longe de casa, mas porque, pela primeira vez, sinto que posso chegar em algum lugar com ela.

Drew e eu temos o grupo em duas linhas. Há doze meninas no total no time, então cada um de nós tem seis. Paisley está no meu grupo; ela fez questão de gritar:

— Eu quero ficar no grupo do Easton.

Essa garotinha é uma figura. Nós jogamos para um de cada vez por cerca de meia hora, depois demos autógrafos e eles forom embora.

— Tudo bem, senhorita Paisley, você está pronta para um cara a cara? —pergunto a ela.

— O que é isso?

Ela age como se fosse muito mais velha, fala assim também. Esqueço que ela tem apenas quatro.

— Significa você e eu jogarmos a bola.

— Só nós? — ela pergunta, com os olhos arregalados.

— Promessa é dívida.

Ela puxa a bolsa que está descansando sobre o braço de Larissa.

— Mamãe, preciso da minha luva — diz ela animadamente.

Larissa ri da filha; é um som bonito, que preenche o agora tranquilo estádio. Ainda há alguns jogadores por perto, e a equipe, mas o resto das crianças e familiares já foram. Somos só nós três ainda brincando aqui fora, no campo externo.

— Vá devagar, furacão — Larissa diz a filha.

— Mamãe, eu não sou um furacão — diz Paisley, exasperada, fazendo Larissa e eu sorrir. Procurando na bolsa, Larissa pega a luva e entrega para a filha. — Pronto, East? — ela me pergunta, depois de colocar a luva, que é grande demais para a pequena mãozinha e me alcançando com a outra.

Damos alguns passos para longe de Larissa e nos espalhamos um pouco. Eu estou, talvez, a um metro e meio dela.

— Ok, a primeira coisa que você tem que lembrar é sempre ter a sua luva perto. — Mostro a ela o que eu quero dizer, segurando minha. — Dobre os joelhos como estou fazendo — digo. Ela se abaixa, as pernas afastadas, imitando minha postura. — Bom trabalho. Agora segure sua luva assim — digo a ela novamente.

Ela faz como instruído, e eu lanço a bola para ela. Ela bate na luva e usa a outra mão para mantê-la dentro da luva.

— Consegui! — Ela aplaude, pulando para cima e para baixo, deixando a bola cair.

— Você conseguiu. Você é boa — digo a ela.

— Seu pai te ensinou a pegar? — ela pergunta inocentemente.

Um sorriso curva meus lábios quando penso em meu pai, Jeff Monroe e no beisebol.

— Ele ensinou. Jogar beisebol era o trabalho dele. — Ela é uma garotinha esperta, mas não tenho certeza se entenderia se eu dissesse que ele jogava profissionalmente. — Meu tio jogava

comigo também.

— Você tem tio? — ela pergunta, com os olhos arregalados.

— Tenho.

— Eu não tenho — diz ela, olhando para a mãe para esclarecimentos.

— Não, querida — Larissa diz gentilmente. — Mamãe e papai eram filhos únicos, então você não tem tios.

— Mas eu quero ter. Podemos conseguir um? — ela pergunta, sua inocência agarrando meu coração.

— Não é assim tão fácil, P. Talvez um dia.

— Tudo bem — ela resmunga, e eu tenho que morder a língua para não rir. Pequena Paisley Grey me lembra muito sua mãe.

— Vocês, senhoritas, estão com fome? — pergunto a elas.

— Faminta — diz Paisley dramaticamente, deixando cair os ombros como se estivesse esperando dias para eu lhe oferecer comida.

— Que tal uma pizza? Há um ótimo lugar aqui na rua.

— Eu só gosto de queijo na minha pizza. Essas outras coisas são desagradáveis. — Ela franze o nariz pequeno.

— Queijo então. — Olho para Larissa. — O que me diz? Posso levar as senhoritas para jantar?

Ela abre a boca para protestar, mas Paisley bate nela.

— Claro. Mamãe diz que, quando as pessoas fazem algo de bom para você, tem que aceitar e agradecer. Obrigada, East — ela diz, envolvendo os braços em minha perna.

Eu aliso alguns de seus cachos escuros.

— O que me diz, Ris? — pergunto, estendendo a mão para ela.

Ela olha para mim, depois para a filha e de volta para mim. Exala alto, como se as palavras que está prestes a falar a incomodasse para dizê-las.

— Obrigada, Easton. — Sua voz é doce com um toque de sarcasmo, mas a filha não percebe.

Para minha surpresa, ela pega minha mão oferecida, e a palma da mão dela se encaixa como se fôssemos duas peças de quebra-cabeças destinadas a ficar juntas. Com um sorriso no rosto e uma linda garota de cada lado, saímos do estádio para comer pizza de queijo.



CAPÍTULO 8

Larissa

Estou sentada com Easton e P, que insistiu para sentar ao lado dele, observando a interação dos dois. Ele tem sido ótimo com ela o dia todo. Quando a pizza de queijo, é claro, foi entregue à nossa mesa, ela o pediu para cortar para ela e, mesmo que eu tenha protestado que poderia fazer isso, ele mesmo fez. Tudo enquanto sorria e ouvia minha filha tagarela sobre como ela queria uma luva rosa, mas todas haviam sido vendidas, quando fomos até a loja.

— Mamãe, posso ir brincar agora? — Paisley pergunta, com molho de pizza por todo o rosto.

— Não assim, toda suja. — Easton ri e limpa suavemente sua boca com um guardanapo.

Observá-lo com ela toca algo profundo dentro de mim. Lamentei a perda do meu marido, mas eu não sei se vou lamentar a perda do pai que ele deveria ser para nossa garotinha. Sei como é ter os olhos dele sorrindo para mim, como é receber um de seus abraços, mas Paisley não. Não apenas Steve, mas qualquer homem. Agora aqui estamos sentadas, com a estrela, o rei do Blaze, Easton Monroe, e ele está enchendo-a — inferno, sendo sincera —, enchendo nós duas com atenção, e minha filha está absorvendo isso como uma esponja. Eu, por outro lado, estou lutando contra isso, essa atração que sinto toda vez que ele bagunça o cabelo dela ou retorna o abraço

dela. Toda vez que ele sorri para ela, em seguida, vira aquele sorriso megawatt para mim, estou lutando contra isso, mas não sei por quanto tempo consigo.

— Pronto — diz ele, largando o guardanapo. — Agora podemos ir, mamãe? — pergunta ele.

Eu levanto minhas sobrancelhas em questão, e ele encolhe os ombros.

— Queremos jogar Skeeball.

— Uma partida, aí vamos embora. É quase hora de dormir — digo a ela.

Ela acena com sua cabeça pequena para cima e para baixo como uma boneca. Pegando minha bolsa para algumas moedas, eu me viro para entregar o dinheiro, mas eles já saíram correndo em direção aos jogos.

Quando estou prestes a me juntar a eles, meu celular toca. Quando vejo o rosto de Chloe na tela, sei que, se eu não atender, ela continuará ligando.

— Oi — eu a cumprimento, mantendo os olhos em Easton e P.

— Onde você está?

— Pizzaria logo abaixo do estádio.

— Oh, é?— ela pergunta timidamente. — Como foi hoje? Você encontrou com ele?

— Encontrei. Também vi o Drew.

— Fiquei sabendo. Também fiquei sabendo que vocês três saíram juntos.

— Nós saímos.

— E?

— E o quê? — Estou fugindo, e nós duas sabemos disso.

— Fale, mulher.

— Ele se ofereceu para nos levar para jantar e sugeriu pizza. Você sabe que a pequena ama pizza.

— Uh-huh, e depois?

— Ela estava animada, e ele tem sido tão bom com ela o dia todo que não tive coragem de dizer que não.

— E você? Ele tem sido bom para você?

— Ele… não é nada do que eu pensava. Você deveria vê-lo com ela, Chloe. Ele cuida dela sem pensar, cortando a comida, limpando a boca. Agora eles estão jogando Skeeball. — Depois que registro minhas palavras, a preocupação começa a aparecer. — O que estou fazendo? Não posso deixar minha filha se apegar a ele. Burra — murmuro para mim mesma.

— Primeiro de tudo, é um dia. Em segundo lugar, você não é burra. Precisa se abrir, viver um pouco. Drew me garantiu que East é um cara legal.

— Disse a mãe do assassino do machado — mordo de volta.

Ela ri.

— Você sabe muito bem como é.

Ela está certa, eu sei. Há algo nele, esse sentimento que tenho quando ele está por perto, no fundo sei que ele é um cara legal. Nunca iria deixá-lo chegar tão perto de Paisley, caso contrário.

— Ainda assim — tento argumentar.

— Pare. — Chloe sussurra algo, em seguida, volta na linha. — Você parece feliz, Larissa. Pela primeira vez, em muito tempo, ouço a esperança em sua voz. Claro, você corre o risco de se machucar, mas a vida pode ser dolorosa. Aquela garotinha é mais forte do que você acredita. Ela é como a mãe dela.

— Eu preciso ir — digo, querendo ir até eles.

— Me ligue mais tarde.

— Sim, deixe-me levar P para casa e colocá-la na cama.

Nós desligamos, e me levanto para encontrá-los. O que vejo faz mais alguns tijolos ao redor do meu coração desmoronarem. Easton está sentado atrás de um desses jogos de corrida da NASCAR com Paisley no colo, mãos segurando o volante.

— Vire para a esquerda — ele diz a ela, rindo, enquanto colidem em uma parede. — Sua outra esquerda.

— Eu não sei o que é isso. — Ela ri.

Sua risada é contagiante e sinto um sorriso se espalhando pelos meus lábios. Alguém de fora olhando jamis diria que não são pai e filha. Os dois têm olhos castanho-escuros, os cabelos combinam com a cor, e o jeito que ele está com ela, só isso me diz muito. Fico lá e vejo-os rir até o jogo terminar. Quando Easton sai de trás do volante, Paisley está em seus braços, e ele a coloca em seu quadril. Ela descansa a cabeça no ombro dele, e preciso de todas as forças em mim para não deixar que o soluço que está entupindo minha garganta se solte.

— Aí está a mamãe — ele diz baixinho para ela.

— Está pronta, garota? Foi um longo dia para você — digo, tirando o cabelo de seus olhos.

— East também pode vir? — ela pergunta.

Ele olha para mim, esperança se formando em seus olhos.

— Talvez outra hora. Precisamos te dar um banho e ir para a cama.

— Você promete? — ela pergunta, pressionando meu coração.

Easton estende a mão e agarra a minha.

— Vou ligar para sua mãe, e vamos ver quando posso vê-la novamente, ok, princesa?

— Ok — ela concorda prontamente com ele.

— Eu a levo. — Estendo os braços.

— Eu a carrego. Paguei a conta, então já podemos ir. Pegou tudo? — ele me pergunta.

— Sim.

Ele enlaça os dedos nos meus e é assim que saímos do restaurante. No meu carro, destranco a porta e seguro meus braços para P.

— Eu a coloco — diz ele, colocando-a em seu assento. — Princesa, como você prende essa coisa? — Eu o ouço perguntar, e ela ri.

— Não é assim, East. É assim — explica ela.

— Você tem certeza? — Seu tom é brincalhão.

— Sim. — Ela ri novamente.

— Obrigado por sair comigo hoje.

— Obrigada também — diz ela, com um bocejo.

Eles murmuram mais algumas palavras antes de ele se levantar e fechar a porta. Ele pega minha mão e eu não tenho forças para me afastar.

— Ela é uma ótima criança — diz ele, com a voz baixa.

— Obrigada. — Me esforço para as palavras saírem de meus lábios.

— Posso ver vocês duas de novo? — pergunta ele. Acho que não escondo a expressão chocada muito bem, porque ele continua. — Eu gosto de você, Larissa. Quero explorar isso, e ela é parte de você, um pacote, a cereja do bolo, por assim dizer.

— Não é um balde de água fria? — pergunto a ele, prendendo a respiração.

— Não. — Sua resposta é curta e firme. — Posso pegar seu número? Vou ligar para você amanhã e podemos combinar alguma coisa.

Eu aceno, pegando seu telefone e digitando meu número antes de entregá-lo de volta para ele. Rapidamente, seus dedos voam pela tela e sinto meu celular vibrar na bolsa.

— Agora você tem o meu número, sabe, no caso de você jogá-lo no lixo como na última vez. Quero que use, Larissa. Ligue para mim a qualquer momento por qualquer motivo.

— Obrigada por hoje. Por ser tão bom com ela. — Não conto a ele que o pedaço de papel que caiu do cardápio está escondido na minha carteira. Não consegui jogá-lo fora.

— O prazer foi todo meu. — Ele fica de frente até que mal haja espaço entre nós. — Vou ligar para você amanhã — diz ele, inclinando-se e pressionando os lábios na minha testa.

Pisco decepcionada por não ter sido nos lábios. Recuando, ele abre a porta para mim e espera até eu entrar e ir embora antes que ele vá até a caminhonete. Eu o vejo no espelho, dando uma olhada furtiva até que não consiga mais vê-lo.

Paisley está dormindo quando chegamos em casa, então eu a carrego e a coloco direto na cama. Ela precisa de um banho, mas amanhã é domingo e eu não trabalho até a tarde. Nós vamos dormir, fazer café da manhã e nos preocupar com um banho antes de deixá-la com a minha mãe.

Quando estou subindo na cama, meu telefone toca na mesinha de cabeceira. Agarrando, vejo um número desconhecido.

DESCONHECIDO: As meninas chegaram em casa bem?

Easton.

EU: Chegamos. A senhorita P adormeceu a caminho de casa e mal moveu um músculo quando a levei para a cama.

EASTON: Eu me diverti muito com vocês duas. Obrigado.

EU: Nós nos divertimos também.

EASTON: Te ligo amanhã para combinarmos algo.

EU: Sei que você é ocupado. Não vamos esperar. Posso lidar com isso e contar para Paisley.

EASTON: Nunca deixo de cumprir com as minhas promessas. Bons sonhos, Ris.

Deixando meu telefone cair na cama, fecho os olhos e tudo que vejo é ele. Ele com as crianças hoje, ele brincando com Paisley, eles comendo pizza e jogando fliperama. A maneira como ele a carregava como se ela fosse preciosa para ele e, a colocasse no carro. A maneira como seus lábios pressionaram minha testa. A sensação de sua respiração quente contra minha pele.

Eu caio no sono sonhando com Easton Monroe.



CAPÍTULO 9

Easton

Já faz mais de uma semana desde que a vi. Com jogos fora de casa, treinos e reuniões de equipe não tive tempo, e no tempo que tinha estava muito cansado e minha cama chamava meu nome. Esta semana temos três dias seguidos sem jogos. Estou esperando esses três dias, para poder convencer Larissa a sair comigo. Sei que ela provavelmente odeia deixar Paisley, mas preciso de um tempo com ela. É egoísta, mas é fato. Pegando meu telefone do bolso, mando uma mensagem para ela.

Eu: Oi, Ris. Eu estava esperando que você e eu pudéssemos nos ver em breve.

Larissa: Não sei. Eu odeio passar outra noite longe de Paisley.

Eu: Podemos trazê-la se você quiser.

LARISSA: Não quero interromper a rotina dela. Ela vai para a cama cedo.

EU: Por favor?

Eu espero, batendo na tela do meu celular toda vez que começa a escurecer, observando as bolinhas aparecerem, o que me diz que ela está respondendo. Finalmente, depois do que parece uma vida inteira, a bolha aparece e a resposta dela chega.

LARISSA: Estou de folga amanhã à noite.

EU: Então combinado?

LARISSA: Não sei. Também preciso falar com a mamãe para ver se ela pode cuidar de P.

EU: Podemos ir cedo se ajudar.

LARISSA: Um encontro de dia?

EU: Pode chamar do que quiser, desde que eu passe algum tempo com você.

LARISSA: E P também pode ir?

Ela é uma criança fofa e, claro, é bem-vinda, mas quero um tempo com ela. Eu não digo isso, porque sei que, como mãe solteira, suas opções são limitadas.

EU: Sempre.

LARISSA: Me dê um tempo. Estou terminando algumas tarefas de casa agora.

EU: Você tem aula hoje?

LARISSA: Faço aulas on-line, mas há algumas que só posso fazer no campus. É conveniente e, desde que eu faça o login diariamente e envie meus trabalhos, fica tudo certo. Ajuda porque dá para fazer nos dias de folga e depois que a P dorme.

EU: Legal.

EU: Então, ficarei esperando notícia sua.

LARISSA: Me dê quinze minutos.

EU: Eu não vou a lugar nenhum.

Minhas palavras têm duplo sentido, e sei que Larissa consegue entender. Ela é esperta. É mais do que apenas beleza; ela é o pacote completo: inteligente, engraçada, descontraída e uma mãe maravilhosa. Só isso me diz que ela é uma das boas. Isso, e o fato de que ela não dava a mínima por eu ser um grande jogador da liga de beisebol. Gosto muito disso.

Mantendo o celular em uma mão e o controle remoto na outra, navego pelos canais. Nada está me chamando a atenção. Não é a falta de opções, mas o fato de que só consigo pensar em Larissa e se vou poder vê-la enquanto estiver em casa. Verifico meu telefone, sabendo muito bem que não tenho uma chamada ou mensagem perdida, mas, sem querer perder a chance, eu o faço de qualquer maneira.

O que ela fez comigo?

Meu telefone toca, fazendo-me pular e derrubar o celular. Quando o pego de novo, olho para a tela e vejo o rosto da minha irmãzinha Pepper. Ela é dez anos mais nova que eu. Debato em atender, no caso de Larissa ligar, mas decido que é melhor.

Sempre digo a ela que pode me ligar se não quiser ligar para mamãe e papai.

— Ei, Pep — eu a cumprimento.

— East, bom jogo ontem.

— Obrigado.

— Como você está? Parece que faz uma eternidade que não falo com você.

— Sabe como é só durante a temporada. Você está bem?

— Sim, apenas aproveitando. Eu tenho sido babá para o Lawrence no fim da rua. Eles têm gêmeos de cinco anos de idade. É dinheiro fácil.

Penso em Paisley. Ela é apenas um ano mais jovem e passar o dia todo com ela, tenho certeza de que seria uma aventura.

— Isso é ótimo. Está guardando para um carro? — provoco.

Todos nós sabemos que mamãe e papai vão comprar um carro para ela, mas gostamos de provocá-la de que ela precisa comprar por conta própria. Nós éramos mimados com papai sendo um jogador da liga principal. Não ao ponto de merecermos esse título, mas também nunca pedimos nada.

— Haha, não, apenas para gastar dinheiro e ter algo para fazer. Josie ficou com os avós neste verão e eu estou entediada.

Sua teatralidade me faz rir.

— Espere aí, criança.

Praticamente posso ouvi-la revirando os olhos para mim.

— Criança? Sério, Easton? Eu tenho quinze anos. Vou fazer dezesseis em quatro meses — ela me lembra. Ela lembra a todos nós diariamente.

— Desculpe, esqueci — minto.

— Claro — ela resmunga. — É melhor eu ir, disse à mamãe que iria colocar louça para lavar antes que ela e papai voltassem para casa. Eles estarão aqui a qualquer momento.

— O que você fez o dia todo? — pergunto a ela.

— Nada de mais, apenas na piscina.

— Vá, antes que você tenha problemas. Seja boa, Pep.

— Amo você — ela canta e desliga.

Quando estou colocando o celular na mesa, recebo uma notificação de mensagem de texto.

LARISSA: Não quero deixar P com a minha mãe de novo à noite.

EU: Encontro de dia?

Por sorte, amanhã é um treino matinal breve. Uma hora na sala de pesos e duas no campo. Teria bastante tempo para ainda ir ao nosso encontro. Se ela escolher de manhã, vou dar uma desculpa para o treinador, porque é preciso vê-la tanto assim. Para passar algum tempo com ela. Para ver se realmente é falta dela que sinto. O que mais poderia ser? Só consigo pensar nela.

LARISSA: Não sei.

EU: Por favor (estou fazendo olhos de cachorrinho para você).

LARISSA: Rs.

EU: Eu adoraria ver você. Você diz a hora.

LARISSA: Meio-dia? Estar de volta às cinco mais ou menos? Dessa forma, poderemos ter nossa rotina noturna normal.

EU: Meio-dia então.

LARISSA: Onde vamos nos encontrar?

EU: Posso buscá-la. Isso é um encontro.

Larissa: Eu prefiro encontrar você.

Sempre sinto como se estivesse batendo em uma parede com ela. Eles dizem que nada que vale a pena ter vem fácil. Este é um verdadeiro testamento disso.

Eu: E quanto ao seu trabalho? Você pode estacionar lá?

Larissa: Sim, vejo você depois.

Odeio não buscá-la, mas, neste estágio do jogo, tenho que escolher minhas batalhas. No grande esquema das coisas, eu ganhei porque ela concordou em sair comigo. Não importa se é dia ou noite; ainda vou passar um tempo com ela.

Agora, vou planejar o que vamos fazer. Realmente não namorei muito, então este é um novo jogo para mim. Nenhum trocadilho intencional. Entendo que ela é uma viúva e que está fazendo tudo isso sozinha, realmente entendo. No entanto, o que ela não entende é que eu quero ter a chance de conhecê-la melhor, realmente conhecê-la. Talvez eu seja o homem que possa ajudá-la a se curar? Talvez seja o homem que pode ser uma figura paterna para Paisley? Eu estive onde elas estão. Sei que é assustador pra caramba. Vi minha mãe viver isso. Também a vi dar uma chance ao meu pai agora, e nossas vidas são melhores por causa disso.

Abrindo o mecanismo de pesquisa no meu telefone, digito ideias de encontro para o dia. Tempos desesperados exigem isso. Não sei se vou ter outra chance com ela. Até este ponto, ela dificultou. Preciso tornar esse encontro inesquecível.



CAPÍTULO 10

Larissa

Pensei em falar à mamãe que eu tinha que trabalhar algumas horas, porém decidi não falar. Eu sabia que, assim que pedisse a ela que cuidasse de Paisley para que eu pudesse ir a um encontro com ninguém menos que o solteiro mais elegível do Tennessee, de acordo com o Google, admito que fiz algumas pesquisas, seu sorriso seria enorme e permanente em seu rosto. Ela está sempre me dizendo para sair mais, namorar e fazer as coisas por mim. Sempre dou a mesma resposta: ninguém despertou meu interesse, e ela e Paisley, bem, e Chloe são toda a vida social de que preciso.

Eu estive em alguns encontros desde que Steven faleceu, mas geralmente eram encontros duplos com Chloe, que nunca levam a mais do que jantar e algumas bebidas.

Talvez eu esteja quebrada.

— Vá se divertir. Não precisa se apressar — mamãe diz, com Paisley em seu quadril. — P e eu estamos indo para o parque, depois pensei em fazer um bolo.

— Yay! — Paisley lança seus pequenos braços no ar e aplaude.

— Vou chegar às cinco — digo novamente.

Ela revira os olhos divertidamente.

— Bem, se as coisas mudarem, não se preocupe conosco. Na verdade, eu estava esperando uma festa do pijama.

— Posso, mamãe, por favor, por favor? — Paisley implora.

— Mãe, você já fica muito com ela.

— Claro que fico. É para isso que são as avós. Vá, nós cuidamos disso. Se divirta, viva um pouco. Leve o tempo que precisar. Vejo você amanhã no café da manhã.

— Tenho que estar no trabalho às dez.

— Então é melhor se levantar e se mexer, preguiçosa. — Ela ri, e Paisley a imita, jogando a cabeça para trás em gargalhadas. — As panquecas e o bacon estarão prontos às nove.

— Obrigada, mãe. — Eu me inclino e dou a ambas um abraço, beijando P na bochecha. — Você, seja boazinha com a vovó.

— Mamãe, eu sempre sou boazinha — ela diz dramaticamente.

Minha filhinha tem quatro anos, mas já é esperta.

— Vocês, meninas, se comportem — digo, com um aceno final quando corro pela porta.

No caminho todo até o The Vineyard, tento não pensar sobre hoje, sobre esse encontro com o qual concordei. É muito difícil continuar resistindo a ele.

Entrando no estacionamento, eu o vejo em sua caminhonete. Ele pula e corre para minha porta, abrindo para mim.

— Oi, Ris. — Ele se inclina e beija minha bochecha.

— Oi — digo, sem jeito. Eu me sinto uma adolescente tonta quando estou com ele. Preciso parar com isso. Sou uma mulher adulta, mãe. Ele é apenas outro cara. Não preciso deixar seu trabalho e sua fama me intimidarem.

— Você está pronta? — ele pergunta.

— Claro, o que vamos fazer?

— Pensei muito sobre hoje e decidi compartilhar algo que amo com você.

— Oh — digo, sem saber o que falar. Easton Monroe não é nada do que eu esperava. Ele continua me surpreendendo.

— É, então pensei que poderíamos comer alguma coisa. Sei que você precisa estar de volta às cinco, então espero ter tudo bem planejado.

Eu me sinto um pouco culpada pelo prazo. Quando disse a ele às cinco horas, era para manter minha filha em sua rotina. Bem, e para manter distância dele. Ele é sexy e encantador, e eu preciso de toda a ajuda que puder.

— Parece legal — finalmente digo. O que devo dizer a ele é que não há limite de tempo, mas parece que não consigo empurrar as palavras além dos meus lábios.

O passeio está cheio de conversas casuais. Easton me pergunta sobre a faculdade e meu trabalho.

— Então, faltam apenas dois semestres para me formar — digo a ele.

— Isso é ótimo. Você deve se orgulhar de tudo que realizou ao trabalhar e criar sua filha.

— Era o que precisava fazer.

Ele concorda.

— Como está a princesa Paisley?

Sorrio com o doce nome que ele deu a ela.

— Agora ela está no paraíso. Está com minha mãe. Elas vão ao parque e depois vão fazer bolo.

Ele ri.

— Uh oh, você acha que ela vai estar empolgada com o açúcar quando você a pegar?

Hesito por apenas alguns segundos, antes de responder.

— Na verdade, quando a deixei, mamãe insistiu que ela ficasse durante a noite. Odeio pedir a ela para fazer isso, porque ela faz muito quando eu trabalho no turno da noite. Ela foi inflexível e quer que eu viva um pouco. Palavras dela, não minhas — confesso.

Ele se aproxima e dá à minha mão um aperto suave.

— Então, tenho você por mais do que algumas horas? — Sua voz é esperançosa.

Mordo o lábio inferior e respiro fundo.

— Acho que devemos apenas ver como as coisas vão acontecer.

Com um rápido olhar em minha direção, ele me dá um sorriso torto. Fico feliz de estar sentada porque os efeitos certamente enfraqueceriam meus joelhos.

— Desafio aceito.

Balançando a cabeça, luto contra um sorriso. Como eu disse, encantador.

— Chegamos — diz ele, entrando em um estacionamento.

— Onde estamos? — pergunto a ele. O prédio não está identificado.

— Você vai ver. — Ele sorri. Pegando suas chaves, ele pula para fora do caminhonete e corre para abrir minha porta. Assim que saio, ele passa os dedos pelos meus e coloca o celular no ouvido com a mão livre. — Ei, Larry, sim, acabei de chegar. Ótimo, obrigado — ele diz, encerrando a ligação.

— Uma dica? — pergunto. Ele obviamente planejou isso, já que avisou alguém que chegamos.

— Vai ver em breve. — Ele nos leva para uma porta lateral de entrada e bate três vezes. Nem um minuto depois, um senhor mais velho usando um uniforme, o nome Larry no peito, abre a porta e nos conduz para dentro. — É bom ver você — diz Easton, estendendo a mão para o homem mais velho.

— Você também, E. Tudo está preparado. Não tenha pressa. Estou trabalhando no chão do

vestiário — diz ele.

— Obrigado — responde Easton. — Está pronta?

— Para…? — pergunto novamente.

— Gaiolas para rebater. — Ele sorri, novamente. Juro que seu sorriso é tão grande e tão brilhante que eu podia ver da minha varanda da frente.

— Nunca estive em gaiolas para rebater.

— Perfeito. Posso te mostrar. — Com a minha mão ainda envolta na sua, ele nos leva por um corredor e por um conjunto de portas duplas.

— Gaiolas de rebater? — pergunto, quando vejo o que está diante de nós.

— Sim. — Ele dá à minha mão um aperto suave. — Eu queria compartilhar uma parte de quem eu sou com você. Não Easton, o principal jogador da liga, mas Easton, o cara que cresceu amando o esporte. O cara que passou mais tempo nas gaiolas de rebater do que em qualquer outro lugar. Também pensei que, se Paisley acabasse vindo com a gente, ela também se divertiria.

— Você estava falando sério? — pergunto. Pensei que ele estivesse apenas sendo legal dizendo que P poderia ir junto.

— Claro que eu estava. Ela é parte de você, Larissa.

— É que pensei…

Ele me interrompe.

— Pensou o quê? Que eu queria dormir com você e essa era a minha maneira de conseguir isso? Eu já lhe disse que não é disso que se trata. O que tenho que fazer para fazer você acreditar em mim?

— Sinto muito — digo imediatamente. — Eu não deveria ter presumido algo ou julgado você. — Olho em volta da sala e vejo que somos os únicos aqui. — Este lugar está fechado?

— Está. Cobrei um favor. Não queria que as pessoas apontassem seus celulares para nós a noite toda. Eu estou acostumado, mas sei que você não está e, se Paisley estivesse aqui, eu não iria querer que eles tirassem fotos dela e que ela acabasse nos jornais também.

— Obrigada. — Estou grata por ele ter pensado tanto nisso. Para mim e minha filha. — Então, esta é a primeira vez para mim, Monroe. Vai ter que me mostrar como se faz. — Bati meus cílios para ele como um idiota. Posso sentir o calor do meu rosto com vergonha. Sou péssima em flertar, namorar.

Seus olhos escurecem.

— Eu cuido de você — ele diz, puxando-me para perto. Minhas costas estão alinhadas em seu peito. Os lábios estão ao lado do meu ouvido quando ele sussurra: — Tenho que me mover — diz com voz rouca.

Eu tremo, não tenho certeza se é pelo seu hálito quente ou as palavras, e o significado por trás delas. Suas mãos pousam nos meus quadris e ele me vira um pouco para a direita. Aparentemente, meu constrangimento anterior, embora parecesse insensato, resolveu o problema.

— Agora, fique assim — ele instrui.

— Oh, esses tipos de movimentos — digo, quando consigo falar.

— Larissa! — ele zomba. — Você tem uma mente suja. Eu nunca faria isso. — Ele sorri quando olho para ele.

— Uhuh, vamos continuar com o treino, Sr. Tenho que me mover.

— O quê? — ele pergunta inocentemente. — Eu sei. Ficaria feliz em mostrá-los para você. Todos eles.

Não posso deixar de rir quando ele pisca para mim.

— Me mostre o que fazer.

Seus olhos escurecem, e eu tenho que admitir que estou excitada. Já faz muito tempo que não gosto de verdade da companhia de um homem, e não sinto qualquer tipo de atração.

— Ok, vamos começar assim.

Nas próximas duas horas, batemos bola após bola. Easton me posiciona, fica atrás de mim e até bate em algumas comigo. Meu corpo está… vivo e já anseia por seu toque. Eu poderia até ter fingido que esqueci o que ele me disse uma vez ou duas, só para que ele ficasse atrás de mim e envolvesse seus braços em mim novamente.

Estou dando voltas e mais voltas e tenho que admitir agora que estou fazendo contato, estou gostando mais do que pensei. P teria adorado.

Easton recua e diz que é a minha vez novamente. Passo para o lugar certo e entro na minha postura. Segurando meu bastão, dou-lhe um aceno de cabeça que estou pronta para ir. Me sinto mais confiante nesta rodada. Quando a bola é liberada, lembro o que ele me mostrou. Espero até que sinto que é o momento certo e balanço o bastão. Não só se conecto a bola, mas também a faço voar até o fundo da rede. É o meu melhor até agora. Solto o bastão e pulo para cima e para baixo.

— Isso! — eu torço.

Easton corre para mim e me pega, me girando. Então ele começa a cantar “Girl on Fire”, de Alicia Keys, fazendo-me cair na gargalhada.

— Não desista de trabalhar de dia — provoco.

— É verdade. Quanto mais você bate, melhor fica. Estou impressionado — diz ele, colocando-me de volta em pé.

Finjo tirar poeira do ombro.

— Sabe, tudo isso em um dia de trabalho.

— Cansou? — ele pergunta, rindo.

— Sim — respondo, mesmo que não esteja pronta para nosso tempo acabar.

Ele sorri.

— Vamos para a próxima aventura.

— O que é? — Tento esconder meu sorriso, mas falho. Estou me divertindo muito e feliz por não deixar que minhas preocupações ou medo me afastem do encontro.

— É surpresa. — Ele beija a ponta do meu nariz. Depois de enlaçar os dedos nos meus, nos despedimos de Larry para voltarmos à estrada.



CAPÍTULO 11

Easton

Planejar encontros não é o meu forte. Planejar um encontro em que uma adorável criança de quatro anos possa estar acompanhando é um desafio. Eu queria passar um tempo com Larissa e Paisley, se ela estivesse conosco, mas queria que as duas se divertissem e se sentissem à vontade. Então planejei um piquenique. No começo pensei em ir ao parque, mas não querendo que elas terminassem na primeira página dos tabloides, decidi pedir um favor. Tank Thomas jogou com meu pai e, até hoje, eles continuam sendo bons amigos. Ele é dono de uma grande fazenda não muito longe daqui. Felizmente, ele disse que podíamos ficar o tempo que quiséssemos. Ele e sua esposa estão fora da cidade. É o local perfeito com muita privacidade. Pedi comida de uma lanchonete local, peguei alguns cobertores velhos, um cooler para a água e joguei algumas caixas de suco para a Paisley por precaução.

Crianças bebem suco, certo?

Também peguei um Frisbee, e comprei uma nova luva rosa, a menor que pude encontrar. Também consegui uma para Larissa, para que nós três pudéssemos brincar. Não tenho certeza se Larissa vai querer brincar, mas deitado de costas no cobertor com ela, só conversar parece muito bom para mim. Ela é diferente de qualquer pessoa que já conheci. Até agora, hoje foi perfeito.

— Só preciso fazer uma parada rápida — digo a ela.

Quero me aproximar e segurar a mão dela ou colocar em sua coxa quente, porém mantenho as duas mãos no volante. A última coisa que não preiso é assustá-la porque não consigo tirar as mãos dela.

— Está tudo bem. Vou com você. — Ela sorri.

Com o passar do dia, esses sorrisos parecem vir mais fáceis para ela. Eu tenho que lutar contra o desejo de estufar o peito, tenho certeza de que sou a razão por trás de seus sorrisos. Eu estou fazendo isso. Fazendo-a sorrir. Ela tem muita coisa na sua vida com trabalho, faculdade e a Paisley. Estou feliz por poder dar a ela um dia de diversão. Um dia para talvez não pensar em todas as suas responsabilidades. Larissa cuida de todos, isso já é óbvio, e caramba, eu quero ser o único a cuidar dela. Essa conexão que temos é real. Sinto isso com cada toque, cada olhar. Eu estou fora da minha zona de conforto com ela, mas vou ser amaldiçoado se deixar isso me assustar.

A parada na lanchonete é rápida. Tudo embalado em uma cesta de piquenique de vime, como pedi. Não me importei com o custo disso; eu queria que hoje fosse especial.

— Olhe só você — diz Larissa, quando coloco a cesta no banco de trás.

— O que foi? — finjo inocência.

— Deixe-me adivinhar… escoteiro? — ela brinca.

Jogo a cabeça para trás e rio.

— Só gosto de estar preparado. — O lugar para onde vamos é cerca de vinte minutos fora da cidade.

— Aonde está me levando, Monroe? — ela pergunta.

— Adivinhe?

— Pela aparência das coisas, a um piquenique?

— Sim. Você gosta?

— Sem problemas. — Sua boca se curva em um sorriso caloroso quando ela se acomoda em seu assento. Nós estamos em um bate-papo ocioso. Ela me provoca sobre o meu planejamento, e eu aproveito tudo isso. Adoro vê-la despreocupada e sorridente. — Quem mora aqui? — ela pergunta, quando eu paro na garagem.

— Um bom amigo da família.

— Eles não se importam de estamos aqui? Ir para a cadeia não está na minha lista de tarefas — ela diz, com uma sugestão de sorriso em sua voz.

— Não há prisão, pelo menos não hoje — digo, fazendo com que sua boca se abra. Eu jogo a cabeça para trás e rio. — Relaxe, Ris. Estou tentando fazer com que você queira passar um tempo comigo, isso é uma maneira infalível de garantir que nunca aconteça.

— Contanto que estejamos de acordo. — Ela pisca e sai da caminhonete. — O que posso carregar? — ela pergunta.

— Pegue essa bolsa — digo, apontando para a mochila que eu trouxe com as luvas, bolas e frisbee. Pego a cesta, jogo a pequena alça do refrigerador no meu ombro e pego os dois cobertores. — Por aqui, madame. — Curvo a cabeça para ela, fazendo com que sua risada flua livremente mais uma vez. Esse é um som que eu adoraria ouvir todos os dias. Nos conduzo para trás da casa e para a garagem. Tank me deu o código de segurança para que pudéssemos usar o carrinho de golfe para voltar ao lago e ao gazebo.

— Sério, Easton. Você conhece essas pessoas, certo? — ela pergunta, mordendo o lábio inferior.

Inclinando-me, pressiono um beijo em sua bochecha e sussurro em seu ouvido:

— Sim, eu conheço essas pessoas. De jeito nenhum arriscaria perder você quando finalmente consegui sua atenção. — Afastando-me, eu coloco os cobertores, cesta, cooler e a bolsa de suprimentos no carrinho de golfe. — Vamos — digo a ela.

Ela não hesita, e o sorriso em seu rosto me diz que está animada com o que está por vir.

Eu dirijo para o lago e paro na beira do cais. Rapidamente, nós descarregamos, e eu começo a arrumar um lugar para nós. Depois de colocar os cobertores estendidos, a cesta e o cooler todos arrumados, nós nos acomodamos para o almoço.

— Isso é muito bom — diz ela, colocando uma uva na boca.

— É tranquilo aqui, e eu não tinha certeza se Paisley iria vir. Pensei que ela poderia correr e brincar. Também trouxe dois cobertores para o caso de ela querer tirar uma soneca.

— Ela é contra sonecas hoje em dia. Mesmo quando as tira, elas são curtas. — Um rubor toca suas bochechas. — Desculpa.

— Por quê? — pergunto, estendendo a mão e colocando uma mecha de cabelo atrás de sua orelha.

— Tenho certeza de que não quer me ouvir tagarelar sobre os hábitos de cochilar da minha filha.

— Ela é uma parte de você?

Ela olha para mim, sua expressão confusa.

— Ela é a melhor parte de mim.

— Então quero ouvir você falar sobre ela. Ela é a sua vida, Larissa. Eu entendo. Tudo o que estou pedindo é uma chance de fazer parte disso também.

Ela fica quieta por vários longos minutos olhando ao longe.

— Você não facilita as coisas para uma garota, não é?

— Nada que valha a pena vem fácil — digo.

— O que tem na bolsa? — ela pergunta, mudando de assunto.

— Eu, tentando estar preparado. — Pegando a bolsa, eu abro e puxo o frisbee. — Não se pode vir a um lugar como este sem um frisbee.

— Acho que é tipo uma lei — ela brinca.

Mergulhando na bolsa mais uma vez, puxo a pequena luva rosa.

— Achei isso — digo, entregando a ela.

Ela pega a luva e a vira nas mãos.

— Você se lembrou. — Ela olha para mim, e seu sorriso é ofuscante.

— Claro que sim. A princesa P queria uma luva rosa, mas eles não tinham um em seu tamanho.

— Não sei o que dizer.

— Não diga nada. Apenas ouça. — Colocando a bolsa de lado, eu pego sua mão, segurando-a na minha. Suavemente, traço seus dedos com o polegar e espero que ela olhe para mim. Quando ela o faz, deixo as palavras caírem livres. — Eu gosto de você, Larissa. Não estou jogando com você. Sei que você é mãe solteira e que Paisley é, como ela deveria ser, a pessoa mais importante em seu mundo. Eu só quero a chance de fazer parte desse mundo. Para passar o tempo com vocês. Para conhecer você e ver se essa eletricidade que sinto toda vez que estou com você é o que imagino que seja.

Ela fecha os olhos e acena com a cabeça. Eu não digo mais nada, dando a ela tempo para processar o que estou dizendo. Quando seus olhos se abrem, eles dizem muito. Ela quer confiar em mim, mas está protegida. Eu não me importo com quanto tempo leve, vou ganhar essa confiança dela. De ambas. Posso sentir seu medo, sua relutância emanando.

Será que ela ainda está de luto pela perda do marido? Será o fato de minha vida estar no centro das atenções? Talvez ela esteja com medo de perder mais uma pessoa importante em sua vida? Quaisquer que sejam esses medos, quero vencê-los. Quero que ela sorria como fez há apenas alguns segundos. Quero o riso dela. Quero vê-la ser a incrível mãe que já sei que ela é. O que quer que ela esteja escondendo atrás dessas paredes, eu quero ser o homem a derrubá-las.

— O que mais tem na bolsa? — ela pergunta, depois de limpar a garganta.

Sem soltar a mão dela, pego novamente a bolsa com a outra mão. Pego mais duas luvas e algumas bolas.

— Nós não poderíamos dar-lhe a luva rosa que ela sempre quis e não a usar. — Dei uma piscadinha.

— Você pensou em tudo. — Ela sorri. É mais discreto do que os que recebi anteriormente, mas aceito. Eu nunca recusaria um de seus lindos sorrisos.

— Talvez eu sempre tenha desejado ser escoteiro — digo, e seu sorriso cresce. — Vamos comer. — Eu tiro as frutas frescas, pretzels e sanduíches da cesta de piquenique. — Temos sanduíches de peru com salada, um só de peru e um só de queijo. Eu não tinha certeza do que Paisley iria comer, mas sei que ela ama queijo.

— Ela gosta mesmo. Foi muito atencioso da sua parte, Easton. Obrigada por sair do seu conforto, apenas pela ideia de que ela pudesse estar conosco hoje.

— Então, como me saí? — pergunto. — Queijo ou peru para a princesa?

— Ela comeria os dois, mas teria escolhido o queijo.

— Isso! — Jogo as mãos no ar, celebrando minha vitória. — E você?

— O de peito de peru é perfeito.

— Isso é dois de dois — digo, levantando dois dedos.

— Está se vangloriando, Sr. Monroe?

— Comemorando. Há uma diferença.

— Uhuh. — Ela ri.

Passamos algumas horas nos cobertores conversando. Ela me conta histórias sobre Paisley, e eu conto histórias sobre crescer como um irmão mais velho. Às vezes, nós apenas ficamos em silêncio com as mãos unidas, olhando para o céu. É simples, mas perfeito. Este é um dos melhores dias que me lembro de ter.

— Sei que está chegando perto das cinco, mas não estou pronto para o fim de hoje.

— Foi um bom dia — ela concorda.

— Que tal jantar?

— Eu realmente deveria ir para casa. Tenho uma tonelada de tarefas que preciso fazer, e a P estando com mamãe, é uma ótima hora para fazer isso.

Estou desapontado, mas entendo. Ela não tem tempo para si mesma; tudo é trabalho, escola e sua filha. Eu a admiro.

— Vamos arrumar as coisas e levá-la de volta para o seu carro. — Fazemos um trabalho rápido arrumando as coisas e estamos a caminho rapidamente.

— Obrigada, Easton — ela diz, uma vez que paro a minha caminhonete ao lado de seu SUV. — Eu não sabia o que esperar de hoje, mas isso… obrigada.

— Devemos nos encontrar com mais frequência durante o dia. — Sorrio para ela.

— Sim, talvez devêssemos. — Com isso, ela sai da caminhonete. Eu me apresso a fazer o mesmo e andar com ela até o lado do motorista de seu SUV.

— Posso te ligar mais tarde? — pergunto.

— Acabamos de passar a maior parte do dia juntos.

— E ainda não é suficiente — digo, chegando mais perto.

Vejo como ela engole em seco, o seu pescoço sexy pra caramba.

— Sim, seria ótimo.

— Obrigado por concordar em me ver hoje, Larissa. Não me lembro de um dia que eu apreciei mais. — Inclinando-me, beijo o canto de sua boca. — Dirija com segurança. — Com isso, recuo e abro a porta. Fico ali até ela ir embora, observando até que não consiga mais vê-la.

Realmente gosto dela.



CAPÍTULO 12

Larissa

ESTOU SENTADA NO SOFÁ COM MEU LAPTOP HÁ QUATRO HORAS. MEUS OLHOS ESTÃO CANSADOS E MEU estômago acabou de roncar. Estou me sentindo muito bem sobre onde estou com minhas aulas. Tem sido uma noite produtiva. Recusei-me a pensar em Easton, empurrando-o para fora da minha mente. Senão, eu sabia que não faria nada. Agora, aqui estou eu, quase às dez da noite, e não apenas estudei o que precisava, mas estou à frente. Não sei se já estive à frente antes. Fecho o laptop e empilho fichário e cadernos na mesa quando meu telefone toca.

Easton.

Respiro fundo para conter a emoção de ver o nome dele na minha tela. Estou agindo como uma adolescente, mas não consigo me controlar quando ele está envolvido.

— Olá — respondo.

— Ei, Ris. Como estão indo seus estudos? — O timbre profundo de sua voz me envolve. É calmante.

— Bem. Na verdade, estudei o que precisava e fui até um pouco além. Acabei de guardar tudo por hoje. Meus olhos estão embaçando, olhei para a tela do meu computador por bastante tempo.

— Isso é bom de ouvir. Você comeu?

— Ainda não. Estava indo para a cozinha ver o que poderia encontrar.

— Eu poderia levar alguma coisa.

— Isso é gentil da sua parte, mas posso encontrar algo aqui.

— Tem certeza?

— Tenho. Como foi o resto do seu dia? — pergunto, abrindo a porta do freezer. Localizo uma das pizzas de micro-ondas individuais que P ama e pego. O mais silenciosamente que consigo, abro o pacote e coloco no micro-ondas. Não quero perder uma palavra do que ele tem a dizer.

— Sem intercorrências. Cheguei em casa, lavei roupa, trabalhei um pouco e depois fui nadar.

— Ah, a vida de um atleta profissional — provoco.

— Mais como a vida de um homem que está tentando realmente não acabar na sua porta hoje à noite.

— Sério? — pergunto. Mantenho a voz calma, mas, por dentro, tenho aquela sensação, aquela que começa na boca do estômago e depois se apossa de você. É um sentimento de saudade e desejo.

— Já sinto a sua falta. Não consigo parar de pensar em você, e sei que está sozinha em casa. Se não fosse pelo fato de que sei que não só precisa, mas merece esse tempo livre para colocar as coisas em ordem, eu estaria batendo na sua porta.

— Tem sido legal. Não me entenda mal. Eu amo minha filha, mas, para realmente colocar as coisas em ordem e estar um pouco adiantada, é bom. Tenho que admitir.

— Então meu sofrimento valeu a pena — diz ele dramaticamente.

— Escute o que está dizendo — digo com uma risada. O micro-ondas emite um bipe alto. — Desculpe, esse é meu jantar — digo.

— O que vai comer?

— Uma pizza de micro-ondas congelada.

— Parece… delicioso? — ele pergunta.

— P ama. Elas são rápidas e fáceis. Sempre as tenho à mão, naqueles dias em que cozinhar não está nos planos. Tento mantê-la em uma dieta equilibrada, então costumo cortar alguma fruta ou abrir uma lata de legumes para acompanhar.

— Aposto que ela ama. — O divertimento ata suas palavras.

— A fruta, sim, os vegetais não muito. A menos que sejam ervilhas. A garota ama ervilhas, o que é estranho.

— É meio estranho. — Ele ri. — Como ela está?

— Paisley? Está na casa da mamãe. Liguei para ver como ela estava, e elas estavam fazendo bolo. Vou lá tomar café da manhã com elas de manhã, antes do trabalho. Vou trabalhar no turno da manhã.

— Tenho que estar no estádio às seis para o levantamento de peso em equipe, mas depois estou livre.

— Planos? — pergunto, um pouco surpresa com o quanto é fácil conversar com ele.

— Na verdade, não. Tem uma garota que conheci. — Meu coração ganha velocidade com suas palavras. — Ela trabalha em um restaurante bem legal. Eu poderia passar lá para o almoço.

— Você parece estar se esforçando muito para essa garota.

— Ela vale a pena.

Aquele sentimento me toma de novo.

— Acho que deveria deixar você ir então. Sabe, já que precisa se levantar tão cedo.

— Você está indo dormir? — ele pergunta.

— Ainda não. Provavelmente vou lavar um pouco de roupa antes de dormir.

— Se importa se eu lhe fizer companhia? — ele pergunta.

Seu pedido deveria me assustar, mas não é o que acontece.

— Easton, está tarde…

Ele me interrompe.

— Apenas por telefone, Ris.

— Essa é uma longa conversa telefônica.

— Preciso saber mais sobre você — ele comenta.

— Precisa? Como o quê? — Estou sorrindo tanto que meu rosto pode rachar. Ele é persistente e acho cada vez mais difícil continuar afastando-o. Ele é tão fácil de conversar e estar por perto. Hoje foi uma verdadeira prova disso.

— Como o seu sabor favorito de sorvete… quantos anos você tinha quando deu seu primeiro beijo, entre outras coisas — diz ele, sua voz baixa e rouca.

— Já estamos nesse estágio? — provoco, a consciência viajando através de mim.

— Eu estou. Não sei você, mas com certeza eu estou.

Não contenho meu sorriso.

— Você primeiro — digo. É assim que a nossa noite vai. Nas próximas duas horas, falamos sobre filmes, música e comida. Nada muito pesado, apenas pequenas coisas mundanas, se conhecendo. Eu consegui lavar, secar e dobrar duas máquinas de roupa e, agora, estou pronta para dormir. — É quase uma da manhã. Nós dois temos que acordar cedo. Você mais cedo que eu.

— Eu sei.

— Provavelmente é bom dormirmos um pouco.

— Obrigado por hoje e por esta noite.

— Não deveria ser eu a te agradecer?

Ele ri.

— Quero dizer, eu sou Easton Monroe.

— Silêncio. Durma um pouco, campeão — digo.

— Boa noite, Ris. Bons sonhos.

— Boa noite. — Termino a ligação, conecto meu celular ao carregador e rastejo sob as cobertas.

Enquanto caio no sono, é o sorriso dele que vejo e o toque dele que sinto como se ele estivesse aqui comigo.

Bons sonhos, de fato.



CAPÍTULO 13

Easton

EU TENHO ESTADO LOUCO A MANHÃ TODA, TENTANDO PENSAR EM ALGO DIVERTIDO QUE POSSO FAZER com Larissa e Paisley. Quero causar uma boa impressão, e tudo que invento parece sem graça. Pegando meu telefone para ligar para minha mãe e pedir sua opinião — tempos difíceis e tudo o mais —, percebo que tenho um e-mail do gerente da Blaze. Rolando para baixo, vejo que é um lembrete de que o dia da família Blaze será no zoológico neste sábado. Se estiver interessado em participar, preciso informar o número de participantes para que eles preparem meus ingressos.

Alguém está me vigiando.

Rapidamente, respondo que preciso de três ingressos, dois adultos e um infantil. Eu tinha esquecido tudo sobre o evento e nem tinha certeza de que iria. Um cara solteiro no zoológico não é muito divertido. Um cara solteiro, a garota que ele quer conhecer e sua adorável filha… isso soa muito mais atraente. Em vez de ligar para mamãe, ligo para Larissa.

— Olá — ela responde, e sua voz está rouca de sono. Olhando para o relógio, vejo que acabou de passar das oito da manhã.

— Acordei você? — pergunto, tentando não pensar nela toda aconchegada em sua cama.

— Não, só estava deitada. P me acordou cerca de dez minutos atrás.

— Ela é madrugadora?

— Bastante.

— Quem é, mamãe? — Ouço sua voz doce e angelical perguntar.

Ela hesita.

— É Easton.

— Eu quero dizer oi. — Há um farfalhar com o telefone. Então ouço: — Ei, East, o que está fazendo?

— Bom dia, princesa. Estava ligando para sua mãe para planejar que passássemos o dia juntos no próximo sábado. — Sei que é uma atitude idiota deixar Paisley empolgada antes de falar com Larissa, mas espero que isso funcione a meu favor. Ela não pode desistir de mim.

— Vamos brincar de pegar? — ela pergunta.

— Não, mas preciso perguntar à sua mãe primeiro. Você pode devolver o celular a ela?

— Mamãe, Easton quer falar com você.

— Ei — diz Larissa, e posso ouvir o sorriso em sua voz.

— Então, tenho um evento no sábado, e queria saber se você e Paisley viriam comigo?

— Que tipo de evento? — ela pergunta com cautela.

— O Blaze vai ter um dia em família no zoológico. Eles fecham o lugar para nós, com tudo liberado. Pensei que Paisley iria gostar.

— Ela vai adorar — ela admite. — Que horas?

Lanço o punho no ar em comemoração silenciosa.

— Vou buscá-las às onze.

— Tudo bem — ela sussurra.

— Ok — comento. — Ótimo. Me mande seu endereço.

— Já faço isso. Tenho que levantar e fazer o café da manhã. Vou trabalhar esta tarde.

— Me mande quando você tiver tempo. Tenha uma boa noite no trabalho.

— Obrigada, Easton. Falo com você em breve.

— Tchau, East! — Paisley grita, antes da linha ficar muda.

Não consigo tirar o sorriso do rosto. Passo o resto do dia descansando e fazendo coisas da casa. Temos dois jogos em casa esta semana, daí a razão para o dia da equipe no zoológico no sábado.

Ao anoitecer, me vejo sentado no deque de trás, uma garrafa intocada de cerveja na mesa. Eu estava impaciente em casa, andando sem saber o que fazer. Não é algo com que estou acostumado. Fiquei tentado a ir ao The Vineyard para jantar, mas não queria forçar a minha sorte. Agora aqui estou, desejando ter ido, enquanto me xingo internamente por não fazer isso.

Apertando o botão do meu celular, vejo que já passou das dez. Não sei a que horas ela sai do trabalho hoje à noite, mas a última vez foi às onze. Entro na casa, tranco a porta do pátio, pego minhas chaves e vou para a garagem antes que possa me convencer a não fazer isso.

Quanto mais perto chego do restaurante, mais calmo fico. A sensação de ansiedade se dissipa completamente quando entro no estacionamento. O local ao lado do carro dela está vago. Assim como da última vez, eu me sento na porta traseira da minha caminhonete e a espero.

Parece que verifico a hora a cada trinta segundos. Percebo que ela pode sair depois das onze, mas espero que não seja o caso. Três minutos depois das onze, a porta de trás se abre e eu a vejo pela primeira vez no dia.

— Easton? — ela pergunta com cautela.

— Ei, Ris — digo sem me mexer. Apesar de querer. Quero sair dessa porta traseira, puxá-la em meus braços e, merda, beijá-la loucamente. Em vez disso, fico enraizado no lugar.

— O que está fazendo aqui? — pergunta, parando bem à minha frente. Ela não está mais de uniforme. Em vez disso, está vestindo jeans, com buracos nos joelhos e uma blusa.

— Queria te ver — digo a ela, honestamente. Não quero jogar, não com ela.

— Você esteve comigo a maior parte do dia ontem — ela me lembra, mesmo que não precise. Repassei muitas vezes nosso dia juntos.

— Sim, e hoje não. Eu precisava ver você, Larissa.

Uma ligeira inclinação do lábio aparece e desaparece com a mesma rapidez. Ela está tentando esconder isso, mas estava lá.

— Onde está Paisley? — pergunto a ela.

— Ela vai ficar na minha mãe hoje à noite.

— Então você não tem para onde ir? Vai a algum lugar? — pergunto. Não estou acostumado com ela saindo vestida com algo diferente do seu uniforme.

Ela hesita.

— Não, na verdade, não.

— Por que a troca de roupa? — pergunto, sabendo que não é da minha conta. Mas o pensamento de ela possivelmente se encontrando com outra pessoa acende um fogo dentro de mim.

— Oh, eu estava atrasada, então me troquei aqui. Minha última mesa era uma família e o garoto, um pouco mais velho que P, estava correndo de volta do banheiro e correu na minha direção. Um prato cheio de espaguete e almôndegas caiu na minha camisa. Felizmente, eu tinha roupas comigo, então me troquei depois que fechamos.

Dou um suspiro de alívio.

— Você comeu?

— Sim, uma das vantagens do trabalho.

— Quer tomar uma bebida ou talvez apenas dirigir? — Estou enrolando, e nós dois sabemos disso. Só quero passar algum tempo com ela. Inferno, podemos nos sentar aqui neste estacionamento e apenas conversar se isso me deixar ter tempo com ela.

— Um passeio? — Ela coloca isso como uma pergunta.

Pulo da porta traseira e a fecho. Alcançando sua mão, eu a guio até a porta do passageiro e a abro para ela. Espero que ela se ajeite antes de fechar a porta e corro para o outro lado. Deslizo atrás do volante e olho para ela.

— Você fica bem neste lugar — digo a ela.

Ela sorri.

— Sim, o couro realmente ajuda no cenário.

— Você é linda, Larissa. Não precisa de um pano de fundo. — Ela engole em seco e eu quero me inclinar e beijar o pescoço dela. Em vez disso, ligo a caminhonete e saio do estacionamento.

— Então, para onde estamos indo? — ela pergunta.

— Tenho uma ideia. — Sou evasivo na resposta. Quero levá-la para minha casa, mas sei que ainda não chegamos lá. Em vez disso, vou levá-la para minha segunda casa. O caminho é silencioso, mas não tão desconfortável.

— Nós estamos indo para o estádio? — pergunta, enquanto entramos no estacionamento.

— Estamos. Eu queria compartilhar isso com você.

Ela não diz nada sobre isso, não que eu esperasse que o fizesse. Larissa analisa tudo. Ela só precisa de um pouco de tempo para chegar aonde eu estou. No momento, não quero nada mais do que passar tanto tempo com ela e sua filha quanto possível. Fui criado com a mentalidade de que a família é tudo. Cresci assistindo aos meus tios, irmãos do meu pai, se apaixonarem, e rápido, pelos amores de suas vidas, e é como se uma luz estivesse acesa. A luz está acesa e brilhando em Larissa.

Estacionando minha caminhonete no meu lugar reservado, saio e corro para a porta dela.

— Tem certeza de que estamos autorizados a estar aqui? — Ela olha pelo estacionamento vazio.

— Tenho.

Tomando a mão dela na minha, eu a levo até o portão de entrada dos jogadores. Pegando minha chave, faço rápido o trabalho de destrancar o portão e puxá-la.

— Você tem chave?

— Eu tenho. — Sorrio.

Não digo a ela que tive que voltar na semana passada para pegar meu equipamento, e tive que parar na casa do treinador para pegar sua chave extra, e ainda não tinha devolvido. Certificando-me de que o portão está fechado atrás de nós, eu a conduzo pelo corredor mal-iluminado. Sua mão aperta a minha. Por instinto, eu solto sua mão e coloco o braço sobre seus ombros, segurando-a ao meu lado.

— É tão quieto — diz ela com admiração.

— Sim, é muito diferente depois que fecha.

Eu a levo para o campo, que é iluminado apenas pelas luzes da cidade ao redor e pelo céu noturno. Não paro até chegarmos ao campo externo.

— Uau — ela sussurra, olhando para as estrelas.

Sua cabeça está inclinada para o céu noturno e seu cabelo está caindo em cascata pelas costas. Eu me aproximo, invadindo seu espaço. Quando ela levanta a cabeça, nossos olhos colidem e nossas respirações se misturam.

— Você é linda, Larissa.

Minha mão alcança sua bochecha. A dela aperta meu punho, e eu hesito apenas o tempo suficiente para ela me afastar. Ela não o faz. Diminuindo o espaço entre nós, eu pressiono meus lábios nos dela.

Tenho que lutar para mantê-lo lento, para não devorá-la.

— East — ela choraminga.

— Sim, baby?

— O que estamos fazendo?

— Estou beijando você. — Levo meus lábios pelo queixo dela.

— Mas por quê?

— Porque não consigo não beijar você — respondo, beijando-a logo abaixo da orelha antes de me afastar. Sentando-me no meio do campo externo, pego sua mão e movimento para ela sentar-se entre as minhas pernas. Ela hesita, mas eventualmente toma seu lugar aninhada entre minhas coxas, de costas para o meu peito. Imediatamente, envolvo meus braços ao redor dela e enterro o rosto em seu pescoço. — Diga-me o que tenho que fazer.

— O que você quer dizer?

— O que tenho que fazer para você nos dar… dar uma chance?

— Por que eu?

— Além do fato de que meu corpo se arrepia quando você está por perto? Do fato de que você não está impressionada com a minha carreira ou do fato de que sou um Monroe? Você me faz lutar pela sua atenção. E porque não parei de pensar em você desde o dia em que te conheci.

— Sou mãe solteira, trabalhando como uma louca para pagar as contas. Você não precisa dessa bagagem.

— Posso te contar uma história?

— Pode — ela sussurra.

— Um dia, havia um menininho de dez anos chamado Easton. Seu pai era um cara mau, um policial corrupto, viciado em drogas que não queria mais a família. Easton e a mãe recomeçaram por conta própria. Eles estavam bem, mas um dia tudo mudou. Um homem, um homem bom, se

apaixonou por sua mãe e por ele. Aquele homem mudou suas vidas para melhor. Ele amava os dois como se sempre tivessem sido dele. Ele lhes trouxe uma família: irmãos, irmãs, tios, tias, primos e avós. De repente, Easton e sua mãe estavam mais do que bem. Eles estavam ótimos.

— Isso é verdade?

— Sim, meu pai me adotou depois que ele e minha mãe se casaram. Ele nunca me tratou como se eu não fosse seu filho biológico. A família dele acolheu a mim e a minha mãe de braços abertos. — Aperto meus braços em torno dela. — Aquela garotinha é parte de você, Larissa. Sei que isso é um pacote. Eu não veria de outra maneira.

— Seu pai é um bom homem.

— O melhor — digo, antes de beijar o topo de sua cabeça. — Sei que tudo isso é rápido, mas nunca quis alguém do jeito que eu quero você. Não só para que eu possa transar com você. — Ela fica tensa em meus braços e eu corro para terminar o que estava dizendo. — É mais que isso. Simplesmente gosto de estar perto de você. Seu sorriso me ilumina por dentro. E até a sua princesinha, ela é uma menina adorável com quem eu ficaria honrado de passar mais tempo.

— Estou preocupada que ela vá se apegar a você e ter o coração partido.

Uma pontada de desejo me atinge, causando uma dor profunda no meu peito. Eu quero que ela se apegue a mim. Quero estar enraizado em suas vidas. Sei que tenho que provar para ela, mas de jeito nenhum partiria o coração delas. Na verdade, seria completamente o oposto se ela me deixasse entrar e depois me tirasse de suas vidas. Meu coração seria o único partido.

— Não vou magoar nenhuma de vocês. Sei o que está em jogo aqui. Sei que é mais do que apenas sobre mim e o quanto eu quero você. Sei o que significa namorar uma mãe solteira; eu vivi isso.

— Ainda assim você está aqui.

— Ainda estou aqui. É aqui que eu quero estar. — Seu corpo relaxa contra mim e eu sorrio com uma vitória silenciosa de talvez, apenas talvez, estar convencendo-a. — Conte-me sobre o pai dela.

Em vez de enrijecer em meus braços, como eu esperava, na menção do marido, fico aliviado quando ela se aproxima ainda mais de mim.

— Steve e eu éramos namorados na escola. Tínhamos tudo planejado. Nós dois trabalhávamos e economizamos dinheiro. Ele iria para a academia de polícia primeiro, já que era um programa mais curto. Depois que ele conseguisse um emprego em tempo integral, eu começaria meu curso. Nós éramos tão jovens e muito parecidos. Ele era filho adotivo e, bem, tudo que eu tinha era minha mãe. No dia em que descobrimos que eu estava grávida, ficamos emocionados, mas, nas nossas cabeças, estávamos com medo. Ele saiu para o trabalho naquela mesma manhã e nunca mais o vi. Algumas horas depois, havia um oficial uniformizado na nossa porta dizendo que ele havia sido morto no cumprimento do dever.

— Eu não sei o que dizer sobre isso — confesso. Embora isso significasse que não estaríamos aqui neste momento, gostaria de poder mudar o resultado para ela. Para ambas. Então isso me

atinge. Eu posso mudar isso agora. Talvez seja por isso que a conheci, talvez seja a atração que sinto por elas.

— Sim, falam muito isso. Steve tinha seguro de vida, mas era pouco. Nós éramos jovens e pensamos que tínhamos tempo. Ele era novato, então sua pensão e benefícios, embora úteis, não são muito. Foi o suficiente para cobrir o funeral e para pagar umas contas que estavam atrasadas por eu não conseguir… funcionar por algumas semanas após a sua morte. Eventualmente, eu sabia que tinha que começar a viver de novo, por nossa bebê. Dei a ela seu nome do meio, Paisley Gray. Eu queria que ela soubesse que tinha aquela parte dele. Não sei o que eu teria feito sem minha mãe. Ela me ajuda muito, cuidando dela nos dias em que não precisa trabalhar.

— E as outras vezes?

— Ela vai para a creche.

— Porra, Ris — murmuro em seu pescoço.

Nossas histórias são tão semelhantes, mas muito diferentes. Não posso deixar de pensar que, se ela me deixasse entrar, se essa coisa entre nós crescesse ainda mais, ela não teria que trabalhar. Poderia se concentrar em terminar a faculdade e cuidar de P. Inferno, eu faria isso por ela agora. Isso é o quanto estas duas se tornaram importantes para mim.

— O que foi?

— Sei que isso vai soar mal, mas ouvir o que você passou, como você é forte, me deixa ainda mais atraído por você. Você é uma lutadora. É preciso uma mulher forte para estar com um atleta profissional. Você me lembra muito minha mãe, de uma maneira não assustadora. — Dou risada. — Ela fez o que tinha que fazer para sobreviver, trabalhando em dois empregos. Admiro você por isso.

— Obrigada — diz ela, olhando por cima do ombro para mim. Seus olhos brilham ao luar. Eles me cativam, mas é o olhar em si que me deixa sem palavras.

Aceitação.

Consigo ver isso. Ela não está mais se escondendo. Sei que ainda tenho um longo caminho a percorrer, mas isso parece uma grande vitória. Inclinando-me, pressiono meus lábios nos dela e, quando traço seus lábios com a língua, ela se abre para mim. Não tenho certeza de como nós conseguimos isso sem parar o beijo, mas ela se vira para mim, montando nas minhas coxas. Minhas mãos apertam sua bunda, guiando-a para que ela esfregue a boceta sobre meu pau duro.

— Oh, nossa — ela geme.

— Você gosta disso, baby? — pergunto, contra seus lábios.

— Faz tanto tempo — ela murmura.

— Quanto tempo? — Seus olhos estão fechados e seus dentes estão afundados em seu lábio inferior. Eu seguro seu rosto. — Larissa, quanto tempo?

Seus olhos se abrem.

— Desde Steve. Não tive ninguém desde o Steve.

— Esclareça isso para mim, querida. Ninguém… tipo… ninguém esteve dentro de você? — Empurro meu pau contra ela para provar meu ponto. — Alguém já colocou a boca aqui? — pergunto, colocando a mão ao redor de seu seio e beliscando o mamilo através de sua fina camisa de algodão.

Olhos trancados nos meus, ela me pega com suas palavras.

— Ninguém me tocou nem me beijou desde então. Foi só você.

Meus lábios grudam nos dela, minhas mãos encontram o caminho de volta para sua bunda e a agarram com força. Juntos, nós balançamos os quadris dela para a frente e para trás sobre meu pau duro. Sua cabeça está inclinada para trás e seus olhos estão bem fechados. O luar brilha sobre nós, e eu guardo isso na memória — o jeito que ela parece banhada pelo luar, se contorcendo contra o meu pau.

— Não pare — ela geme, quando solto meu aperto, absorvendo sua beleza.

— Eu vou cuidar de você, querida. — Aperto sua bunda, levanto meus quadris e a guio para a frente e para trás, uma e outra vez.

— Eu… — Ela geme profundamente na parte de trás de sua garganta.

— Goza para mim, Ris. Deixe-me ver você, baby. Se solte. Deixe rolar — eu a convenço.

Suas mãos apertam meus ombros enquanto ela monta em mim.

— Oh, nossa, Easton! — ela grita o meu nome, e é preciso tudo que tenho para não explodir nas calças como um adolescente.

Ela cai contra mim e aproveito a oportunidade para envolver meus braços nela. Ela retorna meu abraço como se eu fosse seu salvador. O que ela não percebe é que eu quero ser exatamente isso. Interrompendo nosso abraço, eu seguro seu rosto e beijo seus lábios, depois seu queixo.

— Acho que isso dá um novo significado para *home run* — provoco. Sua risada ecoa em todo o estádio.

Meu pau ainda está dentro da calça, duro como aço, se contorcendo e querendo mais dela. Mas isso ainda se qualifica como a experiência sexual mais quente da minha vida. Esta noite apenas solidifica o que eu já sabia: estou apaixonado por essa garota.

Hora de fazer o meu jogo.



CAPÍTULO 14

Larissa

NÃO ENCONTREI COM EASTON DESDE AQUELA NOITE NO ESTÁDIO. SUA AGENDA FOI CANSATIVA COM treinos e dois jogos esta semana. A minha tem sido muito louca com trabalho, aula e Paisley. Ele mandou mensagem e ligou todos os dias. Até tentou me convencer a trazer P para um jogo, mas recusei. Ela falou sobre hoje a semana toda. Ama o zoológico e gosta muito de Easton também. Eu gosto de mantê-la na rotina, então um jogo tarde da noite simplesmente não estava nas possibilidades. Easton me fez prometer que viríamos em seu próximo jogo em casa no final de semana. Eu cedi. Claro que sim. Não consigo dizer não a ele. Não que eu realmente queira. Algo mudou entre nós naquela noite no estádio. Ainda me preocupo que tudo isso acabe em desastre.

Não é tanto a mágoa. P e eu podemos passar por isso. É o pensamento de dar-lhe tudo de mim e perdê-lo. Não apenas se separando, mas algo terrível acontecendo com ele. Eu poderia viver sem a gente estar juntos. Poderia lidar com essa dor, a Paisley também. Mas realmente perdê-lo, não respirando o mesmo ar que ele, é um medo que estou sofrendo. Depois de perder meu pai e Steve… A tragédia tira os homens que amo, mas há algo sobre ele, seu sorriso, ou a maneira como me trata, e sem esquecer como ele é com Paisley. Não posso resistir a ele. Só espero e rezo para que tudo dê certo no final.

— Mamãe, quando ele vai chegar? — Paisley pergunta, de seu poleiro na janela. Ela está olhando para fora pelos últimos vinte minutos.

— Ele deve chegar a qualquer momento.

Eu mal termino as palavras quando ela grita:

— Easton! — E corre para a porta da frente.

— Não abra essa porta, senhorita — grito atrás dela.

— Mas é o East — ela diz, como se fosse seu melhor amigo, então, novamente, em sua mente de quatro anos, ele poderia ser.

— Independentemente de quem você acha que é, nunca abra a porta sem um adulto com você. Entendido?

— Sim, podemos abrir a porta agora? — ela diz, me dispensando com sua pequena atitude de diva. Isso acontece de vez em quando, e eu sei que hoje é porque ela mal consegue conter sua empolgação.

Quando ele bate na porta, ela grita seu nome animadamente mais uma vez. Eu abro a porta e ela se lança para ele.

— East, achei nunca fosse chegar.

Ele ri, pegando-a em seus braços.

— Como eu poderia esquecer a princesa Paisley? — ele pergunta docemente. Posso vê-la derreter sob seu afeto. O triste é que faço a mesma coisa. — Eu tenho algo para você. — Ele entrega a ela uma pequena sacola de presente rosa, colocando-a de volta em seus pés.

Encostada na porta, eu os observo.

— Uma luva rosa! — Ela se lança para ele pela segunda vez em questão de minutos. — Oh, obrigada, obrigada, obrigada. Eu amo tanto isso. É lindo. Uma luva de princesa.

— Para uma princesa — ele dá um sorriso gigante para ela. — Ei, Ris. — Ele desvia a atenção dela e sorri para mim. — Estão prontas para ir?

— Sim, deixe-me pegar minha bolsa. — Pego minha pequena mochila Under Armour.

— O que tem na bolsa? — ele questiona.

— Suprimentos. Lenços de bebê, troca de roupas, lanches e algumas garrafas de água.

— Baby, tudo hoje é fornecido pela equipe. Nós vamos fazer um piquenique com open bar para bebidas.

— Hábito. — Dou de ombros.

— Vamos, vocês duas. — Ele pega a minha mão e eu seguro a dele sem hesitação. Senti falta do seu toque.

— Preciso pegar a cadeirinha dela — digo a ele, parando ao lado do meu SUV e puxando minha mão da dele.

— Já cuidei disso. — Ele coloca Paisley em seu quadril enquanto eles saltam para sua caminhonete, ambos despreocupados e rindo.

Eu corro para alcançá-los e vejo um assento rosa brilhante na parte de trás de sua caminhonete.

— É para sua filha? — Paisley pergunta a ele.

— Não, princesa. Eu comprei para você. Pensei que seria bom você ter um assento na minha caminhonete também.

— Para mim? — ela diz, com admiração.

— Só para você — ele confirma, colocando-a no banco e afivelando-a como se tivesse feito isso mil vezes.

Perdi a conta da quantidade de vezes que esse homem trouxe lágrimas aos meus olhos por incluir minha filha, por pensar em seus melhores interesses. Esta não é exceção. Eu respiro fundo, desejando que as lágrimas não caiam. Ele vai pensar que sou uma bagunça chorosa, quando, na realidade, essas lágrimas são de alegria. Ele a inclui em tudo que fazemos. O que mais eu poderia pedir em um homem?

— Você foi melhor dessa vez — ela diz a ele, referindo-se à última vez que ele estava atrapalhado para afivelar a cadeira.

Ele ri.

— Posso te contar um segredo? — ele pergunta, abaixando a voz.

Ela balança a cabeça para cima e para baixo.

— Eu pratiquei. Muito — acrescenta ele. — Eu queria ter certeza de que você estava segura e que eu estava fazendo certo.

Sufoco minhas lágrimas quando ela coloca suas mãozinhas em suas bochechas e concentra toda a sua atenção nele.

— Você é meu melhor amigo — ela diz docemente.

— E você é minha princesa. — Ele belisca o nariz dela, antes de fechar a porta.

— Obrigada — forço as palavras além dos meus lábios.

— Só estou cuidando das minhas meninas. — Ele chega na minha frente e abre a minha porta. E é um bom trabalho também, pois mal posso me impedir de me jogar neste homem. Quando estou dentro, ele coloca a mão na minha coxa e dá um aperto suave. — Senti sua falta, Ris.

— Eu também — sussurro, tentando impedir que as orelhinhas no banco de trás ouçam nossa confissão privada.

Ele fecha minha porta e eu o observo enquanto ele dá a volta na frente da caminhonete. Ainda é difícil, para mim, acreditar que isso está acontecendo. Ele pode realmente ser tão perfeito?

— Quem está pronto para o zoológico? — ele pergunta, saindo do estacionamento.

O caminho para o zoológico é de cerca de trinta minutos, e os dois falam o tempo inteiro sobre todos os animais que querem ver. Debatem o que é melhor, os rinocerontes ou os elefantes. Easton

nunca para de sorrir, e da conversa no banco de trás, sei que a Srta. P já está realizada em sua vida tendo toda a sua atenção.

No momento em que estacionamos e saímos da caminhonete, Paisley está fora de si com entusiasmo.

— O que vamos ver primeiro? — ela pergunta a Easton.

— Que tal vermos tudo? Começaremos do começo e veremos tudo.

— Eba! — Ela aplaude.

Seguimos para a entrada, e Easton dá seu nome, pegando nossos ingressos. Ele coloca os crachás ao redor do pescoço e agarra a mão de Paisley.

— Tudo bem, princesa, você está pronta?

Ele recebe um aceno entusiasta e depois partimos.

Ele não estava brincando quando disse que iríamos parar em todas as exposições. Paisley adora. O lugar está um deserto em comparação às multidões habituais, e admito que, quando uma área está excessivamente cheia, tenho a tendência de ignorá-la. Com apenas membros da Blaze e suas famílias hoje, é uma atmosfera completamente diferente.

Estamos parados na exposição dos gorilas quando Paisley olha para Easton.

— Posso chegar mais perto?

— Pode, mas não escale e não se apoie no vidro, ok?

— Ok. — Ela pula para ver mais de perto. São talvez quatro metros à nossa frente, mas mantenho meus olhos fixos nela.

East se aproxima e passa seus dedos pelos meus.

— Se divertindo? — ele pergunta.

— Ela está amando.

— Sei que ela está, mas perguntei sobre você.

— Eu estou. — Não digo a ele que não importa onde estamos. Se estivermos com ele, estaremos nos divertindo. Pelo sorriso no rosto da minha filha, posso dizer o mesmo por ela.

— Você parece tensa.

— Estou apenas… nós não pensamos sobre o fato de que estaríamos com seus companheiros de equipe hoje.

— O que importa? Caramba, nem vimos muitos deles, exceto de passagem.

— Você está aqui com uma mulher e a filha dela, Easton. Sabe que eles vão te falar merda por isso.

— Não vão. Não que eu me importasse se falassem. — Ele puxa nossas mãos entrelaçadas para os lábios e beija meus dedos. — Você é mais do que apenas uma mulher, e ela é mais do que

apenas sua filha. Eu quero você aqui, e nada que alguém diga me convencerá a mudar de ideia. Além disso, os caras não são assim.

Aparentemente terminada a discussão, ele se vira para minha filha.

— Princesa Paisley — ele chama. — Você está pronta para comer? Está quase na hora do almoço.

— Ok.

Ela pula de volta para nós e pega a mão dele, depois pega a minha. É assim que caminhamos para a tenda do evento que serve o almoço. Do lado de fora olhando para dentro, parecemos uma família, que eu sei que é o que minha garotinha deseja. A preocupação começa a aflorar novamente, mas eu a afasto de volta. Ele tem sido nada além de maravilhoso e eu tenho que confiar nisso.

Easton assume o comando e pega dois pratos, fazendo um para ele e outro para minha filha. Ela aponta o que quer, e ele adiciona ao seu prato. Eu sigo atrás deles, observando e ouvindo a interação deles. Ele nos senta a uma mesa com um grupo de rapazes que reconheço daquele dia no restaurante.

— Gente, vocês se lembram de Larissa — diz ele, com um toque de orgulho em sua voz. — E esta é Paisley.

— Eu sou a princesa dele — ela anuncia, subindo na cadeira que ele puxou para ela.

— Você é. — Easton ri, como se sua declaração não fosse grande coisa.

— Fiquei sabendo que você joga bola — diz Fisher para ela.

— Sim. O que você faz? — ela pergunta a eles, assim como a pequena adulta que sempre parece ser.

— Nós jogamos beisebol profissional.

— Você joga com *meu* East? — ela pergunta inocentemente.

Os olhos de Fisher se movem para Easton, como o meu, e ele está olhando para minha filha como se ela iluminasse seu mundo.

— Nós jogamos — Fisher finalmente diz a ela.

Essa parece ser a resposta suficiente para ela, quando ela pega seu cachorro-quente e dá uma grande mordida.

— Onde estão seus filhos? — Paisley pergunta para o grupo de caras sentados na nossa frente.

Drew fala:

— Nós não temos filhos. Estamos aqui apenas para apoiar a equipe.

Ela franze a testa, pensando no que ele disse.

— E a sua mamãe?

Isso faz com que todos os caras riem.

— Ela não mora perto, mas o Blaze e toda a equipe são nossa família —, explica ele.

Seus olhos se arregalam.

— Essa é uma grande família. Eu só tenho minha mamãe, minha avó, tia Chloe e *meu* East. — Ela assinala os nomes em seus dedos. Algo que começou a fazer há algumas semanas.

— P, você precisa comer para que possamos ver o resto dos animais — digo a ela, mudando de assunto. Tenho certeza de que ela está dando a eles mais informações do que Easton gostaria.

— Ok, mamãe. — Ela continua a comer, sem perceber a pesada conversa que acabou de começar. Eu não olho nem para os caras ou para o Easton. Não quero ver a pena em seus olhos.

O restante do almoço passa com Paisley roubando o show. Felizmente, nada muito pesado depois das nossas saudações iniciais. Ela fala sobre as exibições que viu até agora e até convence os caras que eles deveriam jogar com ela — é claro que pergunta a Easton se ele vai ficar bravo com ela se ela jogar com eles. Quando terminamos, minha filha tinha encantado esses caras grandes e corpulentos. Tanto é verdade que todos eles lhe dão um soquinho na mão com a promessa de jogar no futuro.

— Acho que ela já cansou — digo a Easton, algumas horas depois.

Paisley está desacelerando, e sua empolgação diminui à medida que a exaustão se instala.

Sem uma palavra, ele se abaixa e a pega no colo. Ela deita a cabeça no ombro dele e se aconchega nele, completamente confiante. Ele enlaça os dedos nos meus e nós nos dirigimos para a saída. Quando chegamos à sua caminhonete, ele solta minha mão e abre a porta de trás para colocá-la em seu assento.

— Você se divertiu hoje, princesa? — ele pergunta a ela.

— Sim — ela diz baixinho. Estará dormindo antes de sairmos do estacionamento. — East — ela o chama, quando ele coloca a cabeça para fora da caminhonete. Imediatamente ele se inclina para trás.

— Pois não? — ele pergunta a ela.

— Eu te amo — diz ela, fazendo com que meu coração pare de bater .

— Sempre fale com seu coração. — Suas palavras sussurradas são roucas. É óbvio que suas palavras o afetaram também.

— O que é isso? — sua voz cansada pergunta.

— Minha mãe… — Ele para. Posso imaginá-lo engolindo suas emoções. — Minha mãe costumava me dizer isso o tempo todo quando eu era pequeno. Quando você fala do seu coração, seus sentimentos verdadeiros aparecem. Ela costumava me dizer que você deve sempre ser honesto consigo mesmo e seguir seu coração — ele diz a ela.

— Você… o que disse? — ela pergunta a ele.

— Fale com seu coração.

— Você fala com seu coração? — ela pergunta a ele.

— Eu falo. Sempre. Sempre tento permanecer fiel a mim mesmo. Não deixo o que os outros pensam me convencer a mudar de ideia. Deixo meu coração me guiar.

— É por isso que te amo — ela diz a ele. — E porque você joga comigo — ela acrescenta, soando mais como a criança de quase cinco anos que ela é.

Há silêncio e então ele fala. Sua voz é baixa, então tenho que me esforçar para ouvi-lo.

— Eu também te amo, princesa.

Eu respiro fundo, meu coração se acalma no peito. East coloca a cabeça para fora da caminhonete e fecha a porta. Suas mãos pousam em meus quadris e ele me guia até minhas costas baterem na caminhonete, fora da vista de Paisley. Seus lábios grudam nos meus. Minhas mãos encontram o caminho para o cabelo dele enquanto eu o beijo de volta com tudo o que tenho. Há um milhão de emoções diferentes correndo por mim, e não consigo decifrar qual delas é mais proeminente — preocupação, medo, gratidão e, ouso dizer, amor. É muito cedo, mas meu coração parece não se importar.

Easton diminui o beijo e descansa a testa contra a minha.

— Você me mata, as duas. Espero que esteja tudo bem. Eu só… ela é fácil de amar.

Meu coração começa a chorar, inchando no peito.

— É melhor irmos — digo, porque o que falaria para isso? Diria a ele que acho que, se eu me permitisse, também poderia me apaixonar por ele? Diria que, se eu realmente me sentar e pensar sobre isso, já estou indo por esse caminho? Estou muito crua para expor esses detalhes ainda. É muito cedo. Não sou tão aberta e corajosa quanto minha filha. Uma coisa é certa, se isso acabar, há três corações que serão partidos. Disso tenho certeza.



CAPÍTULO 15

Easton

Depois do nosso dia no zoológico, eu voei no dia seguinte para uma rodada de três jogos fora de casa. Nós vencemos dois dos três. O jogo da noite passada foi tarde, mas o voo desta manhã é bem cedo. Normalmente, eu reclamaria da hora, mas quanto mais cedo esse avião decolar, mais cedo posso voltar para minhas garotas. É assim que penso nelas agora, como minhas garotas. Como não pensaria? Ambas estão se tornando pessoas importantes e necessárias em minha vida.

Assim que saímos do avião, envio uma mensagem para Larissa.

Eu: Acabamos de desembarcar. Estou sentindo falta das minhas garotas.

Larissa: Mamãe está com a P esta noite. Eu tenho o primeiro turno no restaurante amanhã e a creche está fechada, então mamãe tirou um dia de folga.

Eu: Eu poderia ter ficado com ela.

Larissa: Eu não poderia pedir para você fazer isso.

Eu: Da próxima vez, me peça. Um dia com a princesa Paisley parece um bom momento para mim.

Larissa: Rs. Você diz isso agora.

Eu: Então, a que horas vai levá-la para a casa da sua mãe?

Larissa: Depois do jogo dela.

Eu: Ela tem um jogo hoje à noite?

Larissa: Sim. Você é bem-vindo para assistir.

Leio a mensagem dela e sei que me convidar era difícil para ela. Ela é cautelosa quando se trata de tudo em relação a Paisley.

Eu: Chegarei em casa em uma hora. Vou te enviar meu endereço. Venha para cá. Vamos nadar e fazer um churrasco antes do jogo dela.

Larissa: Tem certeza?

Eu: Absoluta.

Será a primeira vez que qualquer uma delas irá para lá. Prendo a respiração, esperando sua resposta, querendo-as no meu espaço mais do que pensava.

Larissa: Ok. Deixe-me pegar as coisas dela e uma muda de roupa.

Eu: Até logo, baby.

Mal cheguei na estrada para casa quando meu telefone toca.

— Ei, pai — atendo depois de ver o nome dele aparecer na tela.

— East, como vai você, meu filho?

— Bem, acabando de sair do aeroporto.

— É por isso que estou ligando. Você teve três jogos muito bons.

— Mark lhe disse isso? — provoco.

É uma piada em nossa família que o tio Mark ama o jogo mais do que papai. Ele poderia ter ido para o profissional, mas teve uma lesão no joelho que o manteve no banco de reservas.

— Muito engraçado, espertinho. — Ele ri bem-humorado. — Então, como vai? Sua mãe mencionou que não tem falado muito com você ultimamente.

Nem hesito em contar a ele.

— Eu conheci alguém.

— Me conte mais. — Posso imaginá-lo sentado em sua cadeira, apoiando as pernas na mesa.

— Ela é linda e doce, e tem uma garotinha de quatro anos.

— Você já a conheceu?

— Sim, nós saímos algumas vezes. Grande garota.

— Não que você precise do lembrete, mas, como seu pai, esse é o meu trabalho. Há três corações em jogo aqui, Easton.

— Sei disso, pai. Confie em mim, eu sei. Também sei que meu coração… bate mais forte sempre que ela está perto — confesso.

— Isso soa muito familiar para mim — diz ele com uma risada.

— Quando você soube? — pergunto-lhe. — Quando aconteceu com você, quando soube que mamãe e eu éramos o que você queria?

— Eu soube na noite em que a conheci. Não te conhecia ainda, mas você é uma extensão dela, e eu nunca pensei em não amar um de vocês.

— Estou assim, pai.

— Claro que está. Você é um Monroe. É assim que fazemos tudo. Quando vamos conhecê-las? E você precisa ligar para sua mãe — ele critica.

Dou risada.

— Logo, espero. Vou ligar para mamãe, prometo.

— Boa. Se cuide, filho.

— Você também e, pai… — Eu paro, dando às minhas palavras a atenção que elas precisam. — Eu te amo.

— Também te amo, filho. — Posso ouvir a emoção em sua voz antes que a linha fique muda.

Jeff Monroe é o tipo de homem que eu quero ser. Ele nos ama incondicionalmente, e é isso que eu quero fazer pelas minhas garotas. Quero tirar a preocupação dos olhos de Larissa e substituí-la pela felicidade despreocupada que da qual só tive um vislumbre. Quero estar nos jogos de Paisley e assustar os encontros dela, quando vierem buscá-la quando ela tiver trinta anos. Posso ver o nosso futuro, imagino isso em minha mente. Só preciso que Ris também veja.

Quando entro para a garagem, seu SUV já está lá. Aperto o botão na porta da garagem e estaciono, abrindo a segunda porta também. Quando saio da minha caminhonete, faço sinal para ela entrar.

— Por quê? — ela pergunta, abaixando o vidro.

— Apenas faça o que estou falando.

Ela revira aqueles grandes olhos verdes e balança a cabeça, mas entra na segunda vaga. Eu vou para trás para ajudar Paisley a sair de sua cadeirinha, mas ela é mais rápida.

— Achei que você nunca chegaria — diz ela, de maneira atrevida, mas bonitinha, que só ela consegue fazer.

— Eu sei. Parece que fiquei muito tempo fora — concordo com ela. Também sinto que demorei para trazê-las até aqui. Para estar em casa com elas.

— Sua casa é muito grande — diz Paisley, agarrando minha mão.

— Você acha? — pergunto e ela concorda.

Larissa sobe e, sem pensar, coloco minha mão livre em volta de sua cintura e a puxo para perto de mim, dando um beijo rápido em seus lábios.

— Senti sua falta — sussurro.

— E quanto a mim? — Paisley pergunta. — Está com saudade de mim? Eu não ganhei beijo — ela argumenta.

Me abaixando, eu a pego nos braços, coloco-a no quadril e a beijo na bochecha.

— Senti falta de vocês duas. — Faço cócegas nas laterais dela, fazendo-a rir. — Vamos, senhoritas, a piscina está nos chamando.

— Eu tenho jogo hoje à noite, eu não posso ficar muito cansada, certo, mamãe? — Paisley pergunta.

— Isso mesmo, querida. Então nadamos e depois tiramos uma soneca?

— Eu não gosto de sonecas — resmunga Paisley.

— Mesmo? — pergunto a ela, com uma expressão infantil no meu rosto. — Eu amo sonecas. Tiraria soneca todos os dias, se pudesse.

— Você ama? — Seus olhos estão arregalados.

— Sim. Todo mundo adora sonecas.

— Você vai tirar uma comigo? — ela pergunta.

— Claro que vou. Todos nós podemos tirar uma soneca depois de nadarmos. O que acha?

— Muito bom — ela concorda.

Eu sorrio para Larissa e ela apenas balança a cabeça.



Depois de cerca de uma hora brincando na piscina, posso dizer que a princesa Paisley está se desgastando.

— Estou cansado — digo, fingindo um bocejo, cobrindo a boca.

— Sim, eu também — diz ela, imitando-me.

— O que acha de tiramos aquela soneca?

— Sim, mamãe, você está pronta para uma soneca? — ela pergunta a Larissa.

— Acho que sim. — Larissa se estica em seu biquíni.

É realmente desconfortável estar excitado pela mãe e brincando na piscina com uma criança de quatro anos. Eu tinha que manter distância da mãe dela. Não preciso traumatizar Paisley pelo resto de sua vida. Sua mãe, por outro lado…

— Vocês podem se trocar no meu quarto. Vou pegar algumas roupas e me trocar no banheiro. — Corro pelas escadas e pego um short de basquete, roupa íntima e uma camiseta do meu closet. — Estarei pronto em um minuto. — Me troco rapidamente, deixando as roupas molhadas penduradas na lateral da banheira.

Quando bato na porta, Paisley anuncia para eu entrar. Elas estão sentadas na beirada da cama enquanto Larissa trança o cabelo dela.

— Está pronta para a soneca? — pergunto a ela.

— Onde vamos dormir?

— Aqui — digo a ela, encontrando os olhos de Larissa. Chamas de calor ardem entre nós.

— Este é o seu quarto? — Paisley pergunta.

— Sim, acha que minha cama é grande o suficiente para nós três?

— Sim. É a maior cama que já vi. Mamãe disse que não posso pular nela.

— Ela disse?

— Sim — diz ela desanimada.

— E se eu te dissesse que, quando acordar de sua soneca, você pode pular na minha cama?

— Eu digo que é hora da soneca. — Ela rasteja do pé da cama até o topo e puxa para trás meu edredom cinza-escuro. — Este é cinza como o meu nome — ela nos informa.

— Uau, você é super inteligente — digo a ela com um sorriso.

— Eu sei — ela responde, entrando sob as cobertas, me fazendo rir, e Larissa a repreende sobre suas maneiras.

Eu me movo para ficar atrás de Larissa.

— Pronta para a sua soneca, baby? — pergunto, arrastando meu dedo indicador pelas costas dela.

— S-sim — ela gagueja antes de subir e se enrolar ao lado de Paisley.

Eu levo um minuto para memorizar a cena diante de mim. Se fizer tudo certo, haverá muitos, muitos mais dias como este, mas, no caso de não acontecer dessa forma, nunca quero esquecer este momento.

— East, é para você dormir — Paisley me lembra.

— Deixe-me apagar a luz.

Apago a luz e, em seguida, ando até as janelas e puxo as persianas, bloqueando o sol. Quando me deito na cama, Paisley pega minha mão e me puxa para mais perto delas. Então pega a mão de Larissa e a coloca na minha, unindo as mãos em seu colo e descansando as dela em cima das nossas.

— Boa noite, família — diz ela, fechando os olhos.

Meus olhos encontram os de Larissa e vejo suas lágrimas transbordarem. Eu quero abraçá-la e beijar seus lábios macios. Quero dizer a ela que desejo tirar sonecas assim todos os dias. Quero dizer a ela que desejo ser sua família. Em vez disso, dou-lhe um aperto suave. Ela fecha os olhos e se aconchega em Paisley. Ficamos ali no quarto silencioso, nada além do som da nossa respiração. Quando a mão dela fica frouxa na minha, sei que ela está dormindo. Quando Paisley rola e se aconchega no peito de sua mãe, sinto uma pontada de saudade da minha. Com cuidado para não as acordar, deslizo e envolvo meus braços em torno de ambas. Quando as tenho onde pertencem, consigo adormecer.



CAPÍTULO 16

Larissa

Eu estava um pouco preocupada com o fato de East estar no jogo de Paisley, mas deu certo. Os pais estavam ansiosos para conhecê-lo e as mães estavam ansiosas para falar com ele. Todo o tempo, ele ficou lá com a mão no meu braço sobre meus ombros e, depois que elas ganharam o jogo, minha filha estava em seus braços. Quando um cara da outra equipe pediu seu autógrafo, ele pediu para ele ligar para o escritório principal, que iria levá-lo para ele, mas hoje ele estava com sua família.

— Eu gosto de ser sua família, East — diz Paisley, antes de morder seu cachorro-quente que ele acabara de preparar para ela.

Estamos sentados em seu deque de trás jantando. Cachorro-quente e hambúrgueres na grelha.

— Você gosta?

— Sim.

— Bem, eu também gosto — ele diz a ela.

— Posso ficar aqui em vez de ir para a casa da vovó? — ela pergunta.

— Não, querida. Mamãe tem que estar no trabalho amanhã cedo — respondo.

— Eu posso ficar com o East. — Ela diz isso como se já devêssemos ter descoberto que essa era a melhor resposta.

— Desculpe, princesa. Temos que ouvir o que a mamãe diz. Eu saio na terça-feira, mas volto quinta-feira à tarde. Talvez possamos jantar aqui.

— Aonde você vai?

— Tenho um jogo em Chicago. Depois tenho dois jogos aqui em casa, um na sexta e outro no domingo. Talvez você e sua mãe possam vir me ver jogar?

— Podemos, mamãe?

Ele olha para mim, esperando minha resposta.

— Vamos ver se conseguimos ingressos para o jogo no domingo.

— Baby, você não precisa conseguir ingressos. Eu resolvo isso. Só precisa me dizer se quer se sentar com as outras esposas e namoradas ou nas arquibancadas atrás do banco.

— Qual deles está mais perto de você? — Paisley pergunta.

Ela não tem ideia de que meu coração está batendo como um tambor no meu peito quando ele se refere a mim como sua namorada.

— Atrás do banco.

— Eu quero me sentar ao seu lado — ela diz a ele.

— Ris?

— Atrás do banco então. Tem certeza de que não tem problema? — pergunto, mordendo o lábio inferior.

— Tenho — ele responde, sorrindo descontroladamente.

— Por que o grande sorriso? — pergunto.

Está provocando um frio na minha barriga. Easton Monroe é lindo, mas, quando ele mostra toda sua beleza e você está à frente de um dos seus enormes sorrisos, ele é de tirar o fôlego. Essa é a única expressão que posso pensar para descrevê-lo.

— Minhas garotas irão me ver jogar — ele diz simplesmente.

Terminamos de jantar e eu arrumo as coisas de Paisley para levá-la para a casa da mamãe.

— Obrigada por hoje — digo a ele.

— Você vai voltar, certo?

— Ãh, eu… Você quer que eu volte?

— Ris — diz ele, serpenteando um braço em volta da minha cintura.

Olho para a cozinha, onde Paisley está sentada à mesa jogando em seu tablet.

— Eu não tinha certeza — confesso.

— Quero você aqui o máximo possível. Gosto de vocês duas estarem aqui.

— Ok. Preciso ir para casa e me trocar, mas posso voltar.

— Traga o que precisa para passar a noite.

— Ok — repito a resposta, porque, na verdade, não sei mais o que dizer.

Quero passar mais tempo com ele. Quero mais de seus toques, mais de seus beijos. Fui muito longe para voltar agora. Se as coisas terminassem hoje, Paisley e eu teríamos os corações partidos. Poderia seguir em frente. Posso ouvir a voz de Chloe na minha cabeça me dizendo para arriscar.

— Vá com cuidado — diz ele, beijando-me rapidamente.

— Volto em breve.

— Estarei aqui. — Ele me beija mais uma vez e depois se afasta. Caminha até onde Paisley está sentada à mesa e a ergue em seus braços. — Seja boa com a vovó, ok?

— Vou ser. — Ela o abraça tão apertado quanto seus braços pequenos permitem.

Easton nos leva ao meu SUV, que está estacionado na garagem dele. Ele coloca Paisley em seu assento, beija sua bochecha e fecha a porta.

— Dirija com segurança, Ris. — Ele beija minha testa e abre a porta para mim. — Espere.— Ele corre até uma prateleira na parede e traz de volta um pequeno controle remoto de plástico. — Aqui está o controle da garagem. Entre direto quando você voltar. — Aproximando-se, ele o prende na minha viseira. Espera até que eu esteja afivelada antes de fechar a porta e fica de pé, nos observando ir embora.

Quando chegamos à mamãe, Paisley tem que contar a ela tudo sobre o nosso dia com Easton. Mamãe sorri e faz perguntas, tudo com um sorriso malicioso. Quando Paisley entra em casa, minha mãe pergunta quando o conhecerá. Sinceramente, pensei em convidá-lo para vir comigo, mas eu precisava de um minuto para respirar, para processar esse trem de carga que parece estar a toda velocidade. As coisas estão se movendo rápido e, normalmente, eu ficaria com medo da minha mente. A preocupação está aí, mas Easton apenas facilita. Eu nunca tive isso, nem mesmo com Steve. Há algo nele que me acalma. Talvez seja porque ele é tão aberto com o que sente, sobre como quer ver aonde isso nos leva. Talvez seja porque ele disse à minha filha que a ama. De qualquer maneira, é muito para processar.

Prometo à mamãe que será em breve, dou um beijo de despedida em Paisley e saio de lá, chegando à minha casa em tempo recorde. Pego as roupas de que preciso para o trabalho no dia seguinte, meus artigos de higiene e pijama, só por precaução. Agora estou sentada aos pés da cama, debatendo se voltar é a decisão certa. Sei que ele está me esperando mim; também sei que a química entre nós é inegável. Eu só dormi com um homem na vida e, se eu voltar lá, isso vai mudar. Sei disso e ele também. A questão é: estou pronta para isso? Meu corpo está pronto e faz um bom tempo. Suas mãos são como mágica, seus beijos como doces. Mas meu coração e minha cabeça estão prontos?

Penso sobre no quanto ele é bom para mim, como ele tem sido honesto desde a noite em que nos conhecemos. Penso em como ele é ótimo com Paisley, e sei que tenho minha resposta. Eu amava meu marido, mas ainda sou jovem e sinto falta dos braços de um homem ao meu redor. Sinto falta dos toques, do sexo. Sinto falta de tudo isso.

Decisão tomada, verifico se tenho tudo de que preciso, tranco meu apartamento e volto para a casa dele. Assim que faço a curva para entrar na garagem, o portão da garagem se abre e Easton está lá, como se estivesse esperando desde que saí. Estaciono e saio do carro, apenas para ser empurrada contra a porta do passageiro de sua caminhonete e ter seus lábios unidos aos meus.

— Senti sua falta — diz ele contra meus lábios.

— Fiquei longe, talvez, por uma hora — digo, com uma risada. Não menciono que ele não me deu a oportunidade de usar o controle do portão da garagem.

— É muito tempo, Ris. Pra caralho. — Seus lábios percorrem meu queixo e meu pescoço. Eu inclino a cabeça, dando-lhe melhor acesso. — Preciso te levar para dentro.

Ele mordisca meu lóbulo da orelha e se afasta, pegando minha mão e me levando para dentro. Aperta o botão do portão da garagem no caminho. Observo quando paramos ao lado de uma pequena caixa branca na parede e ele aciona o sistema de alarme, depois deixo que ele me guie até o quarto.

Em seu quarto, ele se vira para mim. Espero que me beije novamente, mas ele não o faz. Em vez disso, puxa a camiseta por cima da cabeça e a joga no chão. Todo o tempo, seus olhos estão presos nos meus. Antes de eu chegar, já tinha decidido que estava pronta para onde quer que este caminho nos levasse, então faço igual. Ergo minha blusa e a tiro pela cabeça, jogando-a em cima de sua camisa. Há um leve tremor nas minhas mãos. Faz bastante tempo para mim.

Olhos ainda trancados com os meus, ele empurra seu short para o chão, saindo dele. Olho por olho, eu me desfaço do short jeans e deslizo-os para baixo, chutando-os para o lado também.

— Não posso acreditar que você está aqui. — Sua voz é um sussurro rouco. — Pensei neste momento tantas vezes.

Sentindo-me corajosa pela fome em seus olhos, alcanço minhas costas e solto meu sutiã. Lentamente, deixo cair uma tira e depois a outra, segurando as taças no lugar. Seus olhos queimam com intensidade, as esferas marrons parecendo negras pelo desejo. Deixo cair meu sutiã aos meus pés, deixando-nos ambos em nada além de cueca boxer e uma calcinha de renda preta fina.



CAPÍTULO 18

Easton

Quase engulo a porra da minha língua. A mulher diante de mim é perfeita. O volume de seus seios e os mamilos rosados imploram pela minha boca. Pensei que saberia o que ia ver depois de seu biquíni, mas esse pedaço de tecido estava escondendo mais do que eu poderia ter imaginado.

Tudo dela.

Cada centímetro é a perfeição.

Dando um passo à frente, testei o peso de seu peito na palma da mão. Firmes. Redondos. Perfeitos. Incapaz de me conter, inclino a cabeça e chupo-o, beliscando o mamilo apertado com os dentes e depois acalmando-o com a língua.

— East — ela murmura, o que apenas alimenta meu desejo.

Movendo minha boca para o outro seio dela, também dou a mesma atenção. Antes que a noite termine, quero que minha língua trace cada centímetro dela.

— O que foi, baby? — pergunto. Sei muito bem o que ela quer.

Eu.

Ela está com sorte, porque eu a quero tão ferozmente. Afastando-me dela, faço um rápido trabalho de tirar minhas cuecas boxer.

— Eu preciso de você nua, Ris. — Ela não hesita em puxar o fino pedaço de tecido pelas pernas. — Na cama, baby. — Mais uma vez, ela obedece e sobe na cama, onde apenas algumas horas atrás dormimos com sua filha entre nós.

Uma família.

As palavras de Paisley soam nos meus ouvidos. Eu quero isso. Eu as quero. Não vou parar até provar isso para ela. De joelhos, eu me estabeleço entre as pernas dela, tomando minha dose dela.

— Você é minha agora, Larissa. Não posso voltar atrás. Me diga que entende isso. — Essa necessidade que tenho dela, de elas estarem em minha vida, é forte. Sei que é rápido, mas não quero que diminua a velocidade. Não até eu saber que elas são minhas.

Ela acena com a cabeça.

— Eu preciso de suas palavras, baby. — Estendendo a mão, traço os lábios de sua boceta com o meu dedo indicador, fazendo-a gemer.

— Eu sou sua — ela fala.

— Vocês duas, Ris. Não apenas você. Preciso das minhas duas garotas. — Não sei por quê, mas parece importante esclarecer isso antes de fazer amor com ela. Ela assente de novo, o que é bom o suficiente para mim. Me esticando até o criado-mudo, pego uma camisinha e a desenrolo no meu comprimento duro. — Eu quero te deixar louca. Quero beijar cada centímetro de sua pele, mas agora preciso de você. Prometo que vou fazer tudo para você, mas agora… — Não sei como dizer a ela sobre essa necessidade que tenho dentro de mim sem soar como um idiota egoísta.

Acontece que não preciso. Larissa coloca a mão entre nós e me envolve, acariciando da base até a ponta. Ela, então, me alinha com sua entrada, levantando seus quadris, mostrando-me que ela me quer tanto quanto eu a quero. Inclinando-me sobre ela, seguro meu peso nos braços em ambos os lados de sua cabeça.

— Eu só estive com o pai de Paisley — ela sussurra.

A realidade do que isso significa, que, depois de todos esses anos, eu sou o homem que ela está deixando entrar em seu mundo, em seu corpo, é inebriante. Lentamente, deslizo para dentro dela, centímetro por centímetro, dando tempo ao seu corpo para se ajustar. Quando estou totalmente dentro, enterro o rosto em seu pescoço e me concentro na respiração. Ela é tão fodidamente apertada. Nunca senti nada assim. A eletricidade pulsa em minhas veias, minha respiração se contrai e parece que meu coração vai sair direto do meu peito. Tudo que fiz foi deslizar dentro dela. Eu ainda sou eu, ela ainda é ela, e este é o momento mais profundo da minha vida.

Levantando a cabeça, olho para ela. Segurando meu peso em uma mão, uso a outra para tirar o cabelo do rosto dela.

— Eu sou o último — digo a ela. Suas mãos estão sob meus braços, apertando minhas costas, suas pernas fechadas em volta da minha bunda. A confusão franze seu lindo rosto. Eu preciso me

mover. Meu pau está pulsando dentro dela, me implorando para me mover. Preciso ter certeza de que ela entende. — Ele foi o seu primeiro, Ris, e eu sou seu último.

Uma lágrima escorre por sua bochecha. Abaixo a cabeça, beijo-a e começo a me mexer. Puxando meus quadris para trás, lentamente deslizo para dentro de novo. E ela parece ser a minha casa. Mal estive dentro dela, e esse fato é óbvio. Nunca haverá alguém como ela.

Ela é a garota certa.

Seus quadris levantam enquanto eu acelero, entrando e saindo dela. Sou um homem em uma missão.

— Você é tão gostosa — consigo dizer, empurrando para dentro e saindo repetidamente.

— Aí — diz ela, quando mexo meus quadris. — Isso — ela instrui.

Eu faço de novo, e seus músculos se apertam ao redor do meu pau.

— Eu preciso de você pronta, Ris. Estou tão perto — eu a aviso.

— Isso — ela geme, no fundo de sua garganta. Sua boceta está ficando louca quando aperta a porra do meu pau.

— É isso aí, baby.

Eu giro meus quadris novamente, como ela gosta. Suas unhas cravam minhas costas e suas pernas estão fechadas em volta de mim como um torno. Ela joga a cabeça para trás e grita meu nome. Está apertando meu pau, me ordenhando enquanto eu gozo dentro dela, seguindo-a para a felicidade que criamos juntos.

Deslizando para fora dela, eu caio ao seu lado na cama, puxando-a em meus braços, onde ela praticamente está deitada em cima. Beijo o topo de sua cabeça, segurando-a como se minha vida dependesse disso.

— Você acabou comigo — digo ofegante.

— É sempre assim? Não me lembro do sexo sendo tão… explosivo.

— Somos nós, baby. Nunca me senti assim. Nunca — asseguro a ela.

— Quanto tempo até que possamos fazer de novo?

— Eu preciso de um pouco de tempo. Deixe-me recuperar o fôlego.

Suas mãos arrastam para cima e para baixo no meu abdômen.

— Você disse algumas coisas — diz ela com cautela.

— Aham. — Ainda estou com dificuldade para respirar regularmente. Eu não estava brincando quando disse que ela acabou comigo.

— Foi no calor do momento? Não vou usá-lo contra você se for, mas só… preciso saber.

— Porra. — Minhas palavras saem com um pouco mais de força do que eu pretendia. — Eu quis dizer cada palavra. Você é minha agora. Nenhum homem jamais sentirá seus poderes de destruição — digo, fazendo-a rir.

— Talvez — diz ela com um tom brincalhão. — Eu me reservo o direito de alterar meu contrato após a segunda rodada.

— Vou te mostrar a segunda rodada.

Eu me levanto da cama para me livrar do preservativo, pegando outro da gaveta no caminho de volta. Procedo para provar a ela várias vezes durante toda a noite que sua decisão de ficar comigo é a certa.



CAPÍTULO 18

Larissa

ACORDAR EM SEUS BRAÇOS É ALGO COM QUE EU PODERIA ME ACOSTUMAR. MINHAS COSTAS ESTÃO EM seu peito e posso sentir sua respiração quente contra meu pescoço. É reconfortante e eu nunca quero sair. Quero ficar nesta cama, com seus braços fortes em volta de mim. Quero viver neste mundo de fantasia que criamos. Ontem à noite, ele fez um monte de declarações, aquelas que jura serem verdadeiras, mas não sou tão ingênua para saber que as coisas mudam à luz do dia.

Sei que palavras são trocadas no calor do momento e, quando esse momento fracassa, quando a intensidade e a fantasia se vão, o arrependimento toma o lugar. Eu não me arrependo. Quis dizer cada palavra, cada toque, mas Easton… bem, ele pode não ter. É por isso que estou deitada em seus braços, ainda, com medo de me mover um centímetro, sem querer que essa fantasia acabe.

Seus lábios pressionam contra o meu ombro nu.

— Bom dia, linda. — Sua voz rouca me envolve. — Como você dormiu?

— Nós dormimos? — pergunto, provocando-o. Perdi a conta do número de vezes que nos amamos durante a noite.

— Dormimos. Fizemos mais do que isso também — ele diz, segurando meu peito nu. — Devemos fazer disso um lance noturno — ele sugere.

— Você tem treino em uma hora. Vai se arrepender dessas palavras na hora em que acabar.

— Nunca — diz ele, puxando meu corpo para mais perto do dele.

— Eu nunca poderia me arrepender de nada quando se trata de você.

— O dia muda as coisas. — Faço o desabafo, com a preocupação de que poderia mudar sua mente.

— Você está certa — ele concorda. Eu endureço em seus braços. Pensei que estivesse preparada para isso, mas estava errada. — Você está ainda mais bonita hoje do que ontem — ele diz, mais uma vez pressionando os lábios no meu ombro nu.

Solto uma respiração audível e relaxo em seu abraço.

— Não consigo explicar, Ris, mas, porra, nem quero. Não me importo que seja rápido. Não me importo se alguém pensa que é muito cedo. Parece certo. Você me faz bem. É tudo que importa para mim. Você e P são… tudo. Essa é a melhor maneira de descrever essa sensação. Eu quero vocês duas. Quis dizer cada palavra ontem à noite. Nenhum outro homem… — Ele passa a mão pela minha barriga, até chegar ao meu centro. — … estará aqui. — Ele traça seus dedos pelas minhas dobras. — Você é minha agora.

— Isso funciona nos dois sentidos?

— Claro que sim. Não quero ninguém além de você. Você é tudo que vejo, tudo em que penso.

— Eu tenho bagagem — lembro-o. Odeio me referir à minha filha como bagagem, mas minha vida não é minha.

— Você tem uma linda garotinha que roubou meu coração.

Virando em seus braços, passo a mão sobre a barba que cobre suas bochechas.

— Você é real? — pergunto.

Ele ri.

— Sim, querida, eu sou real.

— É que… as coisas que você diz são…

— De coração.

Lágrimas pinicam meus olhos, quando me lembro de sua conversa com Paisley sobre falar sempre com seu coração.

— Sério?

Ele se inclina e me beija suavemente.

— Sempre, Larissa.

— Você precisa se preparar para o treino e eu tenho que me preparar para o trabalho.

— Eu não quero sair daqui.

— Você precisa. — Eu o cutuco de lado, fazendo com que ele se contorça.

— Tem planos para hoje à noite?

— Não, só pegar a P na mamãe depois do meu turno.

— Vai voltar para cá? Posso fazer nosso jantar. P pode nadar.

— Podemos fazer isso — digo, beijando seu queixo.

— Arrume uma mala para vocês duas.

— Não acho que seja uma boa ideia.

Ele se afasta para poder me ver.

— O quê? Por que não?

— Não quero que Paisley tenha a ideia errada. Ela já está ligada em você. Não preciso que nos veja dormindo na mesma cama.

— Ela já viu — ele argumenta.

— Foi uma soneca no meio do dia. Não à noite.

— Eu quero você aqui, vocês duas.

— Vamos vir para uma visita, mas voltaremos para nossa casa.

— Por enquanto — ele admite. — Verá que isso não é um jogo para mim. Entendo que é mais do que apenas você e eu que seremos afetados por nossas ações, pelas decisões que tomamos. Eu vivi isso. Estive do seu lado da história. Não estou de brincadeira.

— Sei disso. — Estendendo a mão, corro os dedos pelos cabelos dele. — Eu sei, mas só preciso de um tempo. Ok. Sou sua — me apresso para dizer a ele. — Quis dizer o que eu disse ontem à noite, mas preciso de um tempo para me acostumar com a ideia. Para preparar Paisley para a ideia.

— Ela me ama. — Ele sorri, parecendo confiante e adorável.

— Sei que ama. Só não quero que o coração dela seja partido se isso não der certo.

— Oh, vai dar certo. — Ele abaixa a boca até a minha, envolvendo meus lábios com a língua. — Vai mais do que funcionar. — Ele me beija, profundo e lento. Seus lábios macios, mas firmes, contra os meus. — Eu vou te dar um tempo para chegar onde estou. Quero você. — Ele beija meu nariz. — Quero Paisley. — Ele beija minha testa. — Quero vocês. — Ele beija meus lábios. Apenas um beijo suave, mas a emoção por trás disso, as palavras antes dela fazem parecer muito mais.

— Banho — murmuro contra seus lábios. — Não serei a razão pela qual você estará em maus lençóis por estar atrasado para o treino.

— Você vale a pena — diz ele, beijando meu pescoço.

— Eu não posso me atrasar para o trabalho.

— Tudo bem — ele resmunga bem-humorado. Ele sai da cama e, quando vejo, me joga por cima do ombro e segue em direção ao banheiro.

— O que está fazendo? — pergunto, rindo.

— Vamos tomar banho.

— Nós dois sabemos que nos atrasaremos se tomarmos banho juntos.

— Prometo me comportar. — Ele me coloca no balcão. — Só quero você comigo. — Ele dá de ombros casualmente, como se suas palavras não me tirassem o fôlego.

Eu o observo quando ele liga o chuveiro, testa a temperatura da água, depois vira e estende a mão para mim. Eu pego, pulando do balcão e entrando atrás dele. Seu banheiro é enorme, tanto que me faz pensar naquela canção do Nickelback, em que eles falam sobre um banheiro onde você pode jogar beisebol, e dou risada.

— O que é tão engraçado?

— Nada, isso é enorme.

Ele olha para o pau, que está me saudando, e sorri.

— Eu sei.

Reviro os olhos, mas não consigo tirar o sorriso do rosto. Sei muito bem o quanto ele é "enorme". Ainda posso senti-lo.

— Estava falando do chuveiro — digo, pegando seu shampoo.

— Eu quero fazer isso. — Ele dá um passo em minha direção.

— Pare! — Estendo a mão para impedir seu movimento. — Você não pode me ajudar. Nunca sairemos daqui e não posso me atrasar para o trabalho.

Ele morde os lábios e me olha com seus grandes olhos castanhos.

— Deixa eu fazer — ele sussurra.

— Comporte-se, senhor. Não vou me atrasar para o trabalho.

Ele resmunga algo em voz baixa, mas recua sob o jato, do lado do chuveiro. Acho que esta é a primeira vez que tomo banho com o que parece ser um sorriso permanente. Easton torna a vida divertida. Ele me faz querer acordar assim, fazer disso, tomar banho juntos, nossa rotina diária. Não posso deixar de fazer uma oração silenciosa para que um dia seja.



CAPÍTULO 19

Easton

Volto para debaixo do chuveiro e para longe dela. Sei que este trabalho é o seu sustento. Quase disse a ela para pedir as contas e me deixar cuidar delas, mas sou melhor do que isso. Quero que ela alcance seus sonhos e objetivos de vida. Sei que trabalhar no The Vineyard não é o sonho dela, mas é o que coloca comida na mesa para ela e Paisley. Então, em vez disso, desisto e deixo a água quente cair sobre mim enquanto mantenho os olhos colados nela. Seus olhos estão fechados enquanto ela ensaboa os cabelos e inclina a cabeça para enxaguar o shampoo. A água e o sabão escorrem por seus seios, e eu só quero tocá-la ali, em todos os lugares. Ela é meu vício.

— Você tem condicionador? — ela pergunta.

— Não — sufoco a palavra. Estou tão consumido pela luxúria que falar, quando ela está nua, molhada e a poucos metros de distância, é quase impossível.

— Ok. — Ela pega meu sabonete, derrama algumas gotas na palma da mão, esfrega-os juntos e, em seguida, ensaboa todo o corpo.

Eu coloco as mãos em punhos ao meu lado, lutando contra o desejo de assumir o controle. Meu pau está duro como aço enquanto a assisto. Estou meio tentado a cuidar disso aqui e agora. Imagino seu corpo molhado deslizando contra o meu enquanto ela agarra meu pau, da base à ponta,

lentamente me deixando louco. Se não fosse pelo fato de eu saber que a coisa real, o calor dela, é melhor do que qualquer orgasmo autoinduzido, eu o faria. Há também o pequeno fator de ambos nos atrasarmos. No entanto, posso ver o desejo em seus olhos; não sou só eu quem está ligado, mas a respeito e o fato de ela se recusar a se atrasar para o trabalho. Além disso, essa coisa entre nós é uma maratona, não só um lance.

— Você está bem, Monroe? — ela me pergunta. Seu sorriso é contagiante.

— Já acabou?

Ela joga a cabeça para trás e ri.

— Sim, acabei. — Ela sai do banho.

Tenho que fechar os olhos para não segui-la. Meu pau está puro aço, então alcanço o registro e viro a água para o frio. Eu me encolho quando ele atinge minha pele aquecida, mas tempos desesperados exigem medidas desesperadas. Não preciso chegar ao treino com um taco entre as pernas. Sou todo a favor de brincar, mas os caras nunca me deixariam viver isso. Uma vez que tenho as coisas sob controle, termino o resto do meu banho na água gelada, sem correr nenhum risco.

Tomo meu tempo me secando, esperando que Larissa tenha tido tempo para se vestir. Dando-lhe tempo para cobrir seu corpo lindo, não que isso faça diferença. Vestida ou nua, anseio por ela.

— Quanto tempo dura o treino? — ela pergunta, quando entro no quarto. Está completamente vestida de calça e camisa pretas, o uniforme para o The Vineyard.

— O dia todo. Musculação, depois campo e depois filme.

— Uau. O dia todo. Presumi que fossem algumas horas ou algo assim.

— Quero dizer, sim, sou bom para isso. Os outros precisam de toda a ajuda que conseguirem. — Sorrio.

— Aham — ela responde com uma risada. — Acho que da próxima vez que eu vir Drew, vou pedir a opinião dele sobre o assunto — ela brinca.

Ando em direção a ela e a levanto em meus braços, seus pés balançando do chão.

— Está tentando me deixar com ciúme?

— Não, mas você está?

— Pode ter certeza. — Pressiono os lábios nos dela rapidamente, então a coloco de volta em seus pés. — Não posso ficar muito perto de você agora — confesso.

— Mais um pouquinho e nenhum de nós vai sair deste quarto hoje.

Ela sorri para mim. Seus olhos estão brilhando, e meu peito incha sabendo que fui eu que coloquei esse brilho lá. É como se ela finalmente estivesse se abrindo para mim e, mesmo que eu achasse que nunca seria possível, ela é ainda mais bonita. Talvez seja porque sei que ela é minha.

— Então, tem certeza de que quer que a gente volte aqui hoje à noite? Não quer uma folga?

— Vou embora amanhã e só volto até quinta-feira.

— Eu sei, entendo se quiser uma pausa antes de sair.

Coloco um braço em volta de sua cintura e a puxo para perto.

— A única coisa que eu quero são minhas garotas aqui comigo, assim posso absorver o máximo de vocês duas antes que pegue a estrada.

— Verdade? — Ouço esperança em sua voz.

— Sim. Pegue a princesa P e venham para cá o mais rápido que puderem. Vou comprar o jantar a caminho de casa.

— Pensei em fazermos algo na grelha.

— Acho que a P gostaria mais de pizza de queijo.

— Você não pode ficar mimando-a — diz ela com uma voz severa, a qual não me incomoda.

— Claro que posso. Ela é minha princesa. — Beijo o nariz dela e a solto do meu aperto. — Tenho que ir. Te vejo hoje à noite. — Um beijo rápido em seus lábios e vou para longe dela em direção à porta do quarto.

— Espere! — ela grita. — Estou quase pronta. Vou com você. — Ela corre para pegar suas roupas e colocá-las de volta na bolsa.

— Está bem. Você tem algum tempo ainda. Vou verificar o pátio e as portas da frente. Apenas certifique-se de fechar a porta da garagem com o controle que eu te dei e está tudo bem. — Volto para ela, simplesmente porque posso, e a beijo mais uma vez. — Tenha um bom dia, Ris. — Com isso, saio do quarto, pego minhas chaves e carteira e saio correndo pela porta.

Vinte minutos depois, estou entrando no vestiário ainda com um sorriso bobo.

— Por que parece que você acabou de bater um *grand slam* no final do nono tempo? — pergunta Drew, sentando-se no banco ao meu lado.

— O que foi? Um cara não pode ter um bom dia?

— Claro que pode, mas isso — ele aponta para o sorriso que eu não consigo controlar —, é mais do que apenas um bom dia.

Concordo.

— A vida é boa, meu homem. Apenas vivendo o sonho.

Ele me estuda, e um sorriso lento curva seus lábios.

— Larissa.

— Um cavalheiro nunca diz — repreendo, colocando celular, chaves e carteira no meu armário.

— Desde quando?— ele pergunta, cruzando os braços à frente do peito.

— Desde Larissa — confesso.

— Não brinca. — Ele bate a mão no meu ombro. — Você finalmente a pegou?

— Finalmente — concordo. Um tempo atrás, eu não tinha certeza se ela iria me dar uma chance.

— Está pronto para tudo isso? Ela é mãe, East.

— Estou pronto — asseguro-lhe.

Eu não tenho medo do fato de Larissa ser mãe solteira. Inferno, no mínimo, isso a favorece ainda mais para mim. Sei pelo que as mães solteiras passam, a luta para sobreviver, a luta para ser ambos os pais. Ela é uma das mulheres mais fortes que conheço.

Ele balança a cabeça e isso encerra nossa conversa. Ele me conhece. Sou um homem de palavra. Se estou dentro, estou dentro e, quando se trata de Larissa e Paisley, não há outro jeito.



CAPÍTULO 20

Larissa

O DIA HOJE PARECE QUE ESTÁ SE ARRASTANDO. SEI QUE É POR CAUSA DA EXPECTATIVA DE VER EASTON novamente. É assustador e excitante. Ainda me preocupo com o fato de Paisley ficar muito apegada, mas não posso protegê-la da vida. Eu gostaria que pudesse, mas sei que a realidade é que, se eu fizer isso, ela nunca estará preparada para ficar sozinha um dia. Um dia, bem distante, no qual não quero pensar.

— Ei — Chloe me cumprimenta. — Você esteve aqui o dia todo?

— Sim, peguei o turno da manhã. Tenho uma hora até ir embora — digo, olhando para meu relógio.

— Dia difícil? — Ela ri.

— Na verdade, foi tudo tranquilo. Estou só esperando meu turno acabar.

— Uh-huh. E por quê? Você tem um encontro quente?

— Vou pegar P na casa da mamãe logo depois do trabalho.

— Está ignorando minha pergunta.

— Não é um encontro.

— Ceeertoo. — Ela arrasta a palavra. — Claro que não é.

— Me atualize sobre o que está acontecendo em sua vida.

Olho para a tela, esperando ver minha seção completa para não precisarmos falar sobre isso. Não que eu não fale com Chloe, eu falo. Ela tem estado muito aqui por mim, mas esse relacionamento com Easton é novo e tenho medo de falar sobre isso. Não quero azarar. Essa é minha preocupação.

— Vivendo o sonho, e você? — Ela joga para mim de volta.

— Nada a relatar — minto.

Ela me dá um olhar de "sei que está mentindo" e cruza os braços à frente do peito.

— Tente novamente.

— Tudo bem, nós estamos saindo. Ele liga e manda muitas mensagens. Ele foi ao jogo de P ontem.

— Ele foi? — Ela sorri. — Presumo que ele tenha sido a atração principal?

— Os pais estavam se derretendo para conversar com ele. As crianças ficaram boquiabertas… — Paro e penso nisso.

— O que não está me contando?

— Nada, ele foi ótimo. Quando lhe pediram um autógrafo, ele disse que estava com a família e que ligaria para o escritório principal para fazer isso, mas não naquele momento.

— Então agora você é família dele? — Seu sorriso é tão grande que acho que posso ouvir a felicidade no som de sua voz.

— Foi apenas uma maneira de ele não dar autógrafos. Ou nós teríamos ficado lá a noite toda.

Ela me estuda alguns minutos e eu tento não me contorcer sob seu olhar.

— O que mais?

— Nada, nós ficamos na casa dele antes disso.

— Porra, Larissa, é como arrancar dentes obter qualquer informação de você. O que há?

— Eu só… não quero azarar isso. Realmente gosto dele, e acho que Paisley já está se apegando a ele também. Tudo está acontecendo tão rápido.

— Você é a única que pode julgar a velocidade que acontece o que for que vocês dois têm. Se parece certo, parece certo. P é uma garotinha forte. Ela pode lidar com isso. Você não pode protegê-la de se machucar a vida inteira.

— Sei disso. Eu sei, e estou deixando-o entrar. Parece que foi um furacão. Ele nos chama de "suas garotas". — Tento esconder meu sorriso, mas é inútil.

— Desembucha. — Ela estreita os olhos para mim enquanto ri.

— Tudo bem, fomos para a casa dele e nadamos, depois tiramos uma soneca, fomos ao jogo de P, então levei P para a mamãe, voltei para a casa dele e passei a noite.

— Quem tirou uma soneca? — ela pergunta.

— Todos nós.

— Onde?

— Na cama dele.

— Larissa! — ela diz exasperada.

— Nós três nos deitamos em sua monstruosa cama. Paisley entre nós e tiramos uma soneca com ela antes do jogo.

— Own. — Ela sorri.

— Depois do jogo dela, nós comemos e eu a levei para a mamãe. Ele me pediu para arrumar uma mala e voltar, então foi o que fiz. Fiquei lá ontem à noite.

— E? — ela incentiva.

— E foi legal.

— Legal? Legal é um vizinho deixar alguns biscoitos nos feriados. Legal não é para passar a noite com o primeira base do Tennessee Blaze. Olha, eu entendi. É pessoal e sei que é a primeira vez, desde Steve, mas me diga apenas uma coisa. Ele cuidou de você?

Meu rosto está em chamas. Fazia tanto tempo para mim que falar sobre sexo fora de brincadeiras sobre não conseguir nada é incomum.

— Foi fantástico. Ele é incrível.

— Essa é minha garota. — Ela levanta a mão para me dar um high-five. Penso em deixá-la esperando, mas decido bater a mão contra a dela. — Então, quando você o verá de novo?

— Hoje à noite — respondo, sentindo meu rosto ficar quente. — Ele me pediu para ir assim que eu sair. Vou pegar a P e vamos para a casa dele jantar.

— Não se esqueça de fazer uma mala. — Ela sorri.

— É, ele queria que eu fizesse isso. Eu disse a ele que não. Acho que é um pouco cedo demais para festa do pijama. Paisley já está apaixonada por ele.

— No seu ritmo, Larissa. — Ela olha para o relógio.

Assinto, olhando para o meu relógio. Finalmente, é hora de ir para casa.

— Te vejo depois — digo, já caminhando em direção ao cartão de ponto para sair.



Paisley sai correndo de casa assim que estaciono na garagem.

— Mamãe!

— Ei, garota — eu a pego e a balanço. Ela está crescendo tão rápido que não vou conseguir fazer isso por muito mais tempo. — Como foi seu dia?

— Tão divertido. Vovó e eu fomos ao parque! — ela diz animadamente.

— Isso parece divertido.

— Ei, querida, como foi o trabalho? — mamãe pergunta.

— Bom. Foi um dia longo. Obrigada por cuidar dela.

— Sabe que sempre vou cuidar — ela me diz. — Ela foi um anjo, como sempre.

Eu sorrio para Paisley e estou prestes a comentar sobre ela ser boazinha quando mamãe acrescenta:

— Ela parece muito afeiçoada a Easton.

— Ele é um cara legal. — Não digo a ela que Paisley não é a única que gosta dele.

— Pelas histórias que ouvi, parece que é. Quando vou conhecê-lo?

— Mãe, somos apenas… amigos, eu acho. Estamos nos conhecendo. Ainda não chegamos lá.

Não posso deixar de pensar sobre ele me chamando de namorada. Mamãe teria um dia e tanto se soubesse disso. Sorrio para mim mesma. Gosto de esse momento ser nosso. Quero manter cada memória com ele para mim mesma. É como se ele fosse desaparecer se eu compartilhasse com o mundo,. Talvez tudo tenha sido um sonho? Com certeza parece um. Easton é, definitivamente, um sonho. Ele é tudo que eu poderia querer em um parceiro, namorado, seja lá o que for que eu deveria chamar ele.

— Ele é bom com ela? — ela questiona.

Meus olhos estão cheios de lágrimas, porque ele é. É incrível com minha filha.

— Sim, ele é bom com ela. Muito bom, na verdade. Temo que, se isso acontecer, no que quer que se transforme, ele vai estragá-la de tanto mimar.

— Não tem nada de errado nisso.

— Mamãe, o que teremos para o jantar? Minha barriga está falando comigo.

— É mesmo? E o que está dizendo?

— Que quer pizza.

Nós não comemos muito fora. Primeiro, fica caro e, segundo, eu gosto de ter certeza de que ela está recebendo uma dieta equilibrada. Quero dizer a ela que Easton vai comprar pizza, mas decido surpreendê-la. Que seja ele a dizer a ela. Foi ideia dele, afinal. Não posso deixar minha mente vagar pelos últimos quatro anos. É assim que teria sido? Compartilhar as responsabilidades parentais? Minha mãe é maravilhosa e me ajuda muito, mas é diferente.

— Nós vamos ter que ver. Vá pegar sua bolsa para que possamos ir. Vovó precisa de um descanso.

— A bolsa está na varanda. — Ela sai correndo de volta para a varanda, pega sua bolsa e está de volta em pouco tempo.

— Ela tem uma energia — mamãe reflete.

— Não é? — Dou risada. — Obrigada de novo, mãe. Vou pegar o turno da noite nos próximos dois dias.

— Estarei pronta e esperando-a.

Inclinando-me, envolvo meus braços ao redor dela e a abraço com força. Não teria como eu ter feito isso sozinha. Minha mãe esteve aqui a cada passo do caminho e me deu mais do que ela jamais saberá. Um dia, espero estar em um trabalho onde ela não tenha que cuidar de Paisley à noite. Onde ela possa ser apenas avó, ter noites do pijama e encontros, e não ser a babá.

Um dia.



CAPÍTULO 21

Easton

QUANDO ESTACIONO NA GARAGEM, VEJO A PORTA DA GARAGEM SE LEVANTANDO E LARISSA SE aproximando. Nós não poderíamos ter cronometrado isso melhor se tentássemos. O treino foi longo e cansativo. Depois, parei e comprei o jantar. Trouxe para Paisley sua própria pizza de queijo, para mim uma para amantes de carne e outra grande de queijo. Eu como qualquer coisa, mas não tenho certeza do que Larissa gosta na pizza. A outra noite em que saímos apenas pedimos de queijo para todos.

Apertando o botão no meu visor, a outra porta da garagem se abre exatamente quando Larissa está saindo de seu SUV. No momento em que saio do carro e pego as pizzas do banco de trás, Paisley está envolvendo seus bracinhos em minhas pernas.

— East! Estou tão feliz em te ver. E você trouxe pizza. — Ela fala com tanta alegria que não posso deixar de sorrir para ela.

— Trouxe. Eu pensei que você poderia estar com vontade de comer uma torta de queijo.— Tiro alguns de seus cachos soltos dos olhos.

— Torta? Pizza não é torta, bobinho. — Ela termina com uma risada.

— Mas tem o formato de uma. É uma torta de pizza.

Desta vez, sou recebido com uma risada baixinha.

— Torta de pizza — ela canta.

— Tudo bem, Srta. P, solte-o para que possamos entrar e comer. — Larissa estende a mão e Paisley a pega.

Com a pizza em um braço, estendo o outro e coloco e ao redor de sua cintura, guiando-a em meus braços. Dou um beijo em sua têmpora.

— Senti sua falta — sussurro.

— E de mim, você também sentiu minha falta, East? — Paisley pergunta em sua voz doce. Quase parece que ela está preocupada que a minha resposta seja não. Quando nunca poderia ser, já que se trata dela.

Entrego a pizza a Larissa, depois me abaixo e pego Paisley no colo, colocando-a no meu quadril.

— Claro que senti sua falta. Senti falta das minhas duas garotas.

Seus olhos se arregalam.

— Nós somos suas garotas?

— São. — Eu a beijo na têmpora, assim como fiz com sua mãe segundos antes. — Está com fome?

— Morrendo de fome. Minha barriga estava falando comigo.

— Não acredito. — Finjo descrença.

Sua cabecinha balança para cima e para baixo.

— Uh-huh, e estava me dizendo que queria pizza. Pergunte à mamãe.

— Mamãe? — Eu me viro para encarar Larissa. — Você ouviu essa conversa?

Os olhos de Larissa brilham com o que espero ser diversão e felicidade.

— Não, mas a Srta. P me informou que sua barriga realmente pedia pizza. Você deve ser um leitor de barriga.

— Um leitor de barriga? — Paisley pergunta.

— Sim, ele sabe o que sua barriga quer quando está com fome.

— Você ouviu pizza? — Paisley pergunta inocentemente.

— Com certeza escutei. Até ouvi dizer que você queria sua própria pizza. — Seus olhos se arregalam. — Vamos entrar para que possamos comer. — Com Paisley no meu quadril, eu acompanho Larissa até a casa, apertando os botões para fechar as portas da garagem no caminho.

— Onde você quer se sentar? — Larissa pergunta.

Olho para Paisley, que ainda está em meus braços.

— O que acha, princesa? Devemos comer dentro ou fora no deque?

— Está muito quente lá fora — diz ela com o rosto sério.

— Dentro então. — Dou risada. Levando-a para dentro, paro na ilha e a sento em uma das cadeiras. — Não se mexa muito. Não quero que você caia.

— East — ela diz exasperada. — Eu tenho quatro anos. Vou fazer cinco… Mamãe, quando vou fazer cinco?

— No dia 15 de junho — ela responde.

— Certo. Vou fazer cinco anos no dia 15 de junho, depois vou para a escola de garotinhas.

— Escola de garotas grandes? Mesmo? Isso parece bem legal.

Ela acena com a cabeça.

— É. Estou crescendo — diz ela.

— Não cresça rápido demais. Mamãe quer que você seja pequena o máximo que puder — Larissa diz a ela.

— Não. Eu vou comer toda minha pizza e crescer grande e forte.

— Aqui está. O que você diz para Easton? — Larissa pergunta, colocando sua própria pizza de queijo na frente dela.

— Obrigada, East — diz ela, então olha para a pequena caixa de pizza na frente dela. — Isso é meu? — ela pergunta.

— Claro que é. — Bagunço o cabelo dela. — Água ou leite para beber?

— Leite — responde ela, pegando sua primeira fatia e dando uma grande mordida. Ela suja todo o rosto de molho.

Vejo quando Larissa sorri para ela, estendendo a mão com um guardanapo, limpando o rosto, depois entrega a Paisley um novo.

— Use isso, por favor.

A cabeça de Paisley balança para cima e para baixo quando ela dá outra mordida, tão grande quanto a primeira, cobrindo o rosto mais uma vez com molho. Desta vez, Larissa apenas sorri e dá uma mordida em seu pedaço. Isso me parece certo. Tê-las aqui, em minha casa, trazendo-s para a minha vida. Só espero que este seja o começo de muitas outras noites que eu possa passar com elas.

— Essa era uma pizza grande, mas agora é pequena — diz Paisley, inclinando-se para trás em sua cadeira.

Seu rosto está manchado de molho, onde ela tentou limpá-lo com um guardanapo. Ela também tem um pequeno anel de leite emoldurando seu lábio superior e suas mãos estão em sua barriga.

— Venha aqui. — Larissa já tem um papel toalha molhado na mão, pronto para limpá-la. — Sua barriga está cheia?

— Muito, muito cheia — ela responde dramaticamente.

— Querem assistir a um filme?

— Oh, você tem Pocahontas? Ela é minha favorita. Bem, eu gosto de Cinderela e Bela, e… — Larissa coloca a mão sobre a boca dela para impedi-la de continuar falando.

— P, eu não tenho certeza se Easton tem filmes de princesa.

— East, você tem filmes de princesa?

— Não, querida, mas vou ter que consertar isso, hein?

— Sim, ou posso trazer o meu da próxima vez que eu vier. Eu tenho muitos deles.

— Bem, que tal abrir o Netflix e ver o que podemos encontrar?

— Combinado. — Ela se vira na cadeira e estende os braços para mim.

— Paisley, você é uma menina grande, pode andar — Larissa critica.

— Mas meu East é tão forte que pode me carregar. — Contenho meu sorriso quando a pego e a coloco no meu quadril. — Vamos, mamãe. Hora de escolher um filme.

— Deixe-me limpar primeiro — diz ela.

— Não. É uma limpeza fácil. Faço isso mais tarde. Agora nós relaxamos.

— É, mamãe, agora nós relaxamos — Paisley repete, quando eu a sento no sofá. Ela se move para o meio e dá um tapinha no lugar ao lado dela. — Posso me sentar perto da mamãe e do East. — Ela sorri, seu sorriso adorável que chega e agarra meu coração.

— Olha, Paisley, Pocahontas — digo, enquanto percorro os canais.

Ela bate palmas e me choca quando sobe no meu colo. Está sentada de lado com a cabeça apoiada no meu ombro. Larissa abre a boca, suponho que para dizer para ela se sentar no sofá, mas ergo a mão para impedi-la.

— Está tudo bem. Agora, venha se sentar aqui conosco.

— É, mamãe — Paisley fala.

Larissa se move para se sentar ao meu lado, batendo o ombro no meu. Estendendo a mão, coloco o braço em volta do ombro dela e a trago para perto. Então, relaxo no sofá e me acomodo assistindo a um filme da Disney com minhas duas garotas nos braços.

Bem onde deveriam estar.

O filme começou há poucos minutos e Paisley está dormindo.

— É melhor eu levá-la para casa — Larissa sussurra.

— Fique.

— Está quase na hora de ela dormir, de qualquer maneira.

Só mais um pouco.

— Sinto que quase não te vi hoje, e ficarei fora nos próximos dois dias.

— Gosto de mantê-la na rotina. Ela se dá bem com isso e precisa de uma boa noite de sono.

Virando a cabeça, meus lábios encontram sua têmpora.

— Eu te acompanho.

Ela desliza para fora de meu braço e fica de pé. Eu faço o mesmo, com cuidado para não acordar a princesa adormecida em meus braços. Consigo colocá-la amarrada no assento do carro sem acordá-la.

— Quando ela dorme, vai a noite toda — Larissa diz atrás de mim.

— Ela é uma boa criança. — Não sei por que digo isso; não é como se estivéssemos falando sobre o comportamento dela, mas, por alguma razão, parece que é importante que ela ouça isso. — Você fez um ótimo trabalho criando-a.

Lágrimas se acumulam em seus olhos.

— Ela é meu mundo, Easton. Ela já está tão apegada a você… — Sua voz desaparece.

— Somente ela? — pergunto, envolvendo meus braços sua cintura e puxando-a para perto.

— Não só ela — ela confessa.

Eu quero gritar a plenos pulmões que elas são minhas. Quero que o mundo saiba, mas me conformo com um grito interno, ficando de boa.

— Que bom. — Beijo sua testa. — Também estou apegado, Ris. Esta casa está quieta. É simplesmente um lugar para eu dormir. Com vocês duas aqui, é como se trouxessem vida ao lugar. É algo que eu não sabia que estava faltando.

— A novidade vai se desgastar.

— Ei. — Com o dedo indicador, levanto o queixo dela. — Isso não é porque vocês duas são novas e brilhantes. Está aqui. — Eu coloco a mão no peito. — Aproveito cada minuto que compartilho com vocês duas, separadas e juntas — acrescento, apenas para esclarecimento. — Podemos facilitar a ideia de que estamos mais no seu ritmo. Não vou forçar, mas, Larissa, somos mais. Mais do que jamais imaginei que desejaria, e mais do que poderia esperar. Você também pode seguir em frente e embarcar nisso.

— E se eu não fizer isso? — ela pergunta. Há um brilho nos olhos dela.

Me abaixando, pressiono meus lábios nos dela.

— Você vai — murmuro, enquanto minha boca se funde com a dela. Em vez de palavras, deixo minha boca convencê-la.

— Entendi — ela sussurra, enquanto me afasto do beijo.

Não posso deixar de rir.

— Bom saber. Tenha cuidado ao dirigir para casa, querida. Ligue ou mande uma mensagem para mim quando chegar lá, para saber que você chegou bem.

— Sou adulta, Easton. Tenho feito as coisas por conta própria por muito tempo.

— Eu sei. Mas não precisa mais. Dirija com cuidado — digo, recuando e abrindo a porta para ela.

Por um minuto, ela apenas fica lá olhando para mim. Nenhuma palavra é dita e sua expressão facial está em branco. É como se ela estivesse fora do ar. Enquanto ela processa o que acabei de

dizer, começo a entrar em pânico por ter ido longe demais, quando um sorriso lento curva seus lábios.

— Você sempre consegue o que quer? — ela pergunta.

Eu dou de ombros.

— Sempre luto pelo que eu quero.

— E sou eu? — Posso ouvir a descrença em sua voz.

— Você e sua filha.

Vendo que a deixei sem palavras, fecho a porta e sorrio. Ela apenas balança a cabeça, o mesmo sorriso tocando em seus lábios quando ela aperta o controle remoto em sua viseira para abrir o portão da garagem e recua. Eu a observo até que não possa mais vê-la, antes de fechar a porta e entrar para pegar meu celular. Despindo-me para ficar de cueca boxer, subo na cama e espero saber que elas chegaram bem em casa.



CAPÍTULO 22

Larissa

Acordo com o som da voz da minha filha. Abro os olhos e tento me concentrar de onde vem e o que ela está dizendo.

— Ela está dormindo — eu a ouço dizer. — Você tem um jogo hoje? — Há uma pausa. — Vai aparecer na TV? — ela diz, sua voz de quatro anos cheia de admiração. — Você tem que contar isso para minha mãe. Ainda não sei a hora.

Sufoco minha risada.

— Paisley — digo, fazendo-a pular.

Ela sacode a cabeça para olhar para mim do seu lugar no chão, ao lado da minha cama.

— Ela acordou, East. Conte a ela sobre a TV para que eu possa ver você. — Ela, então, tira o telefone do ouvido e me entrega, só para levá-lo de volta. Ela o coloca de volta ao ouvido. — Tchau, East! — ela grita muito alto, como se precisasse para que ele a ouvisse, então passa o celular para mim. Desta vez, consigo pegá-lo de suas mãos.

— Olá.

— Bom dia, linda.

— Bom dia — digo com um bocejo. — Você não deveria estar em um voo?

— Estamos nos preparando para embarcar agora. Eu só queria ligar e dizer bom dia para minhas meninas.

Um frio se instala em minha barriga.

— Você tem treino hoje?

— Não, na verdade, não. Vamos nos alongar, assistir alguns vídeos, mas só. Nosso jogo é amanhã à noite. O treinador nos faz ir um dia mais cedo, para não ficarmos cansados das viagens.

— Mais tempo longe — digo em voz alta, sem pensar.

— É — ele concorda. — Posso dizer que nunca me incomodou até agora.

— Mesmo? — pergunto.

— Nunca tive ninguém de quem sentir saudade. Claro, há minha família e sinto falta deles, mas não os vejo todos os dias. Mas com você e Paisley é… diferente.

Esse frio na barriga está me matando. Não sei o que dizer. Bem, eu sei, mas desabafar essas três pequenas palavras pelo telefone não é o jeito que eu quero fazer isso.

— Cuidado e tenha um bom jogo. — Sei que é uma coisa de merda ignorar sua declaração, mas essa é a única outra coisa que posso fazer agora.

Ele ri.

— Ris, falo com você de novo antes do jogo.

Meu rosto esquenta e fico aliviada por ele não estar aqui para testemunhar.

— É que sei que você está ocupado e não quero te distrair.

— Baby, você não é uma distração. Bem, é, mas de um jeito bom — ele diz com uma risada.

— Bem, tenha um bom voo — digo.

Ele ri.

— Ligo quando eu pousar.

— Mamãe, eu quero falar uma coisa — diz Paisley.

— Espere um segundo, East. P quer falar com você.

— East, tenha um bom voo, tchau — ela diz, depois devolve o celular para mim.

— Ela é uma figura — diz ele com riso em sua voz.

— Ela é.

— Tchau, Ris, falo com você em breve. — E, com isso, a linha fica muda.

— Mamãe, o East vai aparecer na TV. Ele te contou? Ele fez isso? — Paisley pergunta animadamente.

— Ele contou. Mas mamãe tem que trabalhar e pode passar da sua hora de dormir. Por que não gravamos e podemos assistir no dia seguinte?

— Vou vê-lo?

— Vai. Podemos assistir juntas no dia seguinte. Estou de folga do trabalho o dia todo.

— Oba!

Tenho sorte de minha filha ser tão descontraída. É fácil desviá-la durante o processo, de assistir ao jogo a me ajudar a preparar o café da manhã. Paisley me ajuda a fazer waffles no café da manhã. Ela gosta de apertar o botão na torradeira — esta mãe não tem tempo para a versão caseira. Talvez, um dia, quando eu trabalhar em um turno normal, mas agora, a tarefa parece cansativa. Assim que estou colocando o último prato do café da manhã na máquina de lavar louça, meu celular toca. Resmungo quando vejo que é do trabalho, mas atendo de qualquer maneira.

— Alô.

— Ei — Chloe me cumprimenta. — Estamos lotados e Tina ligou dizendo que não vem. De qualquer forma, você pode começar seu turno cedo? Eu disse ao chefe que ligaria. Achei que você poderia estar mais propensa a dizer sim, se eu fosse a pessoa a te perguntar. — Chloe ri. — Sem contar que pensei que talvez você pudesse gostar das horas extras.

— Acabamos de terminar o café da manhã. Preciso ligar para a mamãe e ter certeza de que não tem problema deixar P mais cedo e me arrumar. Te mando uma mensagem.

— Obrigada, tenho que correr — diz Chloe, e termina a ligação.

— Paisley, corra lá para cima, lave o rosto e comece a escovar os dentes. — Mesmo quando digo as palavras, sei que vou me arrepender da bagunça que certamente vai estar no banheiro. — Mamãe tem que ir trabalhar cedo.

— Tudo bem — diz ela, sabendo que argumentar não vai fazer bem.

Podemos usar o dinheiro extra, com certeza. Seu aniversário está chegando e, independentemente disso, sempre podemos usar o dinheiro extra. Essa é a vida de uma mãe solteira. Odeio que meu tempo com ela seja interrompido. Eu me consolo sabendo que ela estará com minha mãe, que a adora. Elas sempre se divertem juntas.

Ligando para mamãe, coloco meu celular no viva-voz e começo a arrumar um pouco a casa. Isso estava programação de hoje.

— Bom dia — mamãe diz alegremente.

— Oi, mãe. Odeio perguntar, mas você pode ficar com P mais cedo? Eu fui chamada para trabalhar.

— Claro que posso. Estou em casa, então venha.

Minha mãe é uma santa. Eu teria me perdido sem ela nos últimos anos.

— Obrigada. Sinto muito.

— Não sinta. Você está fazendo tudo o que pode para cuidar de vocês duas. Estou tão orgulhosa de você, querida. Te vejo daqui a pouco.

— Obrigada, mãe. — Desligando, corro para meu quarto, passando pela porta de P.

Ela está se vestindo e eu tenho que abafar uma risada. Ela vestiu shorts jeans azuis, um tutu com arco-íris por cima e uma regata. É mais fácil deixá-la ir assim. Vou arrumar uma mala com

outras opções para o caso de mamãe querer ir a algum lugar. Tenho certeza de que ela também tem roupas. Corro para o meu quarto e pego meu uniforme, depois volto para o outro lado do corredor para tomar banho.

— Paisley, estou entrando no chuveiro. Fique no seu quarto. Não atenda a porta.

— Ok, mamãe — ela responde.

Deixo a porta do banheiro aberta e tiro a roupa, entrando debaixo da água antes mesmo de esquentar.

Dominei a arte de banhos rápidos sendo mãe solteira. Quando P era bebê, eu nunca queria deixá-la sozinha por muito tempo. Mesmo que ela estivesse amarrada em seu assento ou mais tarde em seu cercadinho no banheiro. Opto por trançar meu cabelo molhado, pois economiza muito tempo e o mantém longe do meu rosto ao servir. Paro no quarto de Paisley no caminho de volta para o meu quarto para pegar meus sapatos e ela está sentada em sua cama, falando ao telefone.

— Sim, então tenho que ir para vovó. — Eu a ouço dizer.

— Paisley Gray, com quem está falando? Sabe que não deve atender meu celular — eu a repreendo.

— Eu sei, mamãe, mas é o East. Sua foto apareceu e já faz tanto tempo desde que falei com ele. — Ela segura o celular longe da orelha e me mostra a tela. Tudo o que posso ver é o nome dele.

Entrando em seu quarto, paro ao lado da cama dela e estendo a mão.

— Diga tchau a Easton e empacote os brinquedos que quiser levar com você. Sairemos em dez minutos. — Espero que ela se despeça de Easton antes de me passar o telefone. — Vá — digo na minha voz de mãe severa. Isso a coloca em ação, e ela corre pelo corredor para pegar sua bolsa. — Ei — digo no telefone.

— Você parece estressada, baby.

— Me ligaram cedo do trabalho, então estou correndo para chegar lá. Acredito que você acabou de pousar?

— Sim. Estamos nos preparando para embarcar no ônibus para nos levar ao hotel.

— Estou feliz que teve um voo bom. Odeio cortar essa conversa, mas realmente preciso ir para terminar de preparar P e levá-la para a mamãe.

— Ligue para mim hoje à noite se tiver tempo, ou quando chegar em casa.

— Easton, vai ser tarde. Você tem jogo amanhã.

— E não vou dormir a menos que eu saiba que você chegou bem em casa.

— Sou uma menina crescida, Easton.

— Sei que é. Você também é linda e a melhor mamãe para aquela garotinha. Mas é hora de deixar alguém se preocupar com você. Então me ligue. Por favor — acrescenta ele.

— Tudo bem — concordo, porque como discuto com isso? Tenho feito tudo sozinha, com apenas a ajuda da minha mãe.

— Dirija com segurança, querida. Dê um abraço na princesa P.

Não posso deixar de sorrir com seu pedido.

— Vou fazer isso.

— Tchau, Ris.

— Tchau, East.

Desligo, segurando meu celular no meu peito. Fechando meus olhos, respiro fundo. Estou gostando tanto dele. Suas palavras, ele é tão confiante sobre o que quer e, por pura sorte, somos eu e minha filha. Ainda me preocupo, mas estamos nos aproximando mais a cada dia. Não me preocupo tanto com nossos corações partidos, o meu e o de Paisley, porque não posso deixar de pensar que talvez, apenas talvez, se isso acabasse, o dele também poderia se partir.



CAPÍTULO 23

Easton

Esta é a primeira viagem na estrada onde mal posso esperar para chegar em casa. Eu me acostumei a ir jogar fora mais do que ficar em casa; é o estilo de vida de um jogador de beisebol profissional. No entanto, desta vez... há algo, alguém está esperando me em casa, e mal posso esperar para voltar. Daí a razão pela qual nosso voo pousou quarenta minutos atrás e, em vez de ir para casa, estou indo para elas, para minhas meninas. Mandei uma mensagem para Larissa para que ela soubesse que meu voo pousou. Ela está em casa hoje e disse que ela e P estão se preparando para se sentar e assistir ao jogo da noite passada.

Paro do lado de fora de sua casa, seu SUV está na garagem e, embora eu nunca tenha passado uma única noite aqui, parece que estou em casa. Não contei à Larissa que estava chegando. Eu não queria dar a ela a oportunidade de me dizer para não vir. Querendo a sua surpresa, saio da caminhonete e vou em direção à porta da frente. Bato duas vezes e espero. Ouço Paisley gritar que há alguém na porta, então Larissa dizendo para ela esperá-la.

Quando a porta se abre, Paisley aplaude e envolve seus braços em minhas pernas, e Larissa, seus olhos são suaves enquanto ela sorri para mim. Inclinando-me, beijo o canto de sua boca. Sei que deveria me preocupar com Paisley, mas não consigo me controlar. Não é como se fosse a

primeira vez que ela me via beijá-la. Larissa está linda vestindo o que parece ser uma calça de moletom que foi cortada em shorts, e uma camiseta caindo no ombro. Seu cabelo está preso em algum tipo de nó torcido no alto da cabeça.

— Você está linda — digo a ela, quando sua mão vai alisar o cabelo que está amarrado para trás. — Estas são para você. — Entrego a ela um buquê de margaridas multicoloridas. — E estas — eu me agacho, assim fico no nível dos olhos de Paisley — são para minha princesa. — Entrego a ela o menor buquê que a moça da floricultura conseguiu montar para mim.

— São para mim? — ela pergunta de olhos arregalados. — Nunca ganhei flores.

— São todas suas. Toda princesa merece ganhar flores.

Sua boca se abre, seus olhos arregalam quando ela olha para mim.

— Você é um príncipe, East? Os príncipes jogam beisebol? — ela pergunta.

Eu jogo a cabeça para trás e dou risada.

— Não, eu não sou um príncipe, mas não significa que você não seja minha princesa. Agora — eu me levanto e a pego —, fiquei sabendo que vocês iriam assistir um pouco de beisebol. Se importam se eu me juntar a vocês?

Paisley ri. É um som doce, do qual nunca vou me cansar.

— Você vai se ver, bobo.

Não digo a ela que tem mais chance de eu passar mais tempo olhando para a mãe dela do que assistindo ao jogo.

— Não importa quem nós assistimos, desde que eu passe um tempo com vocês.

Ela coloca uma das mãos na minha bochecha.

— Eu gosto quando passamos um tempo com você. Mamãe disse que depois tenho que tirar uma soneca. Você pode tirar uma soneca comigo? — ela pergunta.

— Paisley… — Larissa começa, mas eu a interrompo.

— Você sabe que amo tirar um cochilo, P. — Torço o nariz dela, e o rosto dela se ilumina.

— Entre. — Larissa se afasta e abre a porta para mim. — Eu ia fazer pipoca. O que você gostaria de beber?

— Água está bom — digo. — Vamos ajudar a mamãe a colocar as flores na água.

— Eu quero as minhas no meu quarto. Pode, mamãe? — ela pergunta.

— Claro, P. Vamos colocá-las em um pouco de água primeiro.

Eu sigo Larissa para a cozinha e sento Paisley no balcão.

— O que posso fazer? — pergunto.

Larissa abre o armário e puxa dois vasos de flores.

— Pode colocar as flores nesses e eu vou começar a fazer a pipoca.

— Posso ajudar? — Paisley pergunta.

— Claro, mas é um trabalho bem grande. Tem certeza de que está disposta a isso? — pergunto. Sua cabeça balança para cima e para baixo. — Ok, então é realmente importante que, assim que eu colocar água nos vasos, você os segure bem firme. Dessa forma, quando colocar as flores, eles não vão tombar.

— Eu posso fazer isso. Sou boa em ajudar, certo, mamãe?

— Você é, com certeza. — Larissa sorri para ela.

— Tudo bem. Aqui vamos nós. — Agarrando o pequeno vaso, encho-o até a metade com água e coloco no balcão ao lado de Paisley. — Segure firme para mim — digo a ela.

Ela balança a cabeça, o rosto tão sério quanto já vi quando ela se vira de lado no balcão e coloca as duas mãos no vaso. Desembrulho as flores e as coloco no vaso.

— Você conseguiu! — digo animadamente.

Seu doce sorriso ilumina meu mundo.

— Sou muito boa em ajudar — ela me diz novamente.

— É mesmo. Vamos colocar isso para lá. — Deslizo o vaso que ela ainda está segurando pelo balcão.

— Ufa — diz ela, sacudindo as mãos como se estivesse segurando o vaso por horas. Acho que, para a sua mente de quatro anos, poderia muito bem ter sido.

— Você está pronta para o outro? — pergunto a ela.

Ela sacode as mãos e as ergue para eu ver.

— Pronta.

Coloco o vaso maior na mesa.

— Não sei como eu teria feito isso sem você — digo a ela, enquanto ela envolve suas pequenas mãos ao redor do vaso.

— Eu sei — ela concorda, e tenho que segurar uma risada.

Desembrulhando o buquê de flores maior, coloco-as no vaso e, em seguida, coloco ao lado do outro. Ergo a mão para um high-five, e ela bate a dela na minha.

— Bom trabalho.

— Estou pronta para relaxar — diz ela dramaticamente.

— Vamos fazer isso. — Eu estendo os braços e ela se inclina para mim. Colocando-a no meu quadril, pego as três águas do balcão e vou para a sala de estar. Largo Paisley no sofá. Não forte o suficiente para machucar, apenas o suficiente para que ela pule e gargalhe. Me sento e ela se aproxima de mim.

— Olhe para vocês dois, aconchegados — diz Larissa alguns minutos depois, juntando-se a nós com uma grande tigela de pipoca.

— Nós trabalhamos duro — diz Paisley. — Precisávamos descansar.

Larissa ri.

— Aposto que sim.

O que mais você diz para uma adorável criança de quatro anos? Você concorda.

— Deixe que eu seguro. — Eu pego a pipoca.

— Eu posso segurar. Estou no meio e podemos compartilhar como uma família.

Sei que é errado, mas adoro quando ela nos chama de família. Tenho certeza de que Larissa está enlouquecendo, preocupada que estamos nos movendo muito rápido, mas não tenho medo disso. De fato, quanto mais cedo ela mergulhar de cabeça nisso, melhor.

— Prontas para um pouco de beisebol? — pergunto.

Quero abraçá-la e dizer que ficaria honrado em ser sua família. Para entrar e preencher os espaços do pai que ela perdeu antes que ela tivesse a chance de conhecê-lo. Mordo a língua e finjo que o comentário dela não me perturba, quando, na realidade, é tudo que continua correndo pela minha mente. Sei que vai levar tempo para Larissa chegar aonde estou, mas, caramba, como eu queria que isso já estivesse acontecendo.

Nem passaram dez minutos de jogo e Paisley já está inquieta.

— Quando vou te ver de novo, East? — ela pergunta.

Olhando para a TV, vejo onde estamos no line-up.

— Eu já estava rebatendo, então vai ser em um minuto. Esta rodada demorou. São alguns minutos — digo, tentando acalmá-la.

— Talvez devêssemos assistir a um filme de princesa em vez disso. Posso te ver agora.

— Paisley — Larissa a repreende.

— Está tudo bem. — Estendendo a mão para Paisley, coloco minha mão em seu ombro. — Um filme de princesa está bom para mim.

— Na verdade, é hora da soneca — diz Larissa.

— Ahh, mãe, nós temos que dormir? East acabou de chegar.

— Sim, temos que dormir. Você tem treino esta noite.

— Ok. East, você vai deitar comigo?

— Claro, garota.

Eu me levanto do sofá e me alongo. Quando me viro, os olhos de Larissa estão na minha cintura, onde minha camisa está levantada, e Paisley está segurando os braços no ar para eu pegá-la.

— Você pode andar, P — Larissa a lembra.

— Eu sei, mas o East é tão alto. Gosto quando ele me carrega.

— Onde as princesas tiram sonecas? — pergunto a ela.

— No meu quarto, bobo. — Ela ri.

— Oh, sim, você pode me mostrar o caminho?

Meus olhos percorrem a sala, absorvendo o espaço delas. Posso ver muito da personalidade de Larissa, desde a cor nas paredes até as almofadas no sofá. Há cestas de brinquedos em todos os cantos, me dizendo que esta casa é habitada. É uma casa. Algo meu está faltando.

Ela aponta para o corredor e nos dirigimos para lá. Quando chegamos ao quarto dela, há cartazes de todas as princesas da Disney em suas paredes.

— Esse é o meu pai. Ele está no céu — diz ela, apontando para uma foto na mesinha de cabeceira.

— Você sabe o que isso significa, certo?

— Que ele está lá em cima. — Ela aponta para o teto. — Mas não posso vê-lo. Mamãe diz que não é assim que funciona.

Engulo o nó na garganta. Essa garotinha tem meu coração.

— Isso mesmo, mas também significa que seu pai é agora seu anjo da guarda. Você sabe o que é isso?

— Ele é um anjo? — ela sussurra.

— É. Ele está cuidando de você. Então, não importa se você está tendo um dia bom ou ruim, ele está sempre observando você.

— Eu gostaria de ter um pai aqui — diz ela, abraçando seu travesseiro em forma de unicórnio no peito. Preciso de toda a força em mim para não dizer a ela que serei seu pai. Porra, eu ficaria honrado por ela me chamar de pai. — Você vai ler uma história para mim, East?

— Que tal eu inventar uma?

— Isso! — Ela aplaude.

— Entre aqui — digo, segurando as cobertas para ela, agradecido por mudarmos para uma conversa mais leve.

— Quando crescer, não vou ficar tirando soneca.

— Não? Cochilos são bons para você. Dão ao seu corpo uma nova energia para que você possa correr e brincar.

— Você vai tirar uma soneca também?

— Eu tirei uma no avião — minto. É apenas uma pequena mentira branca, mas preciso de um tempo com a mãe dela. — Prometo estar aqui quando você acordar. — Espero que Larissa não me expulse antes disso.

— Você vem comigo para meu treino?

— Nós vamos ter que perguntar a sua mãe e ver se não tem problema. — Quero dizer a ela que vou estar em todas os treinos que eu puder, mas sei que estaria passando do limite.

— História — ela me lembra.

— Certo. Era uma vez, uma linda princesa, o nome dela era Clarissa.

— É como o nome da minha mãe — ressalta.

— Eu sei. — Dou uma piscadinha para ela. — Clarissa e sua filha…

Ela me interrompe antes que eu possa continuar.

— Paisley! — Ela ri.

— Maisley — eu a corrijo, fazendo-a rir. Não tenho ideia se é um nome real, mas rima com Paisley, então vou usar. — De qualquer forma, Maisley e sua mãe, Clarissa…

Ela me corta novamente.

— Maisley e sua mãe, Clarissa, estavam vivendo sem um papai — diz ela, partindo meu maldito coração.

— Ei, de quem é essa história, minha ou sua?

— Estou ajudando. Sou boa nisso — ela diz.

— Ok, vá em frente — digo, mesmo que não tenha certeza se meu coração aguenta. Não quando essa menina está envolvida.

— Maisley e sua mãe não tinham um pai. Um dia, Maisley conhece… — Ela para. — O que combina com East?

— Beast? — pergunto, vendo o pôster da Bela e a Fera em sua parede.

— Isso! — ela diz, como se fosse a melhor ideia que já ouviu. — Um dia, Maisley conhece Beast, e ele se torna amigo dela.

— Esta história soa terrivelmente familiar — digo, batendo na ponta do nariz dela.

— East, estou contando uma história. Você tem que ficar quieto.

— Desculpe, continue. — Levanto as mãos em sinal de rendição.

— Eles brincam juntos e tiram sonecas. Maisley ama seu novo amigo muito, muito, fim — diz ela com orgulho.

Inclinando-me, tiro o cabelo dela de seus olhos.

— Posso te contar um segredo?

Seus olhos se arregalam e ela balança a cabeça.

— Eu também te amo — digo, beijando a ponta do nariz dela.

Seus pequenos braços voam em volta do meu pescoço e ela me aperta com toda a força.

— Você é meu melhor amigo — ela sussurra.

Eu a seguro um pouco mais apertado do que deveria para o tamanho dela, mas preciso de um minuto para as emoções, a felicidade, o amor e o desejo fluírem através de mim.

— Tudo bem — digo uma vez que me recomponho. — É hora do cochilo. Estarei aqui quando você acordar.



CAPÍTULO 24

Larissa

Do lado de fora do quarto de Paisley, enxugo as lágrimas que não consigo evitar deixar cair. Ele é tão bom com ela e ela o ama. Ouvir sua história é como se alguém tivesse entrado em meu peito e apertado meu coração. Quero dar isso a ela. Uma família, um homem em quem ela pode confiar, um homem em quem ela pode se apoiar. Até Easton, não houve ninguém. Pelo menos não que ela tivesse conhecido. Eu tive alguns encontros aqui e ali, mas nada nem ninguém que eu considerasse trazer para a vida dela. Por que fiz isso com ele? Eu me fiz esta pergunta mais vezes do que consigo contar, mas só agora posso me dar uma resposta honesta. Easton Monroe é um presente para nós. Ele é amoroso e gentil. Ele melhora a nossa vida apenas fazendo parte dela.

— Ei — diz ele, saindo para o corredor. Não tenho tempo para me virar e esconder as lágrimas antes de suas grandes mãos segurarem minhas bochechas. — O que aconteceu?

— Ela ama você.

— O sentimento é mútuo. Ela é uma ótima criança.

— O que estamos fazendo, Easton? Quanto mais tempo você passa com ela, mais ela se apaixona por você. A história dela… — Minha voz se esvai, e eu balanço a cabeça.

— Não posso te dizer o que você está fazendo, mas posso te dizer o que eu estou fazendo. — Ele faz uma pausa, esperando que eu olhe para ele. Quando meus olhos estão fixos nos dele, ele continua. — Conheci uma mulher… ela é linda. Quero dizer, linda do tipo de "tirar o fôlego". Também é inteligente pra caramba, trabalhadora e, de alguma forma, equilibra o trabalho e os estudos. Ela lançou um feitiço em mim, tanto que não consigo tirá-la da cabeça. Um feitiço tão profundo que nem quero. Então, um dia, descubro que ela tem uma filha. Uma garotinha que se parece com sua mãe de muitas maneiras. Uma garotinha que é prova viva de como essa mulher é incrível. Ela a criou com pouca ajuda, sustentando as duas, e nunca a ouvi reclamar de estar cansada ou de estar pronta para desistir. Em vez disso, recebo esta mulher, que me faz querer ser um homem melhor, para ela e sua filha.

Lágrimas caem silenciosamente pelas minhas bochechas. Posso senti-las enquanto elas deslizam sobre os dedos que ainda seguram meu rosto.

— Não estou brincando com você ou com ela. Sei que meu estilo de vida pode ser um pé no saco, e não é para todos, mas estou pedindo a você, Larissa. Por favor, me deixe entrar. Vamos tornar isto oficial. Quero poder te chamar de minha. Quero saber que posso parar para ver vocês duas quando eu quiser. Quero que você faça o mesmo na minha casa, mesmo que eu não esteja lá. Leve P para nadar ou apenas fique lá, no meu espaço. Quero nossas vidas tão entrelaçadas que nenhum de nós será capaz de lembrar como era a vida antes de nos conhecermos.

Eu fico ali, minha mente correndo para processar suas palavras. Fechando os olhos, respiro fundo e libero a preocupação e o medo. Este homem está de pé diante de mim, abrindo seu coração. Ele quer estar aqui, ou não estaria diante de mim agora. Sei disso. Ele é ótimo com minha filha e, se chegar o dia em que isso não funcione, ela conhecerá o amor de um homem bom. Algo que ela nunca experimentou. Sei, em meu coração, que é o que ele é: um bom homem.

— O que me diz, Ris? Podemos oficializar isso entre nós?

Lentamente, abro os olhos. Ele está me observando, esperando minha resposta. Não consigo encontrar as palavras, e um aceno de cabeça não parece apropriado para este momento. Precisa de mais. Então fico na ponta dos pés e pressiono meus lábios nos dele. Antes de perceber o que está acontecendo, Easton agarra minha bunda e me levanta no ar. Por instinto, envolvo as pernas ao redor de sua cintura e tranco meus braços em volta de seu pescoço, me segurando nele enquanto andamos. Ele não para até que estejamos no meu quarto do outro lado do corredor. Easton para o beijo e me senta na cama. Eu o vejo quando ele sai pela porta do quarto. Posso ouvir seus passos por toda a casa. Estou prestes a ir procurá-lo para ver o que ele está fazendo quando ele aparece na minha porta. Silenciosamente, ele fecha a porta e vira a fechadura.

— O que você fez?

— Tranquei a porta da frente e movi o sofá em frente ao corredor.

— O-kay — digo devagar. — Entendi a parte da porta da frente. Por que o sofá?

— Porque vou devorar você e, se acontecer de não ouvirmos Paisley acordar, não quero que ela se queime na cozinha, se corte, se esgueire pela porta da frente ou qualquer outra coisa que garotas curiosas possam fazer.

Eu tento segurar meu riso, mas falho.

— Ela conhece as regras. Você não tem que ir a esse extremo — digo, enquanto dou uma gargalhada.

— Ela não vai se machucar sob meus cuidados — ele resmunga. Ele se aproxima de mim, inclinando-se sobre a cama e pressionando seus lábios nos meus. — Eu cuido do que é meu — diz ele, antes de me beijar novamente, empurrando a língua pelos meus lábios. Lentamente, acaricia minha língua com a dele, lembrando-me da única noite em que passamos juntos. — Diga-me o que você quer, Ris.

— Você.

Ele se move para ficar entre minhas pernas, e posso sentir o quanto ele está pronto através do meu short de algodão fino.

— Diga-me o que somos.— Seus lábios se aventuram pela minha bochecha e pelo meu pescoço. — Diga-me que somos oficiais.

— Não temos que ser para fazer isso — lembro-lhe.

Ele para, afastando-se para encontrar meus olhos.

— Sim, na verdade, nós temos. Não estou jogando aqui, Larissa. Eu quis dizer cada palavra. Quero nos levar além das bases, baby.

Meu coração dispara, mas não tenho certeza se é por causa dele e de seu toque, seus beijos ternos contra minha pele aquecida, ou se é pelas palavras prestes a saírem da minha boca.

— Somos oficiais.

— Somos? — ele pergunta, seus olhos escuros brilhando.

Assinto.

— Podemos contar a Paisley? Não quero esconder isso dela. Estou tão apaixonado por ela como por você.

Ela já está ligada a ele; eu deixei isso acontecer. Qual é o problema de segurá-lo agora?

— Sim, podemos contar a ela.

Ele esmaga seus lábios nos meus.

— Preciso de você agora. — Suas mãos vão para meu short e ele começa a beijar meus quadris. Eu me levanto, facilitando para ele. Uma vez que ele desliza pelas minhas pernas, joga calcinha, tudo, no chão. — Por quanto tempo ela cochila?

— Não temos muito tempo — ofego.

Seus cochilos são mais curtos e menos frequentes quanto mais velha ela fica. Tenho a sensação de que teria mais uma briga em minhas mãos se não fosse por Easton dizendo que suas sonecas eram boas.

— Então é melhor eu começar a trabalhar.

Dando um passo para trás, vejo como ele desabotoa a bermuda, puxa uma camisinha do bolso, então segura e depois tira, junto com sua cueca boxer. Meus olhos estão colados a ele enquanto ele se acaricia.

— Gosta do que está vendo? — ele pergunta.

— Hum, você sabe como trabalhar com essa coisa? — pergunto, e ele parece horrorizado com a pergunta.

— Sério, Larissa? — Ele está acariciando-se com uma mão e correndo os dedos pelas minhas dobras com a outra.

— Acho que deveria me mostrar — digo, levantando uma sobrancelha em desafio.

Ele ri e balança a cabeça.

— Vou te mostrar. — Ele pega o preservativo.

— Você tinha certeza de que me levaria para a cama?

— Não. — Ele balança a cabeça com veemência. — Eu só queria estar preparado. Sei que não consigo manter as mãos longe de você e, com a pequena chance de termos conseguido chegar a este momento, não deixei que algo como proteção me impedisse de estar dentro de você novamente. — Mais rápido do que eu esperava, ele está com o preservativo e apoiando as mãos ao meu lado na cama. — Você vai precisar ficar quieta — diz ele.

Estou prestes a dizer a ele que Paisley pode dormir com qualquer coisa, quando ele empurra para dentro de mim. Minhas mãos apertam suas costas e meus olhos se fecham. Mordo meu lábio inferior para não gritar. Ela consegue dormir com qualquer coisa, mas definitivamente quero que ela durma agora.

Easton sorri para mim e depois gira seus quadris.

— Ainda acha que não sei como usar o meu… taco? — ele pergunta, sorrindo.

— Humm, o júri ainda está fora — consigo gemer, provocando-o. Sei muito bem que ele sabe como usar o que o bom Deus lhe deu. Meus insultos o estimulam quando ele levanta minhas pernas e coloca uma em cada um de seus ombros. Agarrando meus quadris, ele começa um ritmo implacável. Mais e mais, ele empurra dentro de mim, e tudo que posso fazer é aguentar.

— Estou p-perto — ofego, meu orgasmo se aproximando.

Ele toma isso como sua sugestão para girar seus quadris e acelerar seus impulsos ao mesmo tempo. Não sei bem o que está acontecendo, mas o que quer que ele esteja fazendo, não quero que pare.

Nunca.

Minhas unhas cravam em sua pele e meu orgasmo me inunda.

— Estou com você, baby — eu o ouço dizer.

E, então, não há nada além de zumbido em meus ouvidos enquanto a pura felicidade toma conta do meu corpo. Easton é apenas o segundo homem com quem estive, e nada no meu passado se compara ao que aconteceu. Bem, a menos que você conte nossa primeira vez juntos. Na verdade,

qualquer hora com ele é sempre melhor do que na vez anterior. Ele é mágico. Então, novamente, talvez sejamos nós. Talvez nós sejamos mágicos juntos.

Meus olhos estão fechados, minha respiração está ofegante quando o solto e deixo as mãos caírem ao meu lado. Ele se acomoda na cama ao meu lado, com as pernas penduradas para o lado. Eu não consigo falar. Caramba, não consigo me mexer. Estou apenas absorvendo as sensações. Provavelmente deveria dizer alguma coisa, agradecer-lhe pelo melhor orgasmo da minha vida, mas falar exige muito esforço. Em vez disso, eu movo a mão, procurando-o. Quando o sinto, entrelaço meus dedos com os dele e seguro firme.

— Estou aqui, Ris.— Sua respiração quente chega ao meu ouvido.

Abrindo um olho, vejo-o apoiado no cotovelo olhando para mim.

— Aqui está ela — ele sussurra. — Senti sua falta — ele brinca.

— Você tentou me matar — gracejo.

Ele ri baixo e profundo.

— Morte por orgasmo. Que maneira de morrer.

Lentamente, seus lábios macios, mas firmes, pressionam os meus. Assim que estou prestes a implorar a ele para a segunda rodada, ouço o tamborilar de pezinhos e depois a porta do banheiro se fechando.

Easton salta, descarta o preservativo na lata de lixo ao lado do criado-mudo e se veste no que parecem ser dez segundos. Não consigo me conter, e as risadas saem de mim. Acho que ele está se movendo mais rápido do que no campo. Seu treinador ficaria orgulhoso. Ele dá uma piscadinha para mim, não perturbado pela minha risada, então sai pela porta. Eu me limpo o melhor que posso sem o banheiro e rapidamente me visto. Quando abro a porta do meu quarto, ouço risadas na cozinha. Sem saber o que vou encontrar, dou pequenos passos para ver o que consigo ouvir.

— Você perguntou à minha mãe sobre meu treino? Eu realmente quero que vá — Paisley pergunta a ele.

— Sua mãe e eu conversamos e eu vou estar em todos os treinos e jogos que eu puder. Na verdade, sempre que você me quiser lá, desde que eu não esteja no trabalho, estarei lá.

— Mesmo? Assim como os outros papais? Ele está lá em cima, lembra? — ela pergunta a ele, e eu posso imaginá-la apontando para o céu.

Dei o meu melhor para manter a memória de Steven viva para ela, mas é difícil explicar a uma criança de quatro anos o que é o céu e por que ela nunca conheceu seu pai.

— Seu pai amava muito você — ele diz a ela. Posso ouvir a emoção em sua voz.

— Como você sabe? Você conheceu meu pai? — ela pergunta a ele.

— Não, mas sei porque você é uma princesa e todos os papais amam suas princesas.

Estou prestes a me desmanchar em lágrimas. Respirando fundo, me junto a eles na cozinha.

— Ei, vocês dois. — Paro e beijo P no topo da cabeça. — Como foi sua soneca?

— Tão, tão boa. Contei a East uma história e ela foi *evastiva* — ela diz dramaticamente.

— Exaustiva — eu a corrijo. Easton está de pé junto ao fogão, braços e pernas cruzados, tremendo de tanto rir. — Vamos jantar e depois vamos para o treino.

— Que tal sairmos para jantar? — Easton oferece.

— Posso fazer alguma coisa — digo a ele.

— Eu sei, mas meio que quero sair com minhas garotas. — Ele encolhe os ombros. — Você concordou e quero exibir.

Sei o que ele está pedindo. Será que estou pronta para ser o centro das atenções como sua namorada? Estou chocada que estou. Não tenho preocupações quando se trata de como ele se sente por mim. É um sentimento novo, mas bem-vindo mesmo assim.

— Exibir o quê? — Paisley pergunta.

— Quero exibir esse restaurante que minha família e eu frequentamos desde que eu tinha mais ou menos a sua idade — ele diz a ela.

— Eba! Podemos, mamãe? Por favor, por favor, por favor?

Olhando para Easton, meus olhos se estreitam em seu lábio inferior, que está bicudo dramaticamente.

— Por favor, mamãe? — ele pergunta.

— Sabe, você não deveria fazer bico com o lábio assim. Um pássaro poderia fazer cocô nele — digo a ele.

Paisley ri.

— Não se preocupe, East. Ela também me diz isso, e nunca aconteceu. Mamãe está brincando.

— É bom saber — ele diz a ela. — Então, que tal? Posso levar as senhoritas para jantar?

— Sim — concordo. Olho para Paisley. — Vamos trocá-la e juntar suas coisas para treinar.

— Uhuul! — Ela salta da cadeira da cozinha e sai correndo pelo corredor até o quarto dela.

— Vamos sair em público, Ris. Os paparazzi vão ver você e ela. Vão saber que você é minha. Tem problema com isso?

— Não, mas me preocupo com ela. Quero que ela esteja segura.

— Eu nunca deixaria nada acontecer com nenhuma de vocês. É muito tranquilo aqui. As pessoas estão acostumadas a ver os jogadores do Blaze por aí. Só saiba que serão notícias de primeira página.

— Oh, é? Por quê? — pergunto.

— O mais elegível solteiro do Tennessee Blaze, eleito por dois anos consecutivos, está agora fora do mercado — diz ele, caminhando na minha direção.

Ele para, se abaixa e beija o canto da minha boca. Eu espero pelo pânico, mas isso não acontece. Estou feliz, Paisley está feliz, e Easton, bem, se o sorriso que ele está me dando é uma indicação, ele também está feliz. Estou animada para ver o que ainda está por vir.

— Pronto — diz Paisley, deslizando para o cômodo com suas meias.

— Espera, rebatedora. Vamos colocar seus sapatos enquanto sua mãe verifica se pegamos tudo. — Ele a coloca no balcão, pega os sapatos dela e começa a colocá-los de pé e os amarra como se tivesse feito isso com ela milhares de vezes.

Easton Monroe é realmente bom. Já conquistou meu coração.



CAPÍTULO 25

Easton

Temos um jogo em casa hoje e estou feliz porque Larissa e Paisley vão estar aqui. Ontem à noite parei e peguei algumas camisetas com o logotipo da Blaze na frente, e *Monroe 20*, meu número, nas costas. Inferno, me excita saber que Larissa está usando meu nome e número, e Paisley… o orgulho me atravessa pelo fato de que minha princesinha vai me aplaudir.

Nós tivemos uma reunião obrigatória da equipe, o que significa que eu tinha que estar aqui mais cedo, então as garotas estão vindo sozinhas. Odeio isso. Queria buscá-las e lhes mostrar o estádio antes que ele começasse a encher. Da próxima vez, vou fazer acontecer, porque definitivamente haverá uma próxima vez.

— Por que está olhando para o seu telefone? — Drew pergunta, inclinando-se sobre o meu ombro.

— Nada, cara. Ris disse que ia me mandar uma mensagem quando chegasse aqui e até agora nada.

— Tenho certeza de que ela vai estar aqui — diz ele, tomando seu lugar ao meu lado na frente de seu armário. — Como estão indo as coisas? Sinto que você nunca mais sai com a gente. Nos jogos fora, você corre de volta para o quarto e, quando estamos em casa, você também não sai.

— Não poderia ser melhor — digo a ele honestamente. — Sou louco por ela, por elas.

Ele assente.

— Vou ter que pedir à Larissa permissão para você sair com os meninos? — ele brinca.

— Não. Não preciso de permissão. Preferiria estar com elas agora. Viajar leva toma muito tempo e, quando ficamos longos trechos na estrada, será difícil ficar longe delas.

— Ela amarrou você. — Ele sorri.

— Ambas amarraram. — Assim que as palavras saem da minha boca, meu celular vibra e uma foto de nós três que tiramos no zoológico ilumina minha tela. — Ei, querida, vocês estão aqui?

— Sobre isso — ela suspira, — não podemos ir.

— O quê? Por quê? O que está acontecendo? — atiro perguntas. Eu estava realmente ansioso para elas virem hoje.

— P não está se sentindo bem. Ela estava reclamando de sua garganta a incomodando na noite passada, então não disse mais nada esta manhã. Pensei que talvez fosse apenas alergia. Começou a ter uma febre baixa há cerca de uma hora. Dei a ela um remédio e ela se aconchegou no sofá assistindo Pocahontas.

— Posso falar com ela?

— Pode.

Eu espero enquanto ela entrega o telefone para Paisley.

— East — ela grita ao telefone, e eu me sinto um idiota por fazê-la falar.

— Ei, princesa. Não diga nada, só queria dizer para você se sentir melhor. Estarei aí logo, assim que meu jogo acabar.

— O-kay — ela murmura.

— Devolva o telefone para a mamãe. — Eu ouço o arrastar enquanto ela dá o telefone de volta para Larissa.

— Desculpa…

— Não se desculpe por ser uma mãe incrível. Odeio que ela esteja doente e eu, preso aqui. Estarei aí assim que o jogo acabar.

— Não precisa fazer isso. Não podemos arriscar que você fique doente. Você viaja na terça por uma semana.

— Mais uma razão para eu estar aí. Preciso vê-la. Vocês precisam de alguma coisa? O que posso levar? — divago com perguntas, antes que ela tenha tempo de respondê-las.

— Eu ia pedir à mamãe para vir ficar com ela para que eu pudesse sair e comprar uns picolés e sorvete.

— Eu levo no caminho para casa.

— Easton, está tudo bem, de verdade. Nós cuidamos disso.

— Sei que você cuida, mas quero ajudar. Só se aconchegue com a nossa garota e eu estarei aí em breve.

— Ok. Tenha um bom jogo.

— Obrigado, querida.

Terminamos a chamada e o desejo de correr para fora do estádio e para elas é forte. Tão forte que aperto o celular na mão, uma guerra dentro de mim. Sei que é apenas uma dor de garganta, mas ela nunca esteve doente, não desde que eu entrei na parada e… realmente não sei. Apenas sinto que elas precisam de mim.

— Você está bem? — Drew pergunta.

— Paisley está doente, dor de garganta e um pouco de febre. Elas não vão vir.

— Que merda.

— É — digo, ainda segurando meu celular.

Apoiando os cotovelos nos joelhos, olho para minhas chuteiras. Como os caras das famílias lidam com essa merda?

Meu celular vibra na mão. Levantando a cabeça para ver quem é, sorrio quando vejo o nome de Larissa.

Larissa: Estamos bem aqui, Easton. Se concentre no jogo.

Larissa: Acabe com os Badger.

Larissa: Assistiremos você na TV.

Ela me conhece bem o suficiente para saber que eu estava pensando em dizer foda-se o jogo para ir até elas. Parece ridículo até para mim. É uma dor de garganta. Ela sabia que eu precisava ouvir.

Eu: Leitora de mentes?

Larissa: Leitora de Easton.

Eu: Ha ha. Vejo você em breve, baby.

Larissa: Estaremos aqui.

Guardando meu celular no meu armário, termino de me vestir para o jogo. Quanto mais cedo começar, mais cedo terminará, e eu posso ir para minhas garotas. Isso é algo que nunca pensei que sentiria quando se tratava de beisebol. O beisebol tem sido minha vida desde que eu era criança. Larissa e Paisley mudaram minha perspectiva de vida. Tenho uma ótima vida e investi bem. Estou pronto para a vida. Amo o esporte, mas eu as amo mais.

Congelo.

Adoro-as.

Amo-a. Eu disse a Paisley que a amava porque ela é uma criança fofa e é difícil não amar, mas é mais do que apenas fofa. Eu a amo. É que eu quero ser o homem de quem ela depende. Quero ser a figura paterna em sua vida. E a mãe dela, Larissa, é a única que quero. Meu coração a quer. Minha alma a quer. Cada parte de mim a quer.

Eu amo minhas garotas.



CAPÍTULO 26

Larissa

Paisley já tinha apagado antes de o jogo começar. Eu o gravei, embora tenha assistido. Talvez ela e East possam assistir juntos mais tarde. Sei que ele está ensinando sobre as posições e as regras do jogo. A atenção dela é curta, mas isso não parece detê-lo.

Uma vez que o jogo termina, eu dobro as duas levas de roupa que lavei, sequei e, em seguida, as ignorei, pois não queria perder um vislumbre de East. Estou terminando de guardar as roupas quando ouço sua batida suave na porta. Com um olhar para o sofá para ver que P ainda está dormindo, corro até a porta para abrir para ele.

Fico chocada com o que encontro. Easton Monroe, o primeira base do Tennessee Blaze, está na minha varanda. Claro, ele é o meu Easton também, mas, agora, ele está em seu uniforme sujo e empoeirado, segurando uma sacola de compras em cada mão.

— Ei — digo, recuando para que ele possa entrar.

— Como ela está?

— Adormecida. Preciso acordá-la em poucos minutos para lhe dar mais remédio para a febre.

— Nós a levaremos para o pronto-socorro? — ele pergunta.

Eu luto contra o meu sorriso por sua preocupação. Ele é tão ridiculamente doce.

— Não, vou ligar para ela ir ao pediatra amanhã. Contanto que o medicamento mantenha a febre baixa, deve ficar tudo bem. Também ajudará com a dor.

— Comprei tudo que achei que ela pudesse querer. Se esqueci alguma coisa, posso sair de novo.

— Que tal um banho? Poderia ter feito isso no estádio, sabia?

— Não havia tempo, eu queria chegar aqui.

— Pelo menos tem uma muda de roupa com você?

— Sim, minha bolsa está na minha caminhonete.

Levo um minuto para olhá-lo. Ele está uma bagunça suada, empoeirada e linda.

— Você entrou na loja assim? — pergunto.

— Sim, se tivesse pensado, teria mandado alguém para fazer isso durante o jogo. Então poderia ter chegado aqui antes.

— Easton — digo, estendendo a mão e descansando-a contra seu peito. — Estamos bem. Ela está bem. Ela está doente, mas as crianças ficam doentes.

— Não a nossa — diz ele inflexivelmente.

Fico boquiaberta com sua resposta. Tento falar, mas as palavras simplesmente não vêm. Tento de novo, mas não tenho a chance quando a voz rouca de Paisley chama não por mim, mas por Easton.

— East — ela coaxa suavemente. Posso ouvir a angústia em sua voz.

Easton arranca suas chuteiras e passa correndo por mim para o sofá.

— Ei, princesa — ele sussurra. Com as sacolas ainda nas mãos, ele se inclina para a frente e as coloca na mesa. — Eu trouxe sorvete e picolés, todos os tipos de coisas que podem fazer sua garganta melhorar. — Ela abre a boca para falar e ele a silencia. — Shh, P, apenas aponte para o que quer e eu vou pegar para você.

Vejo quando ela aponta para um picolé e ele faz um rápido trabalho de mostrar os sabores, então ela aponta para o que quer. Ninguém nunca se importou com ela além de mim e minha mãe. Fico com um nó na garganta de observá-lo com ela. Ele é gentil e eu posso ver a preocupação em seu rosto. Ele não está acostumado com crianças. Sei que ele tem uma irmã que é um pouco mais nova que ele, mas posso imaginar que ele não prestava muita atenção nela quando era criança. No entanto, aqui está ele, cuidando da minha filha como se fosse de sua natureza. Como se ela fosse realmente dele.

— Coma seu picolé enquanto vou tomar banho correndo. Então podemos relaxar, ok? — Ela balança a cabeça para cima e para baixo quando ele termina de falar. Inclinando-se, ele beija a testa dela. — Já volto.

De pé, ele caminha em minha direção.

— Olá, baby. — Ele beija o canto da minha boca. — Deixe-me tomar um banho e você pode fazer uma pausa. — Ele me dá outro beijo rápido antes de sair correndo pela porta para pegar sua bolsa.

Não me preocupo em corrigi-lo dizendo que não preciso de descanso. Paisley dormiu a maior parte do dia, mas o fato de ele querer significa alguma coisa. Significa tudo. Quando ele está aqui conosco, ele não é Easton Monroe, o jogador de beisebol. É o nosso East. É o homem que nós duas adoramos.

Enquanto Easton toma banho, pego um par de toalhas de papel. Uma eu molho, a outra deixo seca, e volto para a sala de estar.

— Use isso para suas mãos. — Entrego a toalha de papel molhada para Paisley. Seus lábios e língua estão vermelhos do picolé de cereja. Suas mãos também.

Estou me sentando na cadeira quando Easton volta para a sala. Seu cabelo ainda está molhado do banho, e ele está de shorts de ginástica e uma camiseta. Caminha até o sofá e se senta, puxando as pernas de P em seu colo.

— É gostoso? — ele pergunta.

Ela acena com a cabeça.

— Bom jogo — digo, afastando sua atenção de Paisley.

— Obrigado. Eu estava distraído e joguei bem mal, mas obrigado.

Meus lábios se contorcem.

— Eu não notei.

— Quero dizer, não foi meu pior jogo, mas minha mente estava aqui, sabe?

— Me desculpe por isso. Não queria que se preocupasse quando nós não aparecêssemos, mas parece que você estava preocupado, independente disso.

— Claro que sim. — Ele quase parece ofendido. — Vocês duas são o que importa, Larissa.

— Terminei — Paisley grunhe.

Saio do meu lugar e ajudo-a a limpar com a toalha molhada, depois limpo o rosto e as mãos com a toalha seca. Sinto a testa dela e ela está quente.

— É hora de mais remédio. Volto já.

— É nojento — eu a ouço gritar para Easton, quando saio da sala.

Quando volto para a sala de estar, Paisley está enrolada no colo de Easton com um cobertor jogado sobre os dois.

— Abra — digo, segurando a colher de remédio para ela.

Ela pega e faz sua careta rosto usual, me deixando saber que não está feliz com isso.

— Agora, vamos assistir a um filme — Easton diz, envolvendo seus braços nela e aconchegando-se a ela.

— Podemos assistir a Cinderela?

— Claro que podemos, menina doce. O que você quiser.

Quero repreendê-lo por mimá-la, mas ela está doente e, honestamente, mesmo que não estivesse, tenho certeza de que iria morder minha língua. Ele é tão bom com ela, tanto que meu coração dói. Ela nunca teve isso, um modelo masculino, e está absorvendo o tempo com ele como uma esponja. Ainda tenho a preocupação no fundo da minha mente, mas, vendo-a com ele, e ele com ela, de jeito nenhum posso negar isso a ele.

Vasculho os DVDs e encontro Cinderela, colocando-o no DVD player e pegando o controle remoto.

— Venha cá, baby.

Easton dá um tapinha na almofada ao lado dele, onde ainda está com Paisley no colo. Eu vou de bom grado e me enrolo ao lado dele. Sinto seus lábios pressionados no topo da minha cabeça e contenho um sorriso. Neste momento, não posso pedir mais. Bem, talvez, para P se sentir melhor, mas nós três assim… é tudo.



CAPÍTULO 27

Easton

— Ei, cara, vamos sair para tomar café da manhã. Você vem? — Fisher pergunta.

— Não, mas obrigado.

— Você está todo domesticado e um merda. Não pode sair com seus amigos?

— Hoje não. Larissa está exausta. Ela pegou três turnos extras esta semana porque um de seus colegas de trabalho está doente. Paisley teve dois jogos, para recuperar o atraso com as datas da chuva há algumas semanas, o que significa que todas as cinco noites desta semana ela ou sua mãe tiveram que levá-la para um jogo ou treino. Eu estava fora da cidade e não pude ajudar, então vou lá para ver o que posso fazer.

— Ela faz tudo sozinha? — Carr pergunta, entrando na conversa.

— Sim, quero dizer, a mãe dela ajuda, mas, fora isso, é tudo Larissa.

— Onde está o pai? — Fisher pergunta.

— Morto no cumprimento do dever.

— Porra — Drew murmura baixinho.

— É, ela não pede ajuda, mas está recebendo.

— Avise-nos se pudermos ajudar.

— Obrigado, cara. Falo com vocês mais tarde.

Pego minha bolsa e vou para minha caminhonete. Ficamos na estrada esta semana por sete dias. Esta manhã foi uma curta reunião de equipe e treino, e estamos de folga até o jogo no domingo. Não demoro muito para chegar na casa dela. Quando ando até a porta da frente, ouço Paisley chorando e Larissa dizendo para ela ir para o quarto dela. Rapidamente, bato na porta e ela abre alguns minutos depois para uma Larissa descabelada.

— Ei — diz ela, recuando para me deixar entrar.

— Você está bem?

— Sim, apenas tentando fazer as coisas. Paisley está meio barulhenta hoje.

— Eu a ouvi chorando.

Ela suspira, seu ombro caindo na derrota.

— É, ela insiste em assistir TV aqui em vez de no quarto dela ou no meu, e tem que assistir alto o suficiente para ter certeza de que a minha mamãe consegue ouvir na casa dela. Tive que pedir repetidamente para ela desligar. Tenho um artigo para ser entregue às seis da tarde e preciso me concentrar.

Abro os braços e ela entra neles. Eu a seguro perto, minha mente correndo para ver o que posso fazer para ajudar. É quando tenho uma ideia.

— Vá pegar o seu computador e o que precisa. Você vai para a minha casa. Sente-se à beira da piscina ou use meu escritório, o sofá, o que precisar. Basta ir e fazer o seu trabalho. Se fizer isso aqui, você só vai pensar em todo o resto na sua lista que sente que tem que fazer.

— Eu estou bem aqui.

— Não. Vá pegar suas coisas. Vou pegar a P, levá-la para guardar alguns brinquedos para mais tarde, mas, por enquanto, ela e eu vamos a um encontro.

— Um encontro? — ela pergunta. Seus olhos, embora cheios de estresse, ficam apenas um pouco mais brilhantes com minhas palavras.

— Um encontro — digo novamente. — Você vai para a minha casa e esqueça o trabalho, a lavanderia e o que mais estiver preocupando essa linda cabecinha. A geladeira está cheia. Você vai e faz o seu dever. Quando terminar, tire uma soneca, dê um mergulho, não me importo. P e eu estaremos em um encontro.

— Easton — diz ela, mas eu a paro colocando meu dedo sobre os lábios.

— Deixe-me fazer isso. Deixe-me cuidar de você. É disso que você precisa, Ris. Hora de pensar e fazer seus trabalhos da faculdade.

— Apenas umas duas horas focada e eu termino tudo.

— Boa. Depois pode tirar o resto do dia para você. Relaxe, entre na banheira, leia um livro, faça uma pedicure, o que quiser. Eu cuido da P. Nós nos encontraremos de volta na minha casa hoje mais tarde.

Ela abre a boca e fecha novamente. Quando finalmente encontra suas palavras, fico chocado quando ela diz:

— Não sei o que faria sem você.

Beijando sua testa, sussurro:

— Nunca vai ter que descobrir. — Soltando-a, vou para o quarto de Paisley. Eu a encontro em sua cama com os braços cruzados e uma carranca no rosto. — O que há, princesa?

— Mamãe gritou comigo.

— Ela gritou? — Ajo como se não fizesse ideia do que está acontecendo.

— Sim — diz ela com raiva.

— Sabe de uma coisa?

— O quê?

— Mamãe está tendo um dia ruim. Você já teve dias ruins?

— Como quando vovó diz que não posso comer mais biscoitos e eles são muito, muito bons?

Luto contra meu sorriso.

— É. Isso faz você ficar chateada e faz com que tenha um dia ruim. As mamães também passam maus dias. — Eu me sento na cama dela. — Tenho uma ideia. Mamãe está trabalhando muito duro esta semana, pegando turnos, e tem muito trabalho da faculdade. Que tal você e eu passarmos o dia juntos? Deixe a mamãe ter a casa só para ela. Vai ser bom e tranquilo para que ela possa se concentrar.

— Ela me disse para ficar quieta.

Assinto.

— Às vezes, quando você está realmente se esforçando para se concentrar em algo, precisa de silêncio.

— Aonde vamos?

— Ainda não tenho certeza. Vamos pegar uma mala com alguns brinquedos e uma muda de roupa, só por precaução. Vamos nos divertir e encontrar a mamãe na minha casa hoje mais tarde.

— Podemos nadar?

— Claro, P, apenas certifique-se de pegar seu maiô. Você precisa de alguma ajuda?

— Não. Tenho quase cinco anos. — Ela ergue cinco dedos.

— Isso mesmo, seu aniversário está chegando. Vá buscar uma mala. Estarei na sala conversando com a mamãe.

— Ok! — ela diz animadamente, pulando da cama.

Eu a observo até saber que ela pode alcançar sua bolsa, que fica na parte de baixo do armário, e depois deixo-a terminar de guardar as coisas.

— Pelo visto ela está animada. — Larissa afirma.

— Com certeza. Está fazendo uma bolsa com brinquedos, seu traje de banho e uma muda de roupa. Você deveria fazer o mesmo antes de ir para minha casa.

Ela acena com a cabeça.

— Obrigada, Easton. Estou falhando com o papel de mãe esta semana.

— Ei. — Levanto seu queixo com o dedo indicador para poder olhar para ela. — Não está falhando, baby. Você está estressada. Trabalhou muitas horas esta semana e a escola está agitada. Não há problema em pedir ajuda. Estou aqui agora. Não precisa fazer isso sozinha.

Sua resposta é ficar na ponta dos pés e pressionar seus lábios nos meus.

— Pronto — diz Paisley, arrastando a bolsa cheia pela sala de estar.

— Venha aqui, P — Larissa a chama. — Mamãe está arrependida por ter gritado. Vai me perdoar?

— East disse que você estava muito, muito ocupada e precisava de calma, então vamos sair — explica ela, como se o incidente anterior nunca tivesse acontecido. Essa garota é uma estrela do rock.

— Seja uma boa menina para o East, ok?

— Vou ser. — Ela se vira e coloca a mão na minha. — Pronto? — ela pergunta, pulando na ponta dos pés.

— Pronto. — Eu a pego e a coloco no meu quadril. Agarrando sua bolsa, eu a atiro no ombro oposto. — Vejo você em breve, Ris.

Beijo seus lábios rapidamente, o que faz Paisley dizer:

— Beijo! Eca!

E nós dois damos risada.

Com mais uma rodada de abraços e despedidas, pude deixar Paisley presa em seu assento e saímos.

— O que você quer fazer hoje? — Olho rapidamente no espelho retrovisor.

— Humm. — Ela bate o dedo indicador no queixo. — O que você quer fazer?

— Podemos fazer qualquer coisa. O que você faz com sua mãe?

— Costumamos ir ao supermercado ou ao parque. Às vezes, vamos comprar roupas. Nós vamos em breve. Mamãe diz que preciso de sapatos novos.

— Que tipo de sapatos?

— O tipo que você amarra. Não sei como amarrar ainda, mas meus outros estão tão pequenos que machucam meus pés. Não preciso deles até esfriar — explica ela, algo que tenho certeza de que Larissa disse.

— Bem, então, que tal irmos ao shopping e comprar alguns sapatos?

— Tudo bem — ela concorda. — Podemos comprar um cookie daquele lugar que cheira muito bem. Às vezes mamãe e eu paramos lá. Nem sempre, mas eles são tão, tão bons — diz ela,

tentando me convencer.

O que ela não percebe é que eu preciso de zero convencimento. De jeito nenhum posso dizer não para ela.

— Vamos aos cookies então.

Ela enche o resto do caminho para o shopping com tagarelice. Tem mais um jogo para sua temporada de T-Ball e seu aniversário é em duas semanas.

— O que você quer de aniversário? — pergunto, enquanto a ajudo soltando seu cinto do assento do carro.

— Um monte de coisas. — Ela sorri enquanto eu a coloco no meu quadril. Claro, ela pode andar, mas não será tão pequena assim para sempre.

— Que tipo de coisa?

— Quero uma boneca americana. Elas se parecem comigo, e nós podemos conseguir roupas combinando e tudo, mas elas custam muito dinheiro. Ah, e construir um urso. Mamãe diz que um dia faremos isso também.

— O que é construir um urso?

— East, é muito, muito divertido. Você pode montar o seu próprio urso. Consegue fazer tudo sozinha e comprar roupas e outras coisas.

— Onde fica esse lugar de construir ursos?

Ela ri.

— É aqui, bobo.

— Bem, tudo bem então. Mas, primeiro, vamos comprar seus sapatos.

— Mamãe não compra meus sapatos aqui. Nós compramos no Walmart.

— Bem, hoje vamos comprar no shopping.

Meu coração aperta meu peito por essa garotinha e sua mãe incrível. Larissa rala para cuidar de Paisley e tenho certeza de que, às vezes, se esquece dela mesma. Não mais. Eu quero cuidar de ambas. Quero fazer com que Larissa não tenha que trabalhar tanto para poder passar mais tempo com sua filha. Quero que Paisley tenha os brinquedos que todas as outras crianças têm, os sapatos que elas têm.

— Tudo bem — ela concorda, nada mais sábio.

Na primeira loja em que entramos, eu a conduzo aos sapatos das menininhas, e ela vê um par de Nikes brancos com rosa.

— Oh, esses são muito bonitos — diz ela.

— Você gosta?

— Sim — diz ela, com os olhos arregalados.

— Posso te ajudar, senhor? — um dos atendentes da loja pergunta.

— Sim, precisamos medi-la para ver qual é seu tamanho.

— Com certeza. — Ele mede o pé dela, e pedimos para ele os Nikes cor-de-rosa do tamanho dela. — Aqui está — diz ele, entregando-me a caixa.

Coloco P no banco e tiro sua sandália.

— Coloque essa meia enquanto eu arrumo os cadarços.

— Ok. — Ela pega a meia e, com um olhar de pura concentração no rosto, ela a coloca no pé. — Coloquei — ela me diz.

— Ótimo trabalho, princesa. Agora vamos provar este tênis. — Coloco no pé dela e amarro. — Pode andar para mim, para que possamos ver como eles estão?

Ela balança a cabeça, sai do banco e sobe e desce a fileira de sapatos.

— São macios — diz ela.

— Gostou? Podemos continuar procurando.

— Não, gostei muito deles.

— Tudo bem, venha aqui e deixe-me ver onde está o seu dedo.

— East — ela ri alto —, meus dedos estão no lugar. — Ela ri.

— Venha aqui, risadinha. — Quando ela está em pé na minha frente, verifico os dedos dos pés, e está certo. — Podemos trocar esses por um tamanho maior? — pergunto ao atendente.

— Por que estamos fazendo isso? — ela pergunta. — Esses cabem.

— Porque você vai crescer mais. Quero que consiga usá-los por mais tempo.

— Estou ficando tão grande. No meu aniversário vou ser assim. — Ela levanta a mão, mostrando cinco dedos.

— Eu sei. Cinco anos de idade, você é praticamente uma mulher velha.

— Não, isso é a vovó — ela diz seriamente.

Tenho que morder minha língua para não rir. Depois que pagamos pelos sapatos, paro no diretório do shopping e procuro pelo lugar de construir urso. Não é muito longe da loja de sapatos, então me dirijo para a loja.

— Está sentindo o cheiro dos cookies? — ela me pergunta.

Sorrio para ela.

— Claro. Que tal comprarmos um pouco mais e depois almoçar? Vamos guardar os cookies para a sobremesa.

— Oba! — Ela aplaude. — Podemos levar um para mamãe também?

— Claro, princesa. — Continuamos andando na direção do lugar do urso quando Paisley para e olha para mim. — Está tudo bem? — pergunto a ela.

— Muito obrigada pelos meus sapatos. Esqueci de dizer isso.

— De nada. Vamos ver o que mais podemos encontrar. Vamos comprar algo para a mamãe. Tem alguma ideia?

— Não sei. O que acha?

— Acho que devemos comprar algo de que ela precise, como seus sapatos. Você se lembra de ela dizendo alguma coisa que gostaria de ter?

— Hummm — diz ela, pensando.

— Sapatos ou roupas, algo para a escola?

— Ela estava gritando com seu computador hoje, quando eu estava falando alto. Ele fez alguma coisa com o dever de casa dela.

— O que ele fez?

— Ela disse que congelou. Não sei como isso aconteceu, porque não estava frio quando toquei, mas então a mamãe me disse para não tocar em seu computador. Que ele estava mal das pernas. Eu não lhe disse isso porque ela já estava triste, mas os computadores não têm pernas. Não que eu possa ver. Os computadores têm pernas, East? — ela pergunta.

— Não, essa é uma expressão que as pessoas usam quando algo está prestes a quebrar para sempre.

— Oh. — Sua boca forma um O.

Olhando para cima, acontece de estarmos em frente a uma loja da Apple. Sei que Larissa tem um iPhone, então isso deve funcionar muito bem. Vinte minutos depois, temos um novo computador, com uma capa rosa, que Paisley escolheu, na mão.

— E agora? — ela pergunta.

— Bem, tenho uma surpresa para você. Nessa direção.

Com a mão dela em uma das minhas e as compras na outra, nos dirigimos para a loja do urso. Quando paramos do lado de fora da loja, ela grita.

— East! Podemos entrar, podemos?

— Esta é sua surpresa.

— Eu te amo — diz ela, lançando-se em minhas pernas e envolvendo os braços nelas, apertando-me com força.

Vejo alguns clientes levantando seus celulares para tirar fotos. Seu grito deve ter dado a dica. Ou isso ou alguém de uma das outras lojas deve ter colocado na mídia social que eu estava aqui.

Ignorando-os, guio Paisley para a loja.

— Ok, princesa, vamos construir esse urso.

Passamos algumas horas construindo o urso perfeito e escolhendo acessórios. Optamos por pegar os cookies para viagem e pegar algo para comermos na minha casa. Ela está exausta e não recebo reclamações. Aparentemente, fazer um urso cansa bastante. Fazemos mais uma parada para uma loção e spray corporal Bath & Body Works para Larissa, depois voltamos para casa. Mal saímos do estacionamento e ela já está dormindo.



CAPÍTULO 28

Larissa

Quando Easton saiu com Paisley, tudo que eu queria fazer era me sentar e chorar. Meu laptop, que é tão antigo quanto eu, bem, na verdade não, mas eu o comprei e estava desatualizado na época, continua congelando. Está me levando mais que o dobro do tempo que deveria levar para conseguir terminar as tarefas. Para completar, gritei com minha filha e levei minha frustração para ela. Me sinto tão culpada. Sinto-me culpada por Easton ficar com ela quando eu sou a mãe. Eu deveria ser capaz de lidar com isso, mas esta semana foi dura, e eu apenas… perdi um pouco a paciência.

Precisando sair desta casa antes de eu ficar louca, arrumo meu laptop e livros, em seguida, faço uma mala com meu traje de banho e algumas roupas. Incluo o essencial e algo para Paisley também. Sei que ela fez as malas, mas ela tem quatro anos. É difícil dizer o que colocou dentro. Naquele momento, não me importei. Eu só precisava de um tempo. Odeio esse sentimento. Amo minha filha mais que a vida, mas, caramba, parecia que as paredes estavam começando a desmoronar. Easton apareceu justamente quando precisávamos dele.

Isso me traz ao agora. Estou sentada à mesa da sala de jantar de Easton, meu laptop e livros espalhados, música tocando no meu celular e uma taça de vinho na mão. Hesito antes de beber,

sabendo que preciso dirigir de volta para a casa mais tarde, mas sei que Easton nos deixará ficar aqui ou nos levar para casa. Ele é sólido e confiável e tudo que eu poderia querer em um homem. Isso tornou mais fácil me apaixonar por ele. Pena que sou bem covarde para dizer a ele.

Ouço o portão da garagem abrir e decido que é hora de uma pausa. Meu maldito computador está congelado no mesmo local nos últimos quinze minutos. Tenho que esperar destravar. Então posso digitar um pouco mais. Toda vez que salvo um arquivo ou entro na internet enquanto uso outra guia, isso acontece.

De pé, eu os encontro na porta da garagem. O que vejo derrete meu coração. Easton tem uma Paisley dormindo nos braços, esfregando suas costas enquanto a leva para dentro da casa.

— Olá, baby. Fez seu trabalho? — ele sussurra, levando P para a sala e colocando-a gentilmente no sofá.

— Na verdade, não. Dificuldades técnicas.

— Fiquei sabendo. Acho que tenho uma solução. — Ele para na minha frente, se inclina e pressiona seus lábios nos meus. — Volto logo.

Eu o vejo voltar para a garagem, apenas para voltar com os braços cheios de sacolas.

— O que é tudo isso?

— Fomos às compras. — Ele coloca as sacolas no lado oposto da mesa da sala de jantar de onde estou trabalhando. — Isto é para você. — Ele me entrega uma sacola da Bath & Body Works. — Isto também é para você. — Ele me entrega uma sacola grande da loja da Apple.

— Easton?

— Queria te dar algo que estivesse precisando para facilitar as coisas para você. P disse que você estava gritando com o seu computador. Ela também disse que mencionou que ele estava mal das pernas, mas não queria dizer que os computadores não têm pernas porque você estava triste. — Ele sorri.

— Isto é demais.

Este homem tem um coração de ouro, como poderei pagá-lo pelo que nos deu? Não os presentes, mas o ombro firme para se apoiar, as risadas, os abraços, os beijos. Se eu já não estivesse, seria impossível não me apaixonar por ele.

— Não é. Eu te disse, Larissa, quero cuidar de você. Tenho meios para fazer essas coisas. Que tipo de namorado eu seria se soubesse que você estava se esforçando, gastando mais horas do que o necessário, porque seu computador era uma merda e poderia se dar ao luxo de melhorar? É isso que estou fazendo.

— Você melhora nossas vidas. Não precisa gastar seu dinheiro conosco.

— Anotado, mas vou de qualquer maneira. — Ele estende a mão e cobre minha bochecha. Seu polegar a acaricia suavemente. — Eu me preocupo com você, com vocês duas. Quero fazer isso. Quero ajudar.

Posso sentir as lágrimas se formando.

— Obrigada, vou te pagar…

Ele me interrompe pressionando os lábios nos meus.

Quando finalmente se afasta, sua voz não deixa espaço para discussão.

— Não vai, não. Este foi um presente para você. Minha namorada. — Ele me entrega a sacola novamente. — Agora, abra e configure, então você pode acabar com essa tarefa. Enquanto estiver fazendo isso, mostrarei o que mais compramos.

Eu me sento na cadeira, com a caixa na mão e apenas olho para ele. Isso é realmente a minha vida? Ele me comprou um novo computador.

— Então, P disse que precisava de sapatos novos, mas não até ficar mais frio. Nós fomos e compramos um par para ela. Eu me certifiquei de que eles se encaixam e depois pedi um tamanho maior, para o caso de seus pés crescerem meio rápido. Lembro-me de mamãe fazendo isso com minha irmãzinha, Pepper.

— Easton — respiro seu nome, enquanto as lágrimas pinicam a parte de trás dos meus olhos.

— E isto — ele me ignora —, isto é para você. P e eu pensamos que você gostaria de algo novo que cheirasse bem. — Ele sorri, apontando para a bolsa da Bath & Body Works.

— Eu que escolhi, mamãe — a voz sonolenta de Paisley nos cumprimenta.

Coloco o computador e a bolsa na mesa, esperando que ela venha até mim; em vez disso, ela para ao lado de Easton e levanta os braços para ele. Ele nem hesita em pegá-la e colocá-la em seu quadril. Vejo quando ela descansa a cabeça no ombro dele e ele esfrega as costas dela.

— Está com fome, princesa? — ele pergunta.

— Você comeu todos os cookies? — ela pergunta.

— Eu nunca faria isso — diz ele como se ela o ofendesse. — Que tal eu preparar um jantar enquanto mamãe termina seu trabalho? Você é boa em fazer espaguete?

— A melhor — ela diz a ele. — Mas olhe — ela se vira para mim —, nós construímos o urso. — Ela segura um grande urso marrom para eu ver. — Eu também escolhi suas roupas.

— Está tudo na sacola. — Easton mostra a sacola na mesa.

— Isso é ótimo, P. Você se divertiu?

É uma pergunta estúpida pelo sorriso curvando seus lábios. Posso sentir um pouco da tensão anterior deslizando para longe ao observar os dois. Uma pessoa de fora olhando nunca seria capaz de dizer que ela não é sua filha. O amor que eles têm um pelo outro é palpável.

— Eu me diverti. Mas East disse que cookie é só depois do jantar. — Ela faz beicinho.

— Você realmente disse não? — consigo perguntar por cima do nó na garganta.

— Na verdade, não. Foi mais como sugerir para sobremesa e ela concordou. — Ele coloca P de volta em seus pés. — Por que não vai colocar seu urso na sala de estar? Não queremos que ele fique sujo ou, pior, queimado enquanto estivermos cozinhando.

— Ok. — Ela sai para a sala de estar.

— Larissa — diz ele. Eu olho para cima, pois olhava para meu colo. — Vocês são minhas garotas. — Ele diz isso de maneira tão simples, como se essas três palavras não fizessem meu coração sentir como se pudesse saltar do meu peito. — Quero cuidar de vocês. Posso fazer isso, então, por favor, me deixe. Amei meu tempo com ela hoje, vendo seu rosto se iluminar. Adoro saber que comprar esse computador vai facilitar sua vida. Deixe-me fazer isso.

Uma lágrima escorre pela minha bochecha.

— O-obrigada, Easton.

— É um prazer, baby. — Ele beija minha testa. — Agora, vou fazer o jantar para nós, com a princesa Paisley como minha assistente, enquanto você configura seu novo laptop e termina o que precisa fazer.

— Pronto — diz Paisley, saltando e agarrando sua mão.

— Vamos fazer isso. — Ele a pega em seus braços e pula com ela para a cozinha.

Tomo um minuto para recuperar o fôlego, para controlar minhas emoções antes de abrir a caixa e tirar o laptop. É melhor do que qualquer outro que já tive. Easton Monroe mudou minha vida. Ele me apoia. Está lá para mim e para minha filha. Estou loucamente apaixonada por ele e acabei por deixar escapar. Não quero dizer a ele que o amo depois que ele gastou um monte de dinheiro comigo e com minha filha. Quero que seja o momento certo. Além disso, há uma parte de mim que se preocupa que seja cedo demais. Que, embora eu saiba que ele se importa comigo, pode não estar onde estou. Vou guardar para mim mesma um pouco mais, só para ficar em segurança.



CAPÍTULO 29

Easton

VIAJO HOJE POR UM PERÍODO DE CINCO DIAS. EMBORA SEJA MEU TRABALHO COMO JOGADOR DE beisebol profissional, seja a regra e o que faço, desta vez realmente não quero ir. Nos últimos dois meses, desde que Larissa e Paisley se tornaram permanentes na minha vida, pensei nisso antes de cada viagem. Esta aqui é diferente. Está me matando saber que não vou estar aqui esta semana.

É aniversário dela.

Minha princesa faz cinco anos no sábado e não vou estar aqui.

Quando se tem um emprego como o meu, você aceita que há coisas que vai perder. Aniversários, feriados… caramba, alguns dos caras perdem até a chance de ver seus filhos nascerem. Eu sabia disso, e com meus pais e minha irmã, isso era uma droga, sentia falta daquelas ocasiões com minha família, mas nunca tive a sensação de que eu estava realmente perdendo profundamente. Não como hoje.

Não quero ir.

Quero ficar aqui.

Larissa se ofereceu para adiar a festa de Paisley, que são alguns de seus amigos da equipe do T-ball que vêm para os jogos, além de bolo e sorvete. Eu disse a ela para não fazer isso. Não é justo para Paisley ou Larissa. Ela já tem tudo planejado e é o seu fim de semana de folga.

Odeio não poder estar aqui, e ainda tenho que contar para Paisley. Não sei como ela vai receber a notícia, mas estou a caminho da casa delas agora para contar. Também vou dar a ela todos os presentes que comprei. Talvez tenha ido um pouco além, porque sabia que não seria capaz de estar com ela em seu dia especial. Larissa vai me matar quando vir exatamente o que fiz.

Entrando na garagem, saio do caminhonete e pego a caixa grande e as duas sacolas de presente. Vou ter que voltar para pegar o presente que está na parte de trás da caminhonete. Na verdade, acho que vou deixá-la desembrulhar ali mesmo.

— East! — Paisley abre a porta da frente e seus olhos se arregalam. — O que são essas coisas?

— Você deveria estar atendendo a porta sozinha? — pergunto a ela.

— Não, ela não deveria — diz Larissa, alcançando-a na porta.

— Princesa, você sabe que é perigoso.

— Eu sei, mas te vi na janela e senti tanto a sua falta. — Ela bate os longos cílios para mim e eu quero ceder, mas a segurança dela é importante.

Colocando as sacolas e a caixa no balanço, me inclino para o nível dela.

— Entendo e também senti sua falta. Sabe o quanto meu coração doeria se algo acontecesse com você? Sabe o quanto sua mãe e eu sentiríamos sua falta?

Seus olhos se enchem de lágrimas.

— Sinto muito. — Seu lábio inferior treme.

— Venha aqui. — Eu a puxo em meus braços e a abraço com força. — Não estou bravo com você, Paisley, mas estaria se algo acontecesse com você. Mamãe e eu ficaríamos muito tristes se você fosse ferida ou levada de nós.

Ela balança a cabeça e funga.

— Isso é para mim? — ela pergunta.

Mordo meu lábio para não rir. Sei que ela tem quatro anos, quase cinco, e não entende os perigos, mas espero que pense duas vezes antes de abrir a porta novamente sem um adulto com ela.

— São — digo a ela.

— Mamãe, você viu? — Ela aponta para o balanço.

— Eu vi — diz Larissa. — Por que você não entra e nós podemos trazê-los para dentro.

— Ok, mas depressa — diz ela, correndo para a casa.

— Sério, Easton? — Larissa pergunta.

— O que foi? — Me finjo de burro.

— Você a está mimando.

— Eu sei. — Sorrio.

— O que vai acontecer quando ela começar a esperar isso, e eu não puder fazer acontecer? Sou mãe solteira com uma renda pequena.

— Você também tem um namorado muito rico que gosta de mimar vocês duas. — Eu me inclino para um beijo, mas ela vira a cabeça, me dando sua bochecha.

— É demais. Você acabou de levá-la às compras e comprou sapatos e um urso, que ela ama loucamente.

— Que bom. Espero fazer mais disso. Para ambas. — Coloco meu braço em volta da sua cintura e a trago para o meu abraço. — Olha, estou chateado por não estar aqui no sábado. Queria compensar. Tenho que dar a notícia para ela que não posso vir, e isso está me matando. Além disso, ela é minha princesa — digo, beijando seu pescoço.

— Tudo bem — ela resmunga. — Mas precisamos conversar sobre como você a mima. Precisa se conter um pouco, senhor.

Com uma mão nas minhas costas, eu cruzo os dedos.

— Vamos conversar — concordo, sem falar sério. Nada do que ela disser me impedirá de dar a elas o mundo, ou pelo menos me impedir de tentar. — Paisley — grito, e ela corre para a porta. Seu nariz está apertado contra a tela, e o sorriso em seu rosto é contagiante. — Eu queria saber se você sabe de alguém que está fazendo aniversário em breve.

— Eu, oh, eu. — Ela salta para cima e para baixo.

— Venha aqui. — Ela não perde tempo abrindo a porta de tela e se inclinando para perto de mim. — Preciso te contar uma coisa.

— Tudo bem — diz ela.

Sento-me nos degraus e ela sobe no meu colo.

— Parto amanhã por uma viagem que vai durar a semana toda. Sabe o que isso significa?

— Você tem que jogar beisebol. Tem certeza de que é trabalho? — ela pergunta.

Jogo a cabeça para trás e rio.

— Sim, princesa, é trabalho. Eles me pagam para jogar.

— É isso que eu quero fazer quando crescer.

— Você pode ser o que quiser — digo, beijando o topo de sua cabeça. — Também significa que não poderei estar aqui no sábado, para comemorar seu aniversário. — Seu lábio treme e eu corro para dizer mais. — Mas achei que hoje poderíamos fingir que era seu aniversário e isso o torna super especial, porque somos apenas nós três, o que significa que terei as duas só para mim. É como meu presente.

— Mas vou sentir sua falta — ela sussurra.

— Eu sei, docinho. Irei sentir sua falta também. Às vezes, os adultos têm que fazer coisas que não querem. Se eu pudesse ficar em casa com você e sua mãe, ficaria, mas este é o meu trabalho e tenho que ir.

— Não se preocupe, East. — Ela coloca as mãos pequenas em cada uma das minhas bochechas. — Mamãe pode gravar o jogo e eu posso ver você. Ainda vou te amar se perder minha festa.

Beijo o nariz dela e a abraço com força.

— Amo você, Paisley Gray. Você é uma garotinha especial.

Ela acena com a cabeça.

— Isso é o que mamãe diz também.

Olho para Larissa, e ela está tremendo com risadas silenciosas enquanto lágrimas não derramadas brilham em seus olhos.

— Certo, então tenho alguns presentes para a aniversariante.

Ela se agita no meu colo, mal conseguindo conter sua empolgação.

— Posso abrir?

— Claro. Mas tem que abrir a caixa primeiro — digo a ela, ajudando-a a sair do meu colo.

Ela corre para o balanço e rasga a caixa. Seu grito reverbera, me fazendo estremecer. Os vizinhos provavelmente estão se perguntando o que diabos está acontecendo aqui.

— East! Eu a amo tanto, e ela se parece comigo.

— Ela parece. Quer saber qual é o nome dela? — pergunto. Ela acena com a cabeça. — O nome dela é Maisley. — Dou uma piscadinha.

— Assim como a história! — Ela aplaude e arrasta a caixa do balanço para mim. — Pode me ajudar?

— Posso, mas, antes de tirá-la, por que não abre o resto dos presentes?

Ela corre de volta para o balanço e rasga os sacos. Entre as duas sacolas, há oito roupas, quatro para ela e quatro para sua boneca americana, para que possam combinar. Me empolguei um pouco.

— Mamãe, olha! — Ela segura cada roupa. — Eu e Maisley podemos combinar.

— Estou vendo. Pode agradecer a Easton?

Ela deixa cair a roupa na varanda e corre para mim. Seus braços envolvem meu pescoço e ela aperta com o que imagino ser toda sua força.

— Muito obrigada, East. Você é meu melhor amigo.

— De nada, princesa. Tenho mais um para você. Está pronta?

— Não estou vendo mais nenhum — diz ela, olhando em volta.

— É porque ainda está na minha caminhonete. Venha aqui.

Eu a pego no colo e estendo a mão para Larissa. Quando chegamos à parte de trás da minha

caminhonete, os olhos de Paisley se arregalam.

— O que é isso? — ela sussurra.

— Não sei. Vai ter que desembrulhar e descobrir.

Puxando a tampa do bagageiro, levanto-a para a traseira da caminhonete e digo a ela para fazer isso. Puxo Larissa para perto de mim e envolvo meus braços ao redor dela.

— Você exagerou — diz ela, descansando a cabeça e as mãos no meu peito.

— Não, só queria que fosse especial para ela.

— Casa de bonecas! — Paisley grita. — Eu queria tanto, tanto uma, oh, obrigada. — Ela salta para cima e para baixo, fazendo a caminhonete tremer.

— Cuidado, P — grita Larissa. — Como você sabia? — ela me pergunta.

— Eu não sabia. Só lembro de ter visto o quarto dela, e que ela não tinha uma. Quando fui à loja e pedi um bom presente para uma menina de cinco anos, a balconista foi prestativa dizendo que sempre desejou uma casa de bonecas quando tinha essa idade, mas eram caras demais. Eu a fiz mostrá-las para mim e, assim que a vi, soube que era perfeita.

— Obrigada, Easton.

— Qualquer coisa para minhas meninas. — Beijo a têmpora dela.

— Tudo bem, P, vamos levar sua boneca e as roupas para casa. — Ela se vira para mim. — Precisa de ajuda com isso?

— Não, eu consigo. Vou ficar bem.

Depois que colocamos tudo dentro e o papel foi jogado fora, Larissa e eu nos aconchegamos no sofá enquanto Paisley brinca com a casa de bonecas no canto da sala de estar. Ela insistiu em deixá-la ali. Estava animada demais para esperar encontrar um lugar em seu quarto. Foi o dia perfeito com minhas garotas. Espero que possamos repetir quantas vezes for possível.



CAPÍTULO 30

Larissa

Demorei mais de uma hora para convencer Easton de que eu poderia dirigir sozinha para o estádio. Ele queria que Paisley e eu fôssemos com ele. No entanto, manter minha filha de cinco anos ocupada por esse período é um desafio, no mínimo. Ele finalmente cedeu, contanto que eu prometesse ligar para assim que chegássemos. O que me faz pegar o celular assim que estacionamos.

— Chegaram? — ele atende.

— Sim, acabamos de entrar.

— Ok, estão no estacionamento dos jogadores, com o passe que dei a você?

— Estamos.

— Perfeito, vá para a porta lateral. Haverá um segurança lá. Estou a caminho para pegar vocês.

— Não precisa.

— Baby, estou a caminho — diz ele, desligando.

— Era o East, mamãe? — Paisley pergunta.

— Claro que sim. Ele vai nos encontrar na porta.

Paisley aplaude e se solta do assento do carro. Depois de pegar minha bolsa, que contém alguns brinquedos para a Srta. P, e certificar-me de ter meu celular e minhas chaves, tranco o carro e vamos para a porta. East está lá nos esperando.

— Aí estão minhas meninas — diz ele, dando-me um beijo rápido, em seguida, levantando Paisley em seus braços e beijando-a no rosto também.

— Você nos encontrou — diz Paisley, feliz.

— Claro que sim. Está pronta para me ver jogar?

— Sim, e meus outros amigos também. Você disse a eles que eu estava aqui? — ela pergunta, falando dos outros jogadores que conhecemos.

— Não falei, mas vou. — Ela balança a cabeça como se estivesse feliz com essa resposta. — Estou com seus ingressos — ele me diz. — Você vai ficar sentada com a Carol. Ela é a esposa de Mark, que é nosso arremessador. Ela é superlegal e prefere se sentar na arquibancada, onde a ação acontece.

— Obrigada. Tenho certeza de que ficaremos bem.

— Vou te levar até onde vai ficar. Depois preciso voltar. — Ele se inclina e beija minha bochecha. — Você fica bem com o meu número nas costas.

Eu coro.

— East, tudo bem. Você não quer lidar com os fãs. Consigo encontrar nossos lugares por conta própria. — Ignoro o comentário dele, não há muito que possamos fazer sobre isso em um estádio lotado.

— Tem certeza? — ele pergunta, deslizando a mão em minha nuca e me puxando para um beijo, fazendo com que Paisley, que ainda está em seus braços, ria.

— Boa sorte hoje. — Eu o beijo mais uma vez. Desta vez apenas um rápido beijo nos lábios.

— Boa sorte — diz Paisley, beijando sua bochecha.

— Minhas meninas estão aqui, vai ser um bom jogo. — Ele coloca P de volta no chão e nos guia para dentro. — É aqui que nos separamos. Me ligue se precisar de alguma coisa.

— Oh, quer dizer enquanto está em campo fazendo seu trabalho? — pergunto-lhe. — Estamos bem, East. Não se preocupe conosco. Apenas vá e faça um bom jogo. Estaremos aqui quando acabar.

— Eu amo isso — diz ele baixinho. — Amo que vocês duas estão aqui e estarão quando o jogo terminar.

— É porque amamos você, bobo — Paisley diz.

— Eu também te amo, princesa. — Ele disse essas mesmas palavras para ela antes, mas toda vez isso faz com que meu coração balance no peito. Sei que ele sente isso. Posso ver em seus olhos e ouvir em sua voz. Ele ama minha filha verdadeiramente. Então, novamente, talvez seja só eu. Talvez mais do meu coração esteja envolvido nele.

Encontramos nossos lugares com bastante facilidade e, assim que nos sentamos, a loira na cadeira ao lado de Paisley se vira em seu assento.

— Você deve ser Larissa. — Ela estende a mão. — Sou Carol. Prazer em conhecê-la.

— Sim, prazer também.

— Eu sou Paisley. — Minha filha estende a mão, e Carol ri.

— Ouvi muito sobre você, Paisley. Também é um prazer te conhecer.

— Você me conhece?

— Easton não para de falar sobre você — ela diz a ela.

— Oh, sim, ele me ama. — Ela diz isso tão indiferentemente que você tem que sorrir.

— Está pronta para o jogo? — Carol pergunta a ela.

— Sim. Meu East vai ganhar — diz Paisley.

— Desculpe — digo a Carol. — Ela é muito apegada com ele.

— Ela é a única? — Carol sorri timidamente. — Desculpe, estou passando do limite, mas já o conheço há um tempo e ele está bastante apaixonado.

— Ele não é o único — admito assim que somos instruídas a levantar para o hino nacional.

Uma vez que os jogadores são anunciados e o primeiro arremesso é lançado, Paisley pula em seu assento, torcendo por Easton e o Blaze.

No começo do sétimo turno, minha filha se volta para mim com uma expressão séria no rosto.

— Mamãe, o East pode ser meu pai?

Congelo com a pergunta dela, sem saber como responder. Carol me olha e me dá um sorriso caloroso, deixando-me saber que ela a ouviu.

— Querida, não é tão simples assim.

— Mas ele nos ama, e é isso que os pais fazem. Eles amam você e sua mãe.

Minha doce menina.

— Isso é verdade, mas esse tipo de coisa leva tempo. Seu pai biológico está no céu, o que não facilita muito as coisas.

— Claro que sim. Vou perguntar a ele.

Não sei mais o que dizer, então deixo para lá. Só quando chega o final do nono, em que East está parado do lado de fora do dugout, onde temos uma visão clara, que percebo que deixar para lá não era a melhor maneira de lidar com isso. Não quando Paisley se levanta em sua cadeira e grita seu nome. Ele se vira para nos encarar, um sorriso ampliado em seu rosto. Vou lhe dar crédito, pois ele nem vacila quando ela grita:

— Você vai ser meu pai?

A multidão em torno de nós cai em silêncio enquanto minha filha está em sua cadeira, com as mãos na cintura, esperando sua resposta. Ele sopra um beijo para ela porque está prestes a bater. Eu espero que ela surte, mas não. Ela se senta e olha para mim.

— Falei que ele nos amava — diz ela, depois volta a assistir ao jogo.

A multidão recua como se a cena nunca tivesse acontecido e respiro aliviada, até que as garotas malvadas atrás de nós começam a falar.

— Que tipo de mãe deixa a filha pensar que Easton Monroe poderia ser seu pai?

— Patético.

— Ela precisa ensiná-la sobre a vida.

Elas vomitam ódio sem parar.

— Como se ele fosse ser — uma delas zomba. — Como se ele fosse querer uma família pronta. Até parece.

Paisley gira e aponta o dedo minúsculo dela.

— Meu East diz para falar com seu coração. Seu coração não é muito bom. Ele nos ama. Meu Easton, eu e minha mãe somos uma família — diz ela.

Eu estava esperando que ela não as tivesse ouvido. Para evitar um espetáculo maior e causar problemas para East, recolho nossas coisas, pego Paisley e saímos. Só vamos perder metade do último turno e ela não precisa ouvir essa merda. Quero brigar com elas, mas estou tentando dar um exemplo para minha filha, e não quero envergonhar East mais do que já fizemos. Tenho certeza de que ele vai se arrepender de nos pedir para ir ao jogo.

Em vez de ficar por perto, envio uma mensagem para ele.

Eu: Ei, saindo mais cedo. Você teve um ótimo jogo. Me ligue quando chegar em casa.

Coloco Paisley, que está chorando grandes lágrimas, no carro e me acalmo antes de sair do estádio. Ela adormece a caminho de casa, o que é uma coisa boa. Eu preciso de tempo para processar o que aconteceu. Levo P para o quarto dela, tirando os sapatos e fechando a porta do quarto.

Estou muito agitada para me sentar, então fico andando de um lado para outro. Quanto mais penso no que aconteceu, mais perturbada fico. Elas podem falar merda sobre mim, mas sobre minha filha com ela sentada bem ali… Que tipo de mãe sou eu que não explodi com elas? Não defendi meu bebê. Acho que estava em choque, que elas diriam essas coisas sabendo que eu podia ouvi-las. Paisley estava tão absorta no jogo que presumi que não tivesse escutado. É isso que eu ganho por presumir coisas.

Lágrimas quentes pinicam meus olhos. Meu celular toca, e vejo o nome dele piscar na tela. Não posso atender. Assim que ouvir sua voz, vou perder o controle das minhas emoções.

Em vez disso, deixo cair na caixa-postal. A raiva se retorce com a dor de ver as lágrimas de Paisley e pensar na maneira como ela o defendeu, nos defendeu e eu não fiz nada.

Trinta minutos depois, ainda estou andando de um lado para outro e ainda estou com raiva de sair correndo de lá, mas não queria causar uma cena. Vou e volto, representando ser uma covarde.

Estou confusa.

Quando uma batida forte soa na porta, sei que é ele. Respirando fundo, vou até a porta. Assim que a abro e o vejo, perco-me e as lágrimas escorrem pelo meu rosto.



CAPÍTULO 31

Easton

MEU PUNHO BATE NA PORTA, ALTO O SUFICIENTE PARA PREOCUPAR SEUS VIZINHOS. EU NÃO DAVA A mínima para eles, tudo o que me interessa são as duas pessoas que são meu mundo inteiro, e a maldita porta é tudo o que me impede.

Ergo o punho para bater de novo, mas a porta se abre. Larissa está lá, com lágrimas nos olhos.

— Baby — tento segurá-la, mas ela sai do meu alcance, e as lágrimas começam a cair.

— Não — ela avisa.

— Larissa, podemos falar sobre isso? Carol me contou o que aconteceu. Estou tão chateado quanto você, mas me afastar não é a resposta. Nada que disseram importa. Nada.

Meu telefone toca. Olhando para a tela, vejo que é minha mãe. Vou ter que ligar de volta. Deslizo o celular de volta no bolso, pronto para lutar por ela. Ele imediatamente toca de novo. Puxando-o para fora novamente, vejo que é minha mãe e a preocupação corre por mim.

— Sinto muito, sei que estamos no meio de uma conversa, mas é minha mãe e ela nunca liga de volta. Temo que algo esteja errado.

— Atenda — diz ela, acenando com a mão em minha direção.

Ela limpa o canto do olho e meu coração se parte vendo suas lágrimas.

Nunca quero vê-la chorar.

Meu celular para, em seguida, recomeça; desta vez, eu atendo.

— Ei, mãe, está tudo bem?

— Tudo bem, exceto pelo fato de que faz semanas que não falo com meu filho. A propósito, bom jogo.

— Obrigado. Estou bem — asseguro a ela. — Falei com o pai há algumas semanas.

— Esse é o seu pai — ela me repreende.

— Eu sei, me desculpe. Como vai você e o resto do clã Monroe? — pergunto.

Ela fala, mas não estou ouvindo. Toda minha atenção está na mulher em pé na minha frente, enxugando as lágrimas. Preciso desligar com minha mãe, dizer a ela que ligarei de volta, mas também preciso desse tempo para colocar meus pensamentos em ordem. Estou na luta da minha vida, para provar que ela e Paisley são parte de mim e as quero em minha vida agora e para sempre.

— East, você está ouvindo?

— Desculpe, o quê? — pergunto, deixando-a me trazer de volta para a conversa.

— Seu pai disse que você conheceu alguém. — Sua voz é baixa, quase um sussurro, como se fosse um segredo que ela não deveria saber.

— Sim, eu conheci alguém — admito. Os olhos de Larissa se fixam nos meus. Eles ainda estão cheios de lágrimas. — Conheci uma mulher. Ela é incrível, mãe. É linda e inteligente, rala todos os dias e tem olhos verdes brilhantes que me lembram esmeraldas. É uma ótima mãe, me lembra muito de você. — Meus olhos nunca deixam Larissa.

— Ela tem filhos? — mamãe pergunta.

— Sim, uma garotinha. O nome dela é Paisley, e eu juro para você que ela roubou meu coração no minuto em que a conheci. — Olho para Larissa enquanto ela morde o lábio inferior.

Mamãe ri.

— Como está indo? Você se dá bem com ela? Qual é a idade dela?

— Ela acabou de completar cinco anos e, sim, nos damos muito bem. Ela me perguntou se eu seria o papai dela — confesso, enquanto observo uma lágrima deslizar pela bochecha de Larissa.

Mamãe suspira.

— Como você se sente sobre isso?

— Eu não quero nada mais do que ser o pai dela. Pode não ser o meu sangue correndo em suas veias, mas não poderia amá-la mais.

— Oh, East — mamãe diz. — E a mãe dela?

— Eu a amo. Amo as duas. — Um soluço rompe o peito de Larissa. — Ouça, mamãe, Larissa está aqui e nós estávamos no meio uma conversa. Posso ligar de volta mais tarde?

— Ela está aí? East, você deveria ter me mandado para a caixa-postal — ela repreende.

— Eu tentei — digo a ela com uma risada.

— Desculpe — ela responde timidamente. — Me ligue mais tarde. Te amo.

— Também te amo, mãe. — Desligo e coloco o celular de volta no bolso antes de estender a mão para Larissa. Ela pega e me permite levar-nos para o sofá. Ela se senta e eu me sento em frente a ela na mesa de café, segurando suas mãos nas minhas. — Eu te amo, Ris, e amo Paisley. Isso é tudo que importa para mim. Não me importo com quem diz o que pensa sobre nós. Tudo o que importa para mim são vocês duas. Quero que ela sorria quando chegar da escola ou quando pegar uma bola. Quero colocá-la na cama à noite e ler quantas histórias de princesas forem necessárias para ela adormecer.

— Ela também ama você — diz ela, através das lágrimas.

Assinto, porque sei que ama. Ela me contou várias vezes.

— Então, quero poder deitar na cama com você e falar sobre o nosso dia enquanto te seguro em meus braços. Quero fazer amor com você até que estejamos exaustos demais, e não tenha escolha a não ser adormecer. — As lágrimas estão caindo mais rápido, mas continuo, precisando mostrar minha alma para ela. — Sei que a vida comigo não será fácil. Eu tenho cinco ou seis anos até não poder mais jogar. Sei que é pedir muito, mas preciso que me dê um voto de confiança. Confie que podemos fazer isso. Que podemos ser uma família. Quero ser o pai dela e quero que você seja minha esposa.

Sua boca se abre quando me me ajoelho.

— Eu não tinha certeza de quando ia pedir, queria que fosse perfeito, e preciso falar com Paisley — admito, e ela sorri através de suas lágrimas. — Mas quero casar com você. Quero que vocês duas tenham meu sobrenome, e quero ter mais filhos com você. — Coloco minha mão na barriga dela. — Sei que se preocupa, baby. Mas preciso que confie em mim. Não vou machucar nenhuma de vocês. Tudo o que eu quero é amar você e fazer com que Paisley se sinta como a princesa que ela é, e fazer de você minha rainha.

Ela solta uma risada e seu sorriso é ofuscante.

— Eu também te amo — diz ela, correndo para a beirada do sofá. — Meu coração se parte quando penso em não estar com você. Quando penso em dizer a Paisley que você não estará mais por perto. Eu apenas me preocupo…

Eu a interrompo pressionando meus lábios nos dela.

Quando o beijo termina, ela admite:

— Ela nos defendeu e eu não fiz nada. Eu estava com muito medo de causar uma cena, então agarrei-a e às nossas coisas e tirei-a dali. Que tipo de mãe faz isso? Que tipo de mãe não está ali para o filho?

— Não fez nada? — pergunto a ela. — Você mostrou a ela como ser melhor.

Ela ri sem graça.

— Era você. Ela disse a elas que o East diz para falar com seu coração, e que o coração delas não era bom.

— Essa é minha menina — digo, colocando minhas mãos em seu rosto. — Eu te amo. Você é uma mãe incrível, que foi colocada em uma situação difícil. Preciso que saiba que, não importa o que aconteça, eu estou do seu lado. Deus me livre que algo como isso aconteça novamente, mas, se acontecer, minha família vem em primeiro lugar. Você e Paisley são minha família.

— Eu te amo — diz ela, enxugando os olhos.

— Não diga mais. Isso é tudo que eu precisava saber. Confie no amor que temos um pelo outro. Confie em mim para cuidar de vocês duas. — Eu a beijo mais uma vez. — Agora, preciso sair com nossa menina, para que ela e eu possamos conversar. — Eu levanto e a puxo comigo. — Não tem problema eu levá-la para jantar?

Ela acena com a cabeça, mais lágrimas rastreando suas bochechas.

— Não. Tudo bem. Ela está no quarto dela.

— Amo você, Ris. — Eu a beijo mais uma vez, depois caminho pelo corredor para pegar nossa filha. A realidade de poder chamá-la assim, de poder dizer a ela que pode me chamar de papai, é atordoante e animador. Ganha de qualquer vitória que já tive no beisebol.

Paisley está acordada quando entro no quarto dela. Ela abre os braços para mim e eu a pego no colo, dando-lhe um grande abraço.

— Aquelas garotas disseram coisas ruins — ela me diz.

— Eu sei, princesa. Sinto muito.

— Está bem.

— Ei, pensei que você e eu poderíamos sair para jantar. Apenas nós dois.

— Mesmo? — ela pergunta, animando-se.

— Sim, sua mãe disse que estava tudo bem.

— Mamãe não vai também?

— Não, somos só nós. Podemos comer pizza e trazer as sobras dela.

— Pizza de queijo?

— Existe outro tipo?

— Eba! — Ela salta da cama, pega minha mão e me puxa pelo corredor. — Mamãe, você está triste porque nós vamos comer pizza?

— Não, querida. Divirta-se com o East e seja boazinha, ok?

— Ok, mamãe. Venha, East. — Ainda segurando minha mão, ela tenta me puxar para a porta.

Deslizando minha outra mão atrás do pescoço de Larissa, eu a beijo lentamente.

— Voltaremos em breve.

No caminho para a pizzaria, Paisley fala sobre o jogo, como foi divertido e como ela ficou brava com as “garotas malvadas” quando disseram que eu não seria seu pai.

Nós nos acomodamos em uma mesa, Paisley sentada à minha frente porque "é o que garotas fazem". Pedimos nossa comida e, uma vez que nossas bebidas são entregues, é hora de começar.

— Princesa, você me fez uma pergunta muito importante hoje.

— Eu fiz?

Tenho que lutar contra o meu sorriso em sua confusão.

— Fez. Você me perguntou se eu seria seu pai. Sabe o que isso significa?

— Significa que você me ama, beija a mamãe e me coloca para dormir à noite.

— Está certo. Eu quero ser seu pai mais que tudo. Também quero fazer sua mamãe minha esposa. Quero pedir a ela para se casar comigo.

— O que isso significa?

— Bem, mamãe mudaria seu sobrenome para Monroe.

— Eu quero que meu sobrenome seja Monroe.

— Eu adoraria. — Essa garotinha é minha luz.

— Então vai se casar comigo também?

Sorrio para ela. Colocando a mão no bolso, puxo a pequena pulseira para fora. Comprei junto com o anel para Larissa, antes do jogo hoje. Fui em uma joalheria no início desta semana, e ambos os itens pareciam certos. Nunca fiquei mais aliviado da minha decisão do que neste momento. Este é o momento certo. Pode ser rápido, mas amor é amor.

— Oh, que bonito — diz ela, seguindo minhas mãos.

— Quando eu me casar com sua mamãe, eu vou dar a ela um anel. Isto é para você. É uma pulseira com pingentes. Aqui está uma bola de beisebol e um taco, e aqui está meio coração.

— Por que apenas metade?

— Porque sua mãe tem a outra metade. Eu amo muito vocês duas, e ficaria honrado em ser seu pai e lhe dar meu sobrenome. — Estendendo a mão pela mesa, coloco a pulseira em seu punho minúsculo. — Paisley Grey, tenho sua permissão para casar com sua mamãe?

— E comigo também — diz ela, saltando em seu assento.

Sua declaração me faz sorrir e engasgar com lágrimas.

— Sim, princesa, e com você também.

Terminamos nossa pizza e embalamos as sobras em uma caixa para Larissa. Em todo o caminho para casa, ela fala sobre tudo e qualquer coisa, enchendo a caminhonete silenciosa com tagarelice. É algo que eu nunca soube que estava faltando.

— Ei — diz Larissa, nos encontrando na porta.

— Mamãe, olhe. — Paisley estende o punho. — East vai se casar conosco, e nós vamos mudar nossos nomes. — Ela olha para mim. — Você pode repetir?

— Monroe — digo a ela.

— É isso aí. — Ela acena com a cabeça. — Eu vou ser Paisley Grey Monroe, e você vai ser

mamãe Monroe — diz ela, tão séria quanto pode ser.

— Isso mesmo, princesa. Por que não se senta no sofá? Mamãe e eu estaremos bem aqui.

Ela pula para o outro cômodo sem objeção.

— Parece que tudo correu bem. — Ela está olhando para mim com uma sugestão de sorriso no rosto. Quase como se tivesse medo de acreditar que o que a filha acabou de contar a ela é verdade.

— Correu. — Seguro suas mãos e caio sobre um joelho. — Eu te amo, Ris. No momento em que te conheci, soube que você era diferente. Só não percebi como conhecer você mudaria minha vida. Não sabia que não só você, mas aquela menininha ali, iriam se enrolar tanto em meu coração, que ele não seria mais meu. Embarque nessa comigo, baby. — Colocando a mão no bolso, tiro a caixinha preta que contém o anel que escolhi para ela. — Larissa, vai me dar a incrível honra de se tornar minha esposa?

Lágrimas escorrem pelas suas bochechas, mas seu sorriso ofuscante me diz que são lágrimas boas, do tipo que permitem que você saiba o impacto do momento.

— Sim — diz ela, colocando a mão sobre a boca.

De pé, eu deslizo o anel em seu dedo e puxo-a para um beijo. Estando aqui com ela em meus braços, percebo que a felicidade está naqueles que você ama e no amor que eles lhe dão. Eu e minhas garotas temos isso aos montes.

15 MESES DEPOIS

Easton

Levei dois meses, desde o dia em que a pedi em casamento, para convencer Larissa a desistir de sua casa e morar comigo. Paisley aceitara desde o primeiro dia, é claro que ajudou o fato de eu ter um dos quartos de hóspedes transformados em um quarto de princesa para ela. Com a princesa P no meu time, nós vencemos.

Levei mais quatro meses para que ela marcasse uma data e mais seis para que ela se tornasse minha esposa. Cada dia com as duas é melhor que o anterior. Há risadas que enchem o que costumavam ser os quartos silenciosos da minha casa, que agora é um lar. Um lar com minhas garotas.

Hoje é um dia especial de muitas maneiras. É nosso aniversário de casamento de três meses, e pode apostar que vou comemorar. Cada dia é uma celebração, com as duas na minha vida. É também o aniversário do dia em que minha adoção aconteceu, quando me tornei um Monroe. Não passa um dia em que não sou grato por tudo que meu pai trouxe para nossas vidas. Ele é o homem que eu quero ser, espero ser, para minha esposa e minha filha. Mencionei que a partir de hoje também sou oficialmente pai?

Hoje minha princesa tornou-se oficialmente uma Monroe. Assinamos os papéis no tribunal esta manhã, depois saímos para o café da manhã para comemorar. Já era um dia especial, o dia em que ganhei meu pai. O homem que sempre esteve lá por mim. Agora, eu sou esse homem. Posso mostrar a ele o que me ensinou. Como ser homem, como amar. Como lutar por aqueles que você ama. Ele me ensinou a ser pai. Não que algo tenha mudado por causa de um pedaço de papel assinado. Paisley começou a me chamar de papai no dia em que propus a elas e nunca mais olhei para trás. No meu coração, ela é minha. Não preciso de um pedaço de papel para provar isso.

Minha filha.

— Então, senhorita Monroe — digo à minha filha. — O que diria se eu te dissesse que vamos fazer uma viagem hoje? — pergunto enquanto ela espeta outro pedaço de suas panquecas de Mickey Mouse.

Seus olhos se iluminam com empolgação.

— Para onde? — ela pergunta com a boca cheia, fazendo-me rir e minha esposa se encolher.

— Atlanta.

— Sério? — ela pergunta, largando o garfo.

— Sério.

— Eba! — ela comemora, chamando a atenção de quem está sentado ao nosso redor. Ela se agita em sua cadeira quase tombando; felizmente, a avó dela está lá para pegá-la.

— Calma aí — diz minha sogra, Helen, pegando a cadeira e firmando-a.

— Você vem com a gente? — Paisley pergunta a ela.

— Ela vai — digo, sabendo que não está convencida de que é o melhor. Faz duas semanas que insisto e ela continua dizendo que não quer se intrometer. Ela é da família, e precisamos que ela esteja lá.

— Quando vamos? — Paisley pergunta, colocando o copo de leite de volta na mesa. Ela tem uma linha no lábio superior e parece um daqueles comerciais de leite.

— Depois do café da manhã, então precisa terminar — Larissa diz a ela.

Com um aceno de cabeça, ela mergulha de volta em seu café da manhã com entusiasmo, fazendo todos rirmos.

O voo para Atlanta é curto. Papai está nos esperando no aeroporto e, assim que Paisley o vê, corre para os braços dele.

— Vovô — diz ela, animadamente.

Eu vejo como meu pai a pega e a coloca em seu quadril. Ela está ficando grande demais para isso, mas ele não a vê com tanta frequência quanto ele e minha mãe gostariam.

— Ei, princesa P — diz ele, beijando sua bochecha.

— Você sabia que hoje eu sou uma Monroe? — ela pergunta a ele.

Seus olhos enevoados me fazem engolir minhas próprias emoções.

— Eu sabia, docinho — diz ele, abraçando-a apertado.

— Ei, pai — digo, batendo no ombro dele.

— East. Ei, Larissa, Helen, feliz por você poder se juntar a nós — ele cumprimenta.

Depois dos cumprimentos, vamos para o SUV que nos espera. Paisley enche o carro com conversas sobre o nosso dia e os eventos no tribunal. Ela, então, nos diz que é "o melhor dia de todos os tempos", já que toda sua família está unida. Mal sabe ela que todos estaremos juntos. Simplesmente não parecia certo ter esse momento sem o clã Monroe inteiro. Um telefonema para minha mãe, vovó e tia Carrie e tudo foi colocado em movimento.

Chegando à fazenda, lembranças da minha infância me assaltam. Este lugar é como minha casa. Estou muito feliz de compartilhá-lo com minha esposa e filha. Estendendo a mão para Paisley e levantando-a do SUV, ela segura minha mão enquanto entramos. A casa está tranquila, mas eu sei onde eles estão. Quando viramos para a sala de estar, todo mundo grita:

— Surpresa! — E fazem P guinchar.

— Olha, papai. — Ela aponta para a faixa que diz: Paisley Grey Monroe, em letras rosa-choque.

É isso, apenas o nome dela. Não um "seja bem-vinda em casa" ou "seja bem-vinda à família", já que ela já está tão arraigada em nossas vidas que seria tolice. Em vez disso, é o novo nome dela, meu sobrenome que agora está pregado no final do dela, que adorna o cartaz.

Eu a coloco no chão, e ela dá a volta na sala, recebendo abraços e beijos de suas tias, tios e primos oficiais. Ela está adorando a atenção, como eu sabia que faria. Sabia que voltar para casa era o que eu precisava hoje, o que todos nós precisávamos.

— Estou orgulhoso de você — meu pai diz ao meu lado.

— Quem diria, todos esses anos atrás, que eu me tornaria pai pela primeira vez no mesmo dia em que você?

Ele sorri para mim e balança a cabeça.

— Te amo, filho.

— Também te amo, pai.

— O que meus meninos estão fazendo aqui? — mamãe pergunta, envolvendo os braços em minha cintura.

— Só absorvendo as coisas — digo a ela.

Ela sorri para mim, dando outro aperto na minha cintura.

— Bem, desculpe-me, mas minha neta tem um presente para abrir.

— Mãe — eu a repreendo.

— Ela é nossa princesa, afinal de contas. — Ela sorri por cima do ombro enquanto pega uma bolsa que não vi e depois se senta no chão ao lado da minha filha.

Larissa aparece ao meu lado e eu a puxo para os meus braços.

— Obrigada — ela sussurra, sem tirar os olhos da nossa filha.

— Pelo quê?

— Por nos amar.

Dou risada.

— Baby, amar vocês é a parte fácil. Fazer você me amar de volta que eu via como problema. Eu deveria ser o único a agradecer-lhe.

Ela golpeia meu peito de brincadeira. Nós assistimos quando Paisley abre seu presente. É uma pulseira de algum tipo, e estou prestes a perguntar, quando papai explica.

— Tem o nome dela.

— Paisley Grey Monroe — minha filha lê as palavras em voz alta. — Obrigada, vovó. — Ela se lança para minha mãe e eu posso ver as lágrimas nos olhos dela de onde estou.

Mamãe encontra meus olhos do outro lado da sala e sorri. Sei o que esse sorriso significa. Paisley sou eu, e minha mãe é Larissa. Ela sabe o que isso significou para nós e, por sua vez, o quanto significa para minhas garotas.

Larissa se vira nos meus braços e olha para mim. Seu sorriso é ofuscante quando lágrimas enchem seus olhos. Ela ri baixinho enquanto enxuga uma lágrima errante.

— Você tem um minuto? — ela me pergunta.

— Para você, eu tenho uma vida inteira. — Enlaçando meus dedos com os dela, permito que

ela me puxe para fora na varanda dos fundos.

— Eu costumava me preocupar — ela diz, uma vez que a porta está fechada atrás de nós e ela está de volta em meus braços, de costas para a minha frente enquanto olhamos para a paisagem. — Eu costumava me preocupar constantemente e nunca me senti bem resolvida. Isso mudou quando conheci você. — Eu beijo o topo de sua cabeça. Vi a mudança nela, não é nada que ela precise me dizer. — Acho que ele trouxe você para nós. Ele sabia que seria preciso um homem incrível, cheio de amor, paciência e compreensão para romper minhas paredes. Gosto de acreditar que ele escolheu você para nós. Que ele sabia que você seria o pai de que ela precisava, o parceiro de que eu precisava.

— Eu gosto do som disso.

É difícil pensar em tudo que ela perdeu, e meu coração dói por ela, mas então não estaríamos onde estamos hoje. Gosto de pensar que tudo acontece por um motivo. Podemos não saber quais são essas razões na época, mas precisamos ter fé de que tudo funciona como deveria.

— Na última vez que tive essa conversa, o dia começou ótimo e não acabou muito bem. Desta vez, posso sentir, dentro de mim, que é diferente. Não estou preocupada.

— Baby, estou perdido — digo a ela. Não tenho ideia do que ela está falando.

Ela se vira nos meus braços e dá um beijo no canto da minha boca.

— Eu tenho um segredo — ela sussurra.

— Sou seu marido. Nós não temos segredos.

— Desta vez nós temos. — Ela sorri.

— Larissa — aviso.

Odeio não estar envolvido em todos os aspectos de suas vidas. Nunca quero perder um minuto. Já é difícil estar longe delas durante a temporada.

Pegando o celular do bolso de trás, ela toca a tela algumas vezes, depois vira para mim.

— Eu tenho uma coisa para você — ela diz baixinho.

Meus olhos se concentram na tela, e levo um minuto para perceber o que estou olhando.

— O que é isso?

— Você vai ser pai de novo — acrescenta ela.

Minhas mãos apertam seus quadris, puxando-a impossivelmente para perto.

— Nós estamos grávidos?

— Estamos. Estamos no primeiro trimestre.

— Não sei o que isso significa. Você está bem? O bebê está bem? Você passou mal? Por que não me contou? — atiro perguntas mais rápido do que ela pode respondê-las. Algo que acontece muito entre nós dois.

— Significa que estou de cerca de sete semanas, pouco menos de dois meses. Não passei mal, só um pouco enjoada, mas nada de diferente. Estava esperando o momento certo para te contar.

Quando pegamos a data do tribunal, decidi esperar. Queria que você estivesse aqui, com sua família quando descobrisse.

— Você é minha família. — Coloco minha mão na barriga dela. — Vocês três. Nós vamos ter um bebê — digo, pressionando meus lábios nos dela. — Eu te amo, Larissa Monroe.

— Também te amo, Easton Monroe.

Ouço a porta se abrir atrás de nós, e então minha filha diz:

— Eles fazem isso o tempo todo.

E todo mundo ri.

— Venha aqui, princesa — digo, e ela não hesita em correr em minha direção. Eu me afasto de Larissa bem a tempo de pegá-la em meus braços. Pego a mão de Larissa e nós voltamos para dentro. — Posso ter a atenção de todos — digo para a sala. Está cheia com a família, todos aqui para nós. — Nós temos mais uma surpresa para P, para todos vocês, na verdade — admito.

Mamãe ofega e cobre a boca com as mãos. Papai coloca o braço em volta dela, puxando-a para perto. Meus olhos dançam ao redor da sala, observando minha irmãzinha, minhas tias e tios, meus avós e primos, todos sorrindo como se soubessem de nosso segredo. Eu me viro para Larissa.

— Você contou a eles? — sussurro.

Ela balança a cabeça, também sufocada pela emoção de falar.

— Paisley — concentro-me na minha filha —, hoje é um dia muito especial — digo a ela.

— Eu sei. Você e eu somos Monroe no mesmo dia.

— Isso mesmo, nós somos. Você sabe o que mais?

— O quê?— Seus olhos estão arregalados de empolgação.

— Você vai ser irmã mais velha. — A sala fica silenciosa, inacreditavelmente, enquanto todos esperamos sua reação. Ela olha para mim e depois para a mãe, depois para mim.

— É melhor vocês não estarem brincando — ela nos adverte.

— É verdade — diz Larissa, encontrando sua voz.

— Isso! — Ela joga os braços no ar e aplaude.

A sala comemora e recebemos abraços e votos de felicidades. Paisley está tão animada que fala sobre todas as coisas que vai fazer com seu novo irmão ou irmã, incluindo ensinar a jogar beisebol. Isso nos faz sorrir. Ela corre para brincar, e Larissa é arrastada pelas minhas tias perguntando como está se sentindo. Isso me dá tempo para sentar e absorver o momento. Vida e família são o que você faz. Você ama tudo o que tem e vive cada dia como se fosse o último. É exatamente o que pretendo fazer com minha esposa e filhos. Viver cada dia com eles como se fosse o último. Quero estimar seus sorrisos e o som de suas risadas.

Meu pai pega Paisley em seus braços e a senta em seu colo. Mamãe se junta a eles, e eles dão a ela toda a atenção enquanto suas mãos voam de um lado para outro, contando uma história. É difícil descobrir o que ela está dizendo; minha garota tem uma imaginação vívida.

Mamãe sorri para mim, e é o mesmo olhar que ela me deu mais cedo. Aquele que diz que ela tem orgulho de mim, e do homem que me tornei. Aquele que me diz isso até hoje, que não sou o único grato por Jeff Monroe ter entrado em nossas vidas. Por muitos anos, fomos apenas nós, da mesma forma que Larissa e Paisley. Elas nunca mais estarão sozinhas. Estarão repletas de amor, porque é isso que você faz quando é um Monroe. Você se une em torno daqueles que ama.

Paisley se levanta do colo do meu pai e caminha na minha direção. Eu me inclino para cumprimentá-la.

— O que foi, princesa?

— Eu sabia que essa seria a melhor viagem de todas.

— Oh, é? Por quê?

— Porque sim, papai — ela diz, como se eu devesse saber a resposta.

— Por quê, P? — contra-ataco, fazendo cócegas na lateral dela.

— Porque você é meu pai e meu Easton — diz ela, trazendo-me de joelhos.

8 MESES DEPOIS

Larissa

Meu marido está me deixando louca. Exatamente há três semanas, trouxemos nossa menina, Parker Elizabeth, do hospital. Easton tem sido incrível, preocupando-se conosco, sem me deixar levantar um dedo. A primeira semana, mais ou menos, foi apreciada mais do que ele jamais poderia saber, mas hoje, hoje, seu apego está me enlouquecendo. São as férias, o que significa que nós quatro estamos trancados em casa. Paisley está amando toda a atenção do papai… mamãe, não tanto. Amo meu marido com todo meu coração, mas ele tem que me deixar me mover, me dar espaço para respirar.

Quando termino de alimentar Parker, levo-a para cima para trocar a fralda.

— Sente-se, querida, eu cuido dela. — Ele estende os braços, mas eu não solto minha garotinha recém-nascida.

— Easton, sou perfeitamente capaz de trocar a fralda dela.

— Eu sei, mas você a alimentou. — Ele aponta para os meus seios e seus olhos esquentam.

Ignorando o jeito que o olhar dele me faz sentir, me faz querer coisas que é cedo demais para querer, eu me concentro no assunto em questão.

— Sei disso. Mas posso fazer isso. Eu quero fazer isso.

— Ris — ele suspira.

— Por que não liga para Drew e vê se ele quer ir para as gaiolas de rebater? — sugiro.

— O quê? — ele pergunta, chocado. — Não posso te deixar aqui sozinha.

Como se eu não fosse capaz de cuidar de mim ou de nossos filhos.

— Não vou ficar sozinha. Chloe está vindo para sair comigo. Não a vejo desde a primeira semana em que estivemos em casa.

— Vou levar as meninas lá embaixo, para vocês duas poderem conversar.

— East — digo o nome dele na voz de mãe, que sempre coloca P nos trilhos. — Vá. Ligue para os caras. Saia de casa. Você precisa de uma pausa.

Ele zomba.

— Eu não preciso de uma pausa da minha família.

— Bem. Precisamos de uma pausa de você.

Ele coloca a cabeça para trás e a mágoa aparece em seu rosto.

— Veja. Eu te amo. Você é o pai e marido mais incrível. Amo nossa vida, mas, querido, você está me deixando louca. Eu já estive nessa estrada, e viajei na maior parte sozinha.

— Mas não desta vez. Prometi que você nunca faria isso sozinha novamente. Falei sério.

— Você está aqui para nós, todos os dias. Mal viu os caras, desde que eu te disse que estávamos grávidos. Você ainda precisa ter uma vida, mesmo que tenhamos uma família. É um equilíbrio. Você precisa disso, confie em mim.

— O que acontece se você precisar de mim?

— Eu te ligo. Chloe estará aqui. Nada vai acontecer. Vá tomar umas cervejas, balance o taco algumas ou cem vezes. Vá fazer coisas viris. — Ofereço-lhe um sorriso.

— Mamãe, as meninas podem bater bolas também. — Os ouvidos sempre presentes de Paisley captam tudo.

— Isso mesmo, princesa — Easton concorda com ela.

Eu me movo para ficar na frente dele.

— Eu te amo, Easton Monroe. Você precisa de uma pausa também. Vá ligar para Drew. — Antes que ele possa protestar novamente, a campainha toca. — É a Chloe. Nós vamos aproveitar. Você deveria fazer o mesmo. — Com o meu dedo indicador, faço sinal para ele se aproximar. Ele faz o que peço e se inclina, então estamos olho no olho. — Eu te amo, campeão. — Eu o beijo, tomando meu tempo. Quando me afasto, vejo a preocupação deixá-lo.

— Ok. Mas não vou ficar muito tempo fora.

— Tome todo o tempo que precisar — digo, passando por ele para deixar Chloe entrar.

— Tia Chloe. — Paisley corre e envolve os braços na cintura de Chloe.

— Ei, P, você está ajudando mamãe e papai a cuidar da sua nova irmãzinha?

— Quando papai me deixa. — Ela ri.

— Entendi — diz Easton, juntando-se a nós na porta da frente. Ele está com uma camiseta limpa e suas chaves e celular estão na mão. — Não posso acreditar que estou sendo expulso da minha própria casa — ele resmunga.

— Drew está esperando sua ligação. — Chloe sorri.

Ela e Drew se encontravam esporadicamente no começo, mas, nesses últimos meses, parece ter se tornado mais sério.

— Te amo. — Easton se inclina para beijar o topo da cabeça de Paisley. Ele, então, gentilmente, dá um beijo no topo da cabeça de Parker, que está dormindo em meus braços. — Eu também te amo — ele diz baixinho. Sua mão desliza pela minha nuca enquanto ele se inclina e me beija. — Amo você, esposa. Volto logo. — De pé, ele aponta para Chloe. — Cuide delas.

Nós duas jogamos a cabeça para trás em gargalhadas.

— Vá — digo, acenando com as costas da mão livre.

— Amo você — ele fala por cima do ombro, saindo pela porta.

— Me dê. — Chloe estende as mãos para Parker.

Eu a transfiro e, em seguida, pego a mão de Paisley.

— Vamos sentar no sofá. — P fica emocionada por ela ter minha atenção e liderar o caminho. — Então, como estão as coisas com Drew? — pergunto a Chloe.

— Boas. Nos aproximamos nos últimos meses.

— Exclusivamente?

Ela sorri.

— Não oficialmente, mas, sim, estamos indo por esse caminho, eu acho.

— Você precisa de um desses — digo, apontando para uma Parker dormindo.

— Acho que está certa — ela concorda, me chocando.

— Primeira vez que ouço isso.

Ela encolhe os ombros.

— Encontrar um cara que você sabe que vai ficar de verdade muda a perspectiva de uma mulher.

— Nem me fale.

— Papai nunca sai — diz Paisley, acrescentando seus dois centavos à conversa, fazendo-nos rir.

— Seu pai simplesmente nos ama e quer cuidar de nós.

— Eu sei. — Ela suspira. — Posso ir brincar no meu quarto?

— Claro.

Como um raio, ela sai do sofá e corre para o quarto de princesa. Easton ficou maluco quando nos pediu para morar com ele. Tomou a liberdade de fazer um oásis de princesa rosa e roxo para Paisley e, no minuto em que ela viu, implorou para se mudar. Isso dois meses depois que ele propôs. Desde aquele dia, o dia do pedido, nossas vidas foram um redemoinho. Uma espiral cheia de momentos felizes, cheia de amor e riso que nunca quero esquecer.

Nas duas horas seguintes, Chloe e eu nos atualizamos. Ela começou a trabalhar de professora no outono e adora. Eu também terminei minha graduação, mas não estou com pressa de encontrar um emprego. Easton e eu conversamos sobre isso, e quero estar em casa para as meninas, pelo menos por um tempo. Algo que não tive a opção de fazer quando Paisley era pequena.

— Foi bom para conversar — diz Chloe, enquanto caminhamos para a porta da frente.

— Definitivamente. Não precisamos demorar tanto tempo da próxima vez.

— Você está ocupada com três filhos. — Ela dá uma piscadinha, me fazendo rir.

— Que tal você e Drew virem neste fim de semana para um churrasco?

— Tem certeza de que não tem problema?

— Tenho, preciso de mais tempo com minha melhor amiga. Além disso, East não me deixa levantar um dedo.

Dou de ombros.

— Mimada. — Ela sorri. — E pensar que você quase o deixou escapar.

— E ele é a melhor coisa que já aconteceu comigo.

— Além de mim, é claro — brinca ela.

— Isso também. Então, vejo vocês no sábado, às seis horas?

— Estaremos aqui.— Nós nos abraçamos e ela se vai.

Paisley ainda está brincando em seu quarto. Posso ouvi-la cantar junto com seu filme da Disney. Parker está apagada, mas sei que vai acordar logo; está quase na hora de ela mamar de novo.

Decido me sentar e ler por alguns minutos. Assim que pego meu e-reader aberto e coloco meus pés apoiados na mesa, o grito de “estou com fome” de Parker vem pelo monitor.

— Eu vou buscá-la — diz East, me assustando.

— Ei, eu não sabia que você estava de volta.

— Eu estava tentando ficar quieto caso vocês estivessem dormindo. Quer alimentá-la aqui ou no andar de cima?

— No quarto. Estou pronta para dormir.

— Eu também. Vou ajeitar vocês duas e depois começar o banho de P. — Com uma mão gentil, ele me puxa do sofá e coloca a mão nas minhas costas enquanto subimos as escadas para nossas filhas.

Quarenta minutos depois, as duas crianças estão na cama, enquanto nós subimos na nossa. Easton alinha seu corpo com o meu, envolvendo seus braços em mim.

— Sinto muito por hoje. — Lembro-me do olhar de mágoa que brilhou em seu rosto.

— Não há necessidade de desculpas. Eu precisava ser instruído a recuar um pouco.

— Eu te amo, você sabe disso, certo?

— Eu sei. Também amo vocês três. A temporada começa em algumas semanas e vou sentir falta disso. Estou tentando passar tempo com vocês três enquanto posso, antes de viajar. No entanto, foi bom sair e acertar as jaulas por algumas horas.

— Estou feliz que tenha tido esse tempo com os caras. Ah, convidei Chloe e Drew no sábado à noite para um churrasco.

— Então vou ter que enfrentar o frio para cuidar da grelha?

— Como se fosse me deixar. — Dou risada.

— Eu daria a você o mundo, Larissa Monroe.

— Você já deu.

3 ANOS DEPOS

Easton

É incrível como o amor de uma boa mulher pode mudar você. Mudar sua perspectiva de vida. Nada além do beisebol importava para mim, até que encontrei Larissa. Não tenho certeza de como isso aconteceu, mas eu fui o sortudo com quem ela decidiu passar a vida. Ela me deu minhas filhas, as três.

Peyton resmunga em meus braços, enquanto sua mãe dorme pacificamente. Com apenas algumas horas, ela já capturou meu coração como o resto das minhas garotas.

Larissa me acordou um pouco depois da meia-noite quando a bolsa dela estourou. Eu tinha acabado de ir para a cama, depois de ter voltado de um jogo fora de casa. Agradeço às minhas estrelas da sorte por ter conseguido estar aqui. A liga agora oferece licença-paternidade, a qual estou aproveitando ao máximo. Eu estava dividido, não querendo decepcionar meu time, mas, no final do dia, minhas garotas são meu time de casa, e é aí que preciso estar. Sei que qualquer um dos caras que estivesse em minha posição, e aqueles que estiveram, fariam a mesma escolha.

Com apenas algumas horas de vida, Peyton já tem um aperto firme no meu dedo. Não posso evitar, mas me pergunto se ela vai jogar softball como sua irmã mais velha, Paisley? Parker é a cópia de Paisley, não posso imaginar que Peyton será diferente.

— Ei — a voz sonolenta da minha esposa me cumprimenta.

— Ei, linda — sussurro.

— Como ela está?

— Ela é perfeita, Ris. Assim como sua mãe, e suas irmãs. Ela é perfeita — digo novamente, incapaz de tirar os olhos da nossa filha.

— Você vai mimá-la. — Minha esposa ri.

— Claro que vou. — Desta vez desvio os olhos da minha menina dormindo e olho para Larissa. — Você ainda não descobriu? Mimar minhas garotas, vocês quatro, é a missão da minha vida.

Sua risada baixa encontra meus ouvidos e eu aprecio o som. Jurei, anos atrás, fazer o que fosse necessário para manter o sorriso em seus lábios. Eu gostaria de pensar que consegui isso e continuo a fazê-lo.

— Fico feliz que seus pais tenham chegado ontem, em vez de hoje.

— Foi bom não ter que arrastar as meninas para fora da cama para chegar aqui.

— Você falou com eles?

— Mandei uma mensagem para o papai. Ele e mamãe vão trazê-las depois do café da manhã. — Eu olho para fora e vejo que o sol está começando a nascer. — Sua mãe foi para casa descansar um pouco. Ela estará de volta mais tarde.

Peyton se agita em meus braços.

— Você está com fome, docinho? — Seu gemido suave é minha resposta. Com cuidado, me levanto da cadeira e ajudo Larissa a se ajustar. Ela abaixa o vestido, mostrando o peito cheio. — Deus, você é linda. — Ela cora. — Depois de todo esse tempo, ainda posso fazê-la corar.

— Você já me conquistou, East. Pode parar com os elogios. — Ela balança a cabeça, mas um sorriso suave brinca em seus lábios.

— Nunca. — Eu me inclino e pressiono meus lábios nos dela. — Você nunca esteve tão bonita quanto está neste exato minuto.

— Você disse isso no dia em que nos casamos, disse quando Parker nasceu e um milhão de outras vezes.

— Isso é porque está mais bonita a cada maldito dia.

Outro beijo rápido no canto da boca, e eu coloco Peyton em seus braços. Larissa murmura para ela por alguns instantes, até que Peyton decide que cansou e quer mamar. Antes que Larissa tenha a chance, tão gentilmente quanto eu posso, guio seu seio nu para Peyton, colocando o mamilo contra seus lábios. Ela se agarra imediatamente. Eu não consigo tirar os olhos deles. Ver minha esposa alimentando nossa filha na forma mais natural… Meu coração se infla tanto que parece que pode explodir com o amor que corre pelas minhas veias.

Quando ela termina de mamar, eu troco a fralda de Peyton e a coloco de volta nos braços de Larissa, então a porta do quarto do hospital se abre. Ouço Paisley primeiro.

— Shh, Park, mamãe pode estar dormindo.

— Eu sei, irmãzinha — responde Parker.

— Ei, vocês. — Eu abro meus braços, e minhas duas meninas sabem o que fazer. Elas vêm correndo enquanto eu as capturo em um abraço. — Estão prontas para conhecer sua irmãzinha? — Ambas acenam. Ficando de pé, eu pego Parker, colocando-a no meu quadril e seguro a mão de Paisley. — Paisley e Parker, conheçam sua irmã Peyton — eu as apresento, assim como fiz com Paisley para Parker quando ela nasceu.

— Ela é tão pequena. — Paisley agora tem dez anos e é mais madura do que isso.

— Pequena — concorda Parker.

— Por que não sobe aqui e a segura? — Larissa oferece.

Paisley não perde tempo deslizando na cama ao lado de sua mãe.

— Eu seguro — diz Parker.

— Você também — concordo. Paisley se aproxima e eu sento Parker entre ela e Larissa. Pegando Peyton de Larissa, eu a coloco nos braços de PaisleyColoquei Peyton de um jeito que as

pernas dela estão descansando no colo de Parker, então ela também sente como se estivesse segurando sua irmãzinha. — Segure a cabeça dela — instruo.

— Eu consigo — Paisley me garante.

— Também consigo — Parker concorda.

— Ei, filho. — Papai me puxa para um abraço. — Ela é uma beleza.

— Obrigado. — Ele me solta e mamãe toma o seu lugar. — Ei, mãe.

— Você tem uma linda família, East.

Virando a cabeça, eu olho para minhas garotas. As quatro são meu tudo. Não posso imaginar como seria minha vida sem elas.

— Isso eu tenho — concordo com ela. — Realmente tenho.

No resto do dia, temos vários visitantes. Minha sogra veio trazendo comida, pela qual ambos éramos extremamente gratos. Drew e Chloe vieram, mas não puderam ficar muito tempo. A mãe de Chloe estava cuidando da filha dela de três meses, Clara. Fisher e Carr vieram com suas esposas, e a equipe enviou um enorme buquê de flores. Foi um dia perfeito para celebrar o nascimento da nossa nova menina.

11 ANOS DEPOIS

Paisley

Enquanto estou em pé, levo um minuto para memorizar este momento. A multidão é barulhenta, um mar de laranja nos deixando saber que os fãs do Tennessee estão aqui em bandos para nos apoiar. Sei que nesse mar laranja está minha família. Mamãe, papai, Parker e Peyton. Vovó e Vovô Monroe, Vovó, Tia Chloe, Tio Drew, Clara e Clayton, estão todos aqui para me assistir e apoiar minha equipe.

A equipe que levei para o Women's World College Softball Series. Este é o último jogo da série, e estamos em primeiro por dois pontos. Só precisamos de mais um para terminar este jogo e ganhar a série. Este é o último tempo do jogo e os últimos da minha carreira universitária. Eu me graduo na semana que vem, com meu diploma de bacharel em medicina esportiva. Eu me apaixonei pelo jogo, na mesma época em que mamãe e papai se conheceram. Mas não foram seus passos que eu segui, foram os do vovô Monroe. Ele também era um lançador.

— Vamos, Monroe! — Eu ouço da multidão, e sei, sem dúvida, que é meu pai.

Ele se aposentou no meu último ano do Ensino Médio e, desde então, não houve um jogo meu que ele tenha perdido. Ele faz o mesmo com minhas irmãs. Fez disso seu objetivo da sua vida, nunca mais perder outro evento importante em nossas vidas.

Respirando fundo, termino o passo e deixo voar. Strike um. Limpo minhas palmas suadas na calça e repito o processo mais duas vezes. Assim que o terceiro ataque é chamado, eu caio de joelhos. Nem mesmo tento evitar que as lágrimas caiam. Meu sorriso é amplo enquanto meu time me empurra e nós caímos em um montinho no campo. Nós conseguimos. Vencemos a World Series da Women's College.

A próxima hora é repleta de famílias fervilhando no campo, junto com repórteres e fotógrafos. É um momento agridoce, do qual nunca vou me esquecer. Quando dois braços fortes me envolvem e me agitam no ar, sei imediatamente que é meu pai.

— Tão orgulhoso de você, princesa — ele sussurra apenas para mim.

Este homem, meu pai, esteve aqui para mim desde o primeiro dia. Não sei se algum dia poderei mostrar a ele o que seu amor, sua aceitação por mim, fez por mim.

Quando ele finalmente coloca meus pés no chão, me viro para encará-lo.

— Amo você, papai. — Posso ter vinte e um anos, mas ele sempre será meu pai e sempre serei sua princesa. Nada vai mudar isso. Vejo seus olhos brilharem e ele sorri.

— É como se eu piscasse e agora você é essa linda jovem, deixando seu velho de joelhos, assim como fazia quando era uma garotinha.

— Você sabe, apenas falando com o coração. — Dou uma piscadinha, fazendo-o rir.

— Venha aqui. — Ele me puxa para um abraço apertado e é invadido pela mãe e minhas irmãs.

— Então, o que vem depois? — Parker, que agora tem 14 anos, pergunta.

— Você vai sentir falta? — Peyton acrescenta.

Olho para meus pais, que estão com sorrisos correspondentes.

— Estou levando a vida além das bases.

Papai joga a cabeça para trás e ri, assim como minha mãe. Minhas irmãs apenas sorriem. Essas três palavras significam tanto para minha família como “eu te amo”. É algo que papai contou para a mamãe quando eles estavam namorando e ficou com ela, conosco.



CENA BÔNUS

O Casamento

Seis meses é tempo demais para esperar para se casar com o amor da sua vida. Mas, quando esse amor é Larissa, você espera para lhe dar o casamento perfeito. Você espera, dando a ela o tempo que precisa, para ela saber que, não importa o que aconteça, você estará lá. Minhas garotas estão presas comigo.

Eu estou em pé no altar assistindo, esperando minhas garotas. Larissa e eu decidimos que ela e Paisley andariam de mãos dadas pelo corredor juntas. Não estou apenas comprometendo meu amor a Larissa hoje, mas também à minha filha. O orgulho me domina. Ela está me chamando de papai há algum tempo, mas logo será oficial. Primeira coisa na manhã de segunda-feira, antes de partirmos para nossa lua de mel, vamos assinar os documentos para começar o processo de adoção.

Quando a música começa a tocar, eu viro e focalizo meu olhar no corredor. Quando vejo minhas duas belezas aparecerem de branco, tenho que morder a língua para evitar que um soluço escape dos meus lábios. De alguma forma, a partir do momento em que a conheci, eu sabia que era aqui que iríamos acabar. Aqui é onde eu esperava que acabássemos.

Quando elas se aproximam, Paisley pula ao lado de sua mãe e chama por mim.

— Papai! — ela diz em voz alta. — Olhe para o meu vestido. — Ela puxa algumas das rendas brancas para me mostrar. Os convidados riem. — É tão, tão bonito — diz ela, alheia ao fato de que sua mãe está tentando silenciá-la.

— Você é linda — digo, quando elas me alcançam.

Curvando-me, eu a pego nos braços e a coloco no meu quadril.

— E você — eu me inclino e beijo a bochecha de Larissa —, você tira o meu fôlego. — Seus olhos brilham com lágrimas.

— Queridos convidados — o ministro começa a cerimônia. Eu seguro Paisley perto, apertando a mão de Larissa. — Easton — ele dá minha deixa.

Agachando-me, coloco P no chão e pego as mãos dela.

— Paisley, sei que você tem um pai no paraíso, e estou honrado por ter me escolhido para ser seu pai aqui na Terra. Você é uma menina brilhante, bonita e vibrante, e trouxe muito amor e alegria à minha vida. — Tenho que parar para controlar minhas emoções. P está sorrindo com lágrimas nos olhos também. — Hoje, prometo meu amor a você como seu pai. Estarei lá pelos bons e maus momentos, para assustar os garotos até os seus trinta.

A multidão começa a rir.

— Para brincar de pegar comigo? — ela pergunta timidamente.

— Sim, princesa, para brincar com você. Prometo amar você, minha filha, todos os dias da minha vida.

Ela lança seu pequeno corpo para mim, envolvendo os braços em volta do meu pescoço.

— Eu te amo tanto, tanto — ela sussurra.

— Também te amo, P. — De pé com ela ainda em meus braços, alcanço Larissa com minha mão livre.

— Eu aceito. Enquanto eu viver, aceito — ela deixa escapar. — Você nos ama incondicionalmente. Não sei o que fiz para merecê-lo, Easton Monroe, mas agradeço a Deus todos os dias por trazê-lo para nossas vidas. Eu aceito — ela diz novamente.

— Easton? — o ministro pergunta.

— Eu aceito — digo, engolindo o nó de emoção alojado no fundo da minha garganta.

— Um pouco fora de ordem, mas o mesmo resultado — o ministro ri. — Pelo poder investido em mim pelo estado do Tennessee, agora os declaro marido e mulher. Você pode beijar sua noiva.

Deslizando meu braço livre ao redor de sua cintura, puxo Larissa e a beijo ao mesmo tempo que Paisley tira a cabeça do meu ombro e beija minha bochecha.

Fechando meus olhos, seguro meu mundo inteiro nos braços. Quero memorizar este momento, esta sensação de estar completo. Esse sentimento de saber que, a partir de hoje, não apenas no meu coração, mas aos olhos da lei, somos uma família.

Eu e minhas meninas.

Eu não posso agradecer o suficiente por ter tempo para ler Além das Bases. Eu adoraria ouvir o que achou da história.



AGRADECIMENTOS

Alguns de vocês já sabem disso, outros podem não saber. *Além das Bases* começou em uma novela para um Kindle World. Quando o programa foi encerrado, eu tinha uma novela que precisava ser aprimorada para eliminar os vínculos mundiais e estar pronta para publicar. Adorei a história e senti que poderia expandi-la, dar mais profundidade, e foi o que fiz. Espero que você tenha se apaixonado por Easton, Larissa e Paisley. Foi uma alegria escrevê-los, especialmente Paisley.

Para minha equipe:

Sommer Stein, Perfect Pear Creative Covers, não sei como você faz. Eu lhe dou uma imagem, os pontos básicos da trama e toda vez que você produz uma capa que não apenas captura os elementos do livro, mas também nos atrai. Obrigada por ser uma gênia do design e em tudo o que faz.

Sara Eirew produziu outra imagem incrível. Estou guardando esta há um tempo e estou feliz por finalmente ter o livro para encaixar.

Hot Tree Editing, sua equipe é minha salvação. Você me faz trabalhar para isso, para tornar cada livro a melhor versão possível. Obrigada por não pegar leve comigo.

Tami, Integrity Formatting, nunca me preocupo com a aparência do produto final com você no comando. Obrigada por deixar todo livro bonito por dentro.

Give Me Books, você nunca falha. Acaba com o estresse e se preocupa com o dia do lançamento. Não posso agradecer o suficiente por tudo que faz.

Minha equipe beta, **Stacy, Jamie, Lauren**. Vocês não são apenas as minhas beta, mas são minhas amigas. Realmente valorizo as amizades que criamos ao longo desta jornada. Eu estaria perdida sem vocês. Nunca poderei agradecer o suficiente pelo tempo que dedicaram a ler minhas palavras repetidas vezes.

Blogueiros, existem muitos de vocês que tiram um tempo de suas vidas, um tempo longe de suas famílias para apoiar os autores. Agradecer não parece ser suficiente. Vocês não são pagos para fazerem o que fazem. É da bondade do seu coração e do seu amor por ler que me dá combustível. Sem vocês, sem suas páginas, suas vozes, suas críticas, compartilhando, seria muito mais difícil, senão impossível, colocar minhas palavras nas mãos dos leitores. Não sei dizer o quanto seu apoio interminável significa para mim. Obrigada por serem vocês, obrigada por tudo o que fazem.

Meus leitores, eu amo vocês. Não apenas compram meus livros e os leem, mas também me enviam mensagens pelo caminho. Adoro ouvir todos e cada um de vocês. Adoro ouvir seus pensamentos enquanto leem e como a história como um todo tocou a vida de vocês. Sou grata por TODOS vocês, mais do que imaginam. Obrigada por reservarem um tempo para ler minhas palavras.

Minha família, seu apoio contínuo está além da medida. Sou muito agradecida por viver esta vida com vocês. Amo vocês.

My Kick Ass Crew, o nome do grupo fala por si próprio. Vocês realmente arrasam! É uma honra tê-los nesta jornada comigo. Obrigada por lerem, compartilharem, comentarem, sugerirem os teasers, as mensagens, tudo isso. Obrigada, do fundo do meu coração, por tudo o que fazem. Seu apoio é tudo!

Com amor,
Kaylee Ryan

Siga as nossas redes sociais e fique por dentro dos próximos lançamentos:

- ✔ **SITE:** https://allbookeditora.com
- ✔ **FACEBOOK:** https://www.facebook.com/AllBookEditora
- ✔ **INSTAGRAM:** https://www.instagram.com/allbookeditora/
- ✔ **TWITTER:** https://twitter.com/AllBookEditora
- ✔ **SKOOB:** https://www.skoob.com.br/usuario/5521040-allbook-editora